

# BLUMENAU

*em Cadernos*

tomo 50 número 3 maio/junho 2009



Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.  
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

**Editora Cultura em Movimento**

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001  
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

**Prefeito Municipal** | João Paulo Kleinübing  
**Vice-prefeito** | Rufinus Seibt  
**Presidente da Fundação Cultural de Blumenau** | Marlene Schindwein  
**Diretor Administrativo-Financeiro** | Neusa Maria Soares Müller  
**Diretor de Cultura** | Vinicius da Cunha Wolff  
**Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico** | Sueli M. V. Petry

**Blumenau em Cadernos**

**Editor** | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva  
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010  
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br  
**Diretora** | Sueli M. V. Petry  
**Conselho Editorial**  
**Presidente** | Annemarie Fouquet Schünke  
Carla Fernanda da Silva  
Cristina Ferreira  
Gervásio Tessaleno Luz  
Ivo Marcos Theis  
Marcos Schroeder  
Urda Alice Klueger

**Projeto gráfico** | Giba Santos

**Capa** | Liquidificador Comunicação e Arte  
**Normatização do projeto gráfico** | Gláucia Maindra da Silva  
**Revisão** | Valdir A. Petry **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

**Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux**, na área de História - edição 1998,  
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;  
**Prêmio Destaque - 2002**, concebido pela Academia Catarinense de Letras.  
**Homenagem Especial - 2007**, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.  
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.  
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

**Catálogo** | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

---

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],  
1957- .  
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-  
Fundada por José Ferreira da Silva.  
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.  
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome  
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-  
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.  
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos  
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.  
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal  
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração  
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.  
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide  
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9  
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos  
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

## SUMÁRIO

### **Documentos originais | Viajante**

As colônias italianas no Brasil Meridional - Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná

Ranieri Venerosi Pesciolini

Tradução: Lino João Dell Antonio

---

7

Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali Del Brasile

(Rio Grande Do Sul – Santa Catarina – Paraná)

---

8

### **Artigos**

Hotel Holetz: “A propaganda é a alma do negócio”

Wieland Lickfeld

---

36

Contribuições botânicas de Fritz Müller às Instituições de Pesquisa Científica do Rio de Janeiro

Maria Lucia França Teixeira / Marcus Nascimento

Santos / Stefano Hagen / Luiz Roberto Fontes

---

48

### **Burocracia & Governo**

Registros de Imigrantes

---

81

### **Entrevista**

“La Francine” - 40 anos de embelezamento

Sueli Petry

---

91

### **Autores catarinenses**

Geração do deserto - 45 anos

Enéas Athanázio

---

117



## APRESENTAÇÃO

Neste número de maio e junho de 2009, enquanto espaço de divulgação da produção historiográfica, a revista “Blumenau em Cadernos” publica temas que atendem aos mais diversos interesses dos leitores e pesquisadores.

Na coluna bilíngue **Documentos Originais**, o público-leitor encontrará um texto do italiano Ranieri Venerosi Pesciolini, o qual se intitula “*As Colônias Italianas no Brasil Meridional Estados do Rio Grande Do Sul – Santa Catarina – Paraná: condições econômicas e sociais dos colonos os valores da propriedade e as poupanças*”. A tradução foi realizada pelo professor Lino João Dell Antonio. O autor descreve as condições de vivência dos colonos italianos estabelecidos no sul do país no final do século XIX e início do XX.

Em Artigos, Wieland Lickfeld, mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, traz para os leitores o interessante artigo intitulado “*Hotel Holetz: a propaganda é a alma do negócio*”. O autor parte da análise de anúncios publicados na década de trinta em periódicos da cidade para, finalmente, fazer uso destes referenciais, gerando este texto.

“*Contribuições botânicas de Fritz Müller às instituições de pesquisa científica do Rio de Janeiro*”. Com esta chamada os autores Maria Lucia França Teixeira, Marcus Nascimento Santos, Stefano Hagen e Luiz Roberto Fontes publicam um exaustivo trabalho onde referendam biografias, pesquisas e amostras de coletas realizadas pelo pesquisador Fritz Müller, as quais se encontram registradas nos mais diversos herbários do país e do exterior.

Através da seção **Burocracia & Governo**, divulga-se uma lista que se intitula “Registro de imigrantes”. Nela estão mencionados as datas e nomes dos alemães que desembarcaram na Colônia Blumenau entre os anos de 1850 e 1859. A importância deste registro deve-se ao interesse e

procura dos pesquisadores de genealogia em identificar as famílias que se fixaram, neste período, na região.

Na coluna **Entrevista**, é registrado o depoimento de Sulimar Bernardes. Suli, como é conhecida entre as suas amigas, relata vivências da sua atividade profissional no Salão de Beleza “La Francine”, de sua propriedade.

Na seção **Correspondências de Imigrantes**, inicia-se a publicação de uma série de cartas trocadas entre os familiares do Engenheiro Emil Odebrecht. Nesta ponte de contatos entre os parentes residentes na Alemanha já se passaram mais de cento e cinquenta anos da família Odebrecht no Brasil. A tradução dos manuscritos destas correspondências foi um trabalho do casal Rolf e Renate Odebrecht, responsáveis pela produção do livro “Cartas de Famílias: ensaio biográfico de Emil Odebrecht e ensaio biográfico de seu filho Oswaldo Odebrecht Sênior.

O escritor e advogado Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, tece comentários sobre literatura e destaca a obra “*Geração do Deserto*”, de autoria do escritor Guido Wilmar Sassi, relançada em segunda edição.

Para finalizar, foi introduzida a partir desta edição uma “**Galeria de Imagens**”. Trata-se de uma coluna que tem como finalidade divulgar imagens fotográficas do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Muitas são doações de acervos particulares e de fotógrafos profissionais que ao longo de suas vidas desenvolveram um trabalho de registro da memória visual em seus mais diversos ângulos, temáticas e locais. Estas memórias visuais merecem ser reveladas e socializadas para conhecimento e estudo. Neste bimestre, são publicadas fotos registradas pelo fotógrafo Guinther Schroeder, conhecido na cidade pelo seu trabalho junto ao Foto Dietz.

Sueli Maria Vanzuita Petry  
Diretora de “Blumenau em Cadernos”.



As colônias italianas no  
**BRASIL MERIDIONAL**

## DOCUMENTOS ORIGINAIS

Anno IV.

Maggio-Dicembre 1913

N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI CATTOLICI ITALIANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

LE COLONIE ITALIANE NEGLI STATI MERIDIONALI DEL  
BRASILE

(RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA – PARANÁ).

**CONDIZIONI ECONOMICHE E SOCIALI DEI COLONI**

Ranieri Venerosi Pesciolini

Lino João Dell Antonio<sup>1</sup>

### I VALORI DELLA PROPRIETÀ ED I RISPARMI

La condizione generale dei coloni in questi Stati è dunque quella di piccoli proprietari della terra. Il valore di una proprietà può variare a seconda dei luoghi da 1000 a 15.000 e 20.000 lire.

Italiani impiegati e salariati se ne trovano in certo numero nelle collettività urbane di Curytiba in Paranà e di Porto Alegre in Rio Grande: nelle colonie agricole sono pochissimi. Il numero di coloro che non hanno potuto riscattare il lotto coloniale è assai piccolo, considerato nel complesso

---

<sup>1</sup> Tradutor do texto italiano. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp. 256 a 270

**DOCUMENTOS ORIGINAIS - VIAJANTE**  
**AS COLÔNIAS ITALIANAS NO BRASIL MERIDIONAL**  
**ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA –**  
**PARANÁ**

Ranieri Venerosi Pesciolini  
Lino João Dell Antonio<sup>1</sup>

**III**  
**CONDIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DOS COLONOS**  
**OS VALORES DA PROPRIEDADE E AS POUPANÇAS**

A condição geral dos colonos nestes Estados é, portanto, de pequenos proprietários da terra. O valor de uma propriedade pode variar, de acordo com a localização, entre 1.000 a 15.000 e 20.000 libras.

Italianos empregados e assalariados se encontram em determinado número nas comunidades urbanas de Curitiba, no Paraná, e de Porto Alegre, no Rio Grande. Nas colônias agrícolas são pouquíssimos. O número daqueles que não podem saldar o lote colonial é muito pequeno, em relação ao conjunto da população italiana. Por outro lado, é grande o número de chefes de família, principalmente entre os primeiros imigrantes, que fizeram poupanças e que, salvo calamidades, cada ano colocam em reservas entre trezentos a quatrocentos mil réis até a um conto (entre 400 a 500 até 1.680 libras). Através de informações recebidas de pessoas que conhecem o ambiente, creio que, a julgar pelas aparências externas, o número de poupadores seja maior do que possa parecer. Não raro, por

---

<sup>1</sup> Tradutor do texto italiano. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp.. . 256 a 270

della popolazione italiana. Viceversa è grande il numero dei capi di famiglia specialmente fra i primi arrivati, che hanno fatto dei risparmi, e che, salvo disgrazie, ogni anno mettono da parte dai tre a quattrocento *milreis* fino ad un *conto* (da 400 a 500 fino a 1680 lire): credo, per informazioni assunte su larga scala da persone conoscitrici dell'ambiente, che il numero di costoro sia maggiore di quanto può sembrare giudicando da indizi esteriori. Non è raro che coloni per diffidenza ed ignoranza tengano i loro risparmi nascosti nel letto o sotterrati; peraltro ve n'è ora buon numero che li deposita alle banche.

Ma l'impiego più comune del risparmio del colono consiste in molte parti nell'investimento in nuovi lotti coloniali. Sono moltissimi i coloni che, crescendo la famiglia, provvedono ad assegnare un lotto di terra a ciascuno dei figli. So di coloni di Urussanga che posseggono fra le zone vecchie e quelle ancora di lavorare, 20, 30 e più lotti di 20-25 ettari ciascuno.

È una specie di ambizione che hanno i coloni di comprare terra, che indica in essi, anche in parti ove per ora il progresso è lento, fiducia nell'avvenire del paese. Al disopra della massa dei coloni vi hanno poi le fortune dei negozianti, che vanno dalle molte che ammontano a qualche migliaio di lire, fino a quelle più rare di parecchie centinaia di migliaia.

Di famiglie rimpatrianti da questi Stati quasi non se ne hanno, per alcun motivo, a differenza di quanto succede dallo Stato di San Paolo.

## IL TENORE DI VITA DEI COLONI

La vita materiale dei coloni per varî lati è discreta: nel vitto prevale la polenta gialla, cui i coloni erano abituati prima di emigrare, essendo quasi tutti delle provincie Venete; la carne non fa parte del cibo

desconfiança e ignorância possuem suas economias escondidas no colchão da cama ou enterradas. Todavia, há um bom número que as deposita nos bancos.

O emprego mais comum da poupança do colono, em muitos lugares, consiste no investimento em novos lotes coloniais. São muitíssimos aqueles que, aumentando a família, pretendem dar um lote de terra a cada filho. Conheço colonos de Urussanga, que, entre as regiões velhas e aquelas ainda para ocupar, possuem 20, 30 e mais hectares cada um.

É uma espécie de ambição que os colonos possuem em comprar terras. Demonstra neles, mesmo nos lugares onde o progresso ainda é lento, confiança no futuro do lugar. Acima da maioria dos colonos, estão as fortunas dos negociantes, que vão desde um milheiro de liras, até aquelas, mais raras, de várias centenas de milhares. Quase não existem famílias repatriadas por algum motivo destes Estados, com exceção feita ao Estado de São Paulo.

## O NÍVEL DE VIDA DOS COLONOS

A vida material dos colonos, considerada sob vários pontos de vista, é discreta. Na comida prevalece a polenta, à qual os colonos, quase todos das províncias vênetas, eram habituados. A carne não faz parte do cardápio diário, mas se serve muito frequentemente. Com a matança de suínos para a indústria da banha, come-se carne de porco o ano todo. A carne de frango é consumida com frequência nas colônias. A bovina não está tão em uso, pois não é conveniente matar animais grandes em muitos lugares onde a população é rara. Quase sempre, na casa do colono, se come ovos e leite. Pão, só nas colônias do Rio Grande. Também não falta o vinho de sempre, apesar do gosto pouco agradável.

quotidiano, ma si mangia molto spesso. Si mangia specialmente carne di maiale, uccidendosi suini per l'industria della *banha* durante tutto l'anno. La carne di pollo è mangiata frequentemente nelle colonie; non quella di manzo, non essendo conveniente uccidere bestie grosse in molte parti ove la popolazione è rara. Quasi sempre in casa del colono si mangiano uova e latte, del pane solo nelle colonie del Rio Grande; e neppure vi manca di solito il vino, sebbene di gusto poco gradevole.

Il vino è surrogato spesso dalla *cachaça*, alcool estratto dalla canna da zucchero, della quale purtroppo in tante parti si abusa. I danni che produce la *cachaça* sono considerevolissimi e diffusi nelle colonie italiane; l'ubbbriachezza è frequente, e mi assicurarono varii medici che gli effetti dell'alcoolismo si vedono ripercossi anche nella nuova generazione, non essendo raro trovare fanciulli stupidi e deboli di mente fra i figli dei coloni dediti alla *cachaça*.

Le abitazioni sono in maggioranza di legname, ma il numero di quelle in muratura va sempre più aumentando in tutte le colonie. Nondimeno, anche delle case di legno se ne trovano delle povere e trasandate, molte sono abbastanza comode e ben tenute.

Varie volte mi è accaduto di dover dormire e mangiare in casa di qualche colono, ma nella loro semplicità, per il vitto e per l'alloggio mi sono trovato meglio che in tanti alberghi brasiliani; in molte si nota ordine e pulizia che fa onore alle massaie venete. Certe catapecchie e certe baracche sfasciate, coperte di latta e di fascine e con pareti fatte di impasto di terra e stecchi, che ho visto abitare da famiglie italiane in Argentina, nelle provincie di Santa Fè e di Cordova, qui non si trovano.

Si nota generalmente che i figli dei coloni in maggioranza vanno scalzi ed anche si vede una certa povertà e poco decoro negli abiti di tutti i giorni, dai quali si potrebbero inferire in essi da chi non conosce il paese, una condizione di vita più misera di quella che menano il realtà: ciò

O vinho é substituído frequentemente pela cachaça, álcool extraído da cana-de-açúcar, da qual, infelizmente, em muitos locais, se abusa. Os danos que a cachaça produz são muito consideráveis e difusos nas colônias italianas. A bebedeira é frequente e me asseguraram vários médicos que os efeitos do alcoolismo são transmitidos nas novas gerações. Não raro se encontram crianças bobas e retardadas entre filhos de colonos, viciados na cachaça.

As casas em grande parte são de madeira, mas as de alvenaria estão aumentando sempre mais em todas as colônias. Apesar de encontrarmos casas de madeira pobres e descuidadas, muitas são bastante cômodas e bem arrumadas.

Muitas vezes tive que comer e dormir em casa de colonos. Na sua simplicidade, em questão de comida e alojamento, me senti melhor do que em muitos hotéis brasileiros. Percebe-se em muitas residências ordem e limpeza, dignas das donas de casa vênetas. Certos casebres e certos barracos desmantelados, cobertos de latas e gravetos, com paredes feitas de barro amassado e varas, ocupadas por famílias italianas nas províncias argentinas de Santa Fé e Córdova, aqui não existem.

Observa-se que os filhos de colonos, na sua maioria, andam descalços e também se nota certa pobreza e pouca decência no vestir de todos os dias. Quem não conhece o lugar poderia deduzir uma condição de vida mais miserável do que levam na realidade. Isto, como foi dito, é devido aos preços altos dos manufaturados importados. Mas todos tem roupas melhores para usar nas festas.

O trabalho dos colonos no campo, passados os primeiros anos muito duros, nos quais tantos imigrantes sucumbiram, comumente não é muito pesado. Pelo contrário, pelas respostas às perguntas feitas, os colonos sentiam menos cansaço lá que na Itália, antes de emigrar.

è dovuto, come fu detto, alla carezza dei manufatti importati; ma nessuno manca di abiti migliori con cui rivestirsi alla festa.

Il lavoro dei coloni nei campi, passati i primi anni invero molto duri, nei quali tanti emigrati soccombettero, di solito non sono molto gravi; anzi, per quanto abbia domandato, sempre mi sono sentito rispondere dai coloni, che duravano meno fatica colà che in Italia, prima di emigrare.

## CONDIZIONI SANITARIE

Circa le condizioni sanitarie di queste colonie ho già accennato ad alcune malattie più diffuse nei singoli Stati: riassumendo dirò che vere malattie tropicali non vi sono nei tre Stati suddetti. Le nostre colonie del Rio Grande, la maggioranza di quelle del Paranà e di Santa Catharina sono in posizioni sane, ed hanno una percentuale di mortalità molto bassa, anche confrontata con quelle delle nostre campagne.

La malattia più diffusa e che reca maggior danno alle nostre colonie, specialmente in Santa Catharina, è l'*anchilostomiasi*, detto laggiù *mal da terra*.

È relativamente grande il numero dei giovani attaccati da questa malattia, dovuta forse alle acque dei ruscelli che bevono i coloni, forse alla composizione chimica dei terreni<sup>2</sup>. I colpiti da questa specie di anemia, intristiscono e perdono ogni energia fisica e morale.

La malaria è assai diffusa nelle zone litoranee degli Stati di Santa Catharina e Paranà, ma le colonie dell'altipiano paranaense e tutte quelle del sud di Santa Catharina e quelle del Rio Grande, ne sono esenti del tutto.

---

2 <sup>1</sup> V. On. Prof. G. Pieraccini, in: *Emigrazione agricola al Brasile*. Relazione della Commissione Italiana, 1912, Bologna.

## CONDIÇÕES SANITÁRIAS

A respeito das condições sanitárias destas colônias, já mencionei algumas doenças mais comuns em cada um dos Estados. Resumindo, direi que não há doenças propriamente tropicais nos três Estados acima citados. As nossas colônias do Rio Grande, a maioria das do Paraná e Santa Catarina são sadias e possuem uma taxa de mortalidade muito baixa, mesmo comparada com aquela de nossas comunidades rurais.

A doença mais difundida e que provoca muitos prejuízos às nossas colônias, principalmente em Santa Catarina, é a ancilostomíase, conhecida lá como mal da terra.

É relativamente grande o número de jovens atacados por esta doença, provocada ou pelas águas dos riachos que os colonos bebem, ou pela composição química do solo. Os atingidos por esta espécie de anemia, entristecem e perdem toda energia física e mental.

A malária é muito comum nas regiões litorâneas dos Estados de Santa Catarina e Paraná. As colônias do planalto paranaense e todas as do sul de Santa Catarina e do Rio Grande estão completamente livres do mal.

Encontram-se nas colônias com certa frequência tumores malignos, cuja origem é desconhecida. A disenteria, o reumatismo e as pneumonias são as doenças mais comuns. Estas são devidas às frequentes e improvisas mudanças de temperatura. A morte por tétano é também mais comum que entre nós.

Não são raras as picadas de cobras venenosas, mas dificilmente são letais. Existem outros distúrbios, provocados por insetos, aranhas e animais que lá são muito abundantes. São comuns o bicho-do-pé e o berne, animaizinhos, que penetram debaixo da pele, geralmente nos pés e aí depositam uma grande quantidade de ovos, provocando uma supuração,

Si riscontrano nelle colonie con certa frequenza tumori maligni, che non si sa a qual motivo attribuire. Fra le malattie più frequenti sono la dissenteria, le malattie reumatiche e le polmoniti; queste ultime dovute agli improvvisi e continui sbalzi di temperatura.

La morte per tetano è pure assai più frequente che da noi.

Non sono rare le morsicature di serpenti velenosi, ma difficilmente hanno esito letale. Altri disturbi si hanno da insetti, ragni ed animali che sono colà molto abbondanti. Sono comuni il *bicho do pe* ed il *bicho berne*, piccolissimi animaletti che penetrano sotto la pelle, generalmente nei piedi, e vi depositano una quantità grande di uova, producendo una suppurazione talvolta dolorosa: il *bicho berne* è peggiore assai dell'altro, ed attacca anche gli animali bovini.

Pertanto è deficientissima nelle colonie l'assistenza sanitaria. I medici sono rari, e gli ospedali si trovano solo nelle città; nelle colonie non esistono. Solamente da qualche anno a Caxias ed a Bento Gonçalves nel Rio Grande, dei medici italiani aprirono due case di salute od ambulatori, alle quali ricorrono i coloni da grandi distanze per farsi operare.

Se si tratta di malattia per la quale non occorre l'intervento del chirurgo, è difficile che i coloni chiamino il medico; al più si consigliano col parroco. Far venire il medico, in tante parti significa fare una spesa considerevole e non tutti vogliono o possono sostenerla. Muore un discreto numero di individui senza che i parenti sappiano dire di che cosa sono morti. Mancano anche buone levatrici, ed è impressionante, in certe località, il numero delle donne sane che per deficienza di assistenza muoiono di parto.

Oltre pochi medici italiani che da qualche anno si sono stabiliti nelle colonie, e dei quali diversi esercitano la professione con onestà ed anche con moderazione nei prezzi, si ha nelle colonie una quantità di *curandeiros*, individui che senza aver fatto alcuno studio di medicina esercitano

às vezes dolorosa. O berne é pior que o bicho-do-pé e ataca também os bovinos.

Portanto, é muito deficiente a assistência sanitária nas colônias. Os médicos são raros. Os hospitais só existem nas cidades. Nas colônias não há. De algum tempo para cá, em Caxias e Bento Gonçalves, no Rio Grande, médicos italianos abriram duas casas de saúde ou ambulatórios, aos quais os colonos acorrem de grandes distâncias para intervenção cirúrgica.

Em caso de doenças em que não ocorra a intervenção cirúrgica, dificilmente chamam o médico. Na maioria das vezes pedem conselho ao pároco. Solicitar a visita médica, em muitos lugares, significa gastos consideráveis e nem todos querem ou podem enfrentá-los. Um discreto número de indivíduos morre sem que os parentes saibam dizer a causa da morte. Faltam também boas parteiras e em certas localidades é impressionante o número de mulheres sadias, que, por falta de assistência, morrem no parto.

Além de poucos médicos italianos, que de alguns anos para cá se estabeleceram nas colônias e dos quais diversos exercem a profissão honestamente e também com moderação nos preços, há nas colônias uma quantidade de curandeiros, indivíduos, que, sem ter feito qualquer estudo de medicina, a exercem com naturalidade, na maioria dos casos enganando, arruinando e matando pessoas.

Infelizmente, o fato de fazerem boas curas entre os nossos colonos, que recorrem confiantes às suas habilidades, é um índice de ignorância dos mesmos. O pior, porém, é que estes curandeiros exercem a profissão de pleno direito, com o consentimento do governo. Isso acontece porque no Brasil o exercício da medicina é livre a todo aquele que queira dedicar-se e pague uma taxa de 316 mil réis (aproximadamente 500 libras), sem necessidade de ter feito qualquer estudo especializado. Assim estabelecia uma lei federal de dois anos atrás.

la professione, naturalmente, nella maggior parte dei casi, imbrogliando, rovinando ed uccidendo persone.

Purtroppo il fatto che essi fanno affari buoni fra i nostri coloni, i quali ricorrono fidenti alle loro arti è un indice dell'ignoranza di quelli. Il peggio è però che questi *curandeiros* esercitano la professione di pieno diritto, col consenso del Governo: poichè nel Brasile l'esercizio della medicina è libero a chiunque voglia dedicarvisi e paghi una tassa di 316 *milreis* (circa 500 lire), senza bisogno di aver compiuto alcuno studio speciale. Così stabiliva una legge federale due anni or sono.

Tale disposizione è citata dai brasiliani come un esempio lusinghiero della grande libertà che regna nel loro paese!

## LA VITA SOCIALE E INTELLETTUALE NELLE COLONIE

Nel campo intellettuale e sociale, mentre per alcuni riguardi la vita dei coloni ha conservato gli stessi caratteri e le stesse condizioni che aveva in patria, sotto altri riguardi non si può negare che abbia subito un certo regresso in conseguenza dell'ambiente semi-selvaggio in cui i coloni furono internati e tenuti isolati per tanti anni.

### La famiglia.

Moralmente la famiglia colonica italiana niente ha perduto; gli stessi costumi retti, la stessa morigeratezza, si ritrovano anche laggiù. Non si può peraltro negare che il nuovo ambiente promuove una specie di disgregamento nella famiglia, che in Italia non esiste.

I genitori si lamentano in generale che i figli non sono abbastanza obbedienti e rispettosi verso di loro, e ciò è vero; essi tengono

Tal disposição é citada pelos brasileiros como um exemplo lisonjeiro da grande liberdade que reina no seu país!

## A VIDA SOCIAL E INTELECTUAL NAS COLÔNIAS

No campo intelectual e social, enquanto em alguns aspectos a vida dos colonos tem conservado as mesmas características e as mesmas condições que tinham na Itália, sob outros aspectos, não se pode negar que tenha sofrido certo retrocesso, em consequência do ambiente meio selvagem em que os colonos foram colocados e mantidos isolados por tantos anos.

### *A família*

A família campesina italiana nada perdeu moralmente. Os mesmos bons costumes e a mesma morigeração se encontram também lá. Todavia não se pode negar que o novo ambiente é responsável por uma espécie de desagregação da família, que na Itália não existe.

Os pais se lamentam em geral dos filhos, que não são suficientemente obedientes e respeitosos em relação a eles. Isto é verdade. Esses têm nas relações com os pais uma atitude de particular independência, dada pela consciência de não ter necessidade do seu apoio para enfrentar a vida. Todo jovem sabe que, quando lhe apraz, pode deixar a casa paterna, achar terreno e trabalho para si. Este sentimento está vivo nos filhos nascidos no país. Ouvi muitas queixas a este respeito.

Um dia, viajando pelo rio Taquari, um italiano que trabalhava na embarcação me perguntou: - "A Itália não virá jamais fazer aqui um recrutamento de soldados? Porque gostaria muito que meus filhos (tinha 11) fossem soldados no exército italiano. Aqui não há. Com 14 ou 15 anos pegam um cavalo e um facão e fazem o que lhes agrada. Não se consegue

nei rapporti verso i genitori un'attitudine di particolare indipendenza, data dalla coscienza di non aver bisogno del loro appoggio per lanciarsi nella vita. Ogni giovane sa che, quando gli piaccia, può lasciare la casa paterna, trovare terreno e lavoro per sè, e questo sentimento è vivo nei figli nati nel paese. Ho sentito molti lamenti a questo riguardo.

Un giorno navigando sul Rio Taquary, un italiano lavorante sull'imbarcazione mi domandò: - Ma l'Italia non verrà mai a fare quaggiù una leva di soldati? Perchè - mi disse - avrei molto piacere che i miei figli (ne aveva 11) facessero il soldato nell'esercito italiano: in questo paese, creda, non si tengono; quando hanno 14 o 15 anni prendono un cavallo ed un *facão* (coltello) e fanno quel che piace a loro; non si riesce più a farli obbedire. Un po' di servizio militare in Italia, sono certo che li istruirebbe e li abituerrebbe alla disciplina. - Perchè non li fate servire nell'esercito brasiliano? - Piuttosto li *mato* (li uccido) - mi rispose.

Ma tolta un po' di indisciplina, non ebbi mai a notare in queste regioni, neppur lontanamente, quel pervertimento morale che purtroppo più volte ebbi a riscontrare nel disprezzo palese che molti figli di italiani nati in Argentina dimostrano verso i propri genitori che essi chiamano *gringos*.

### Condizioni intellettuali.

Riguardo alle condizioni intellettuali dell'elemento italiano purtroppo non in tutte, ma in varie colonie più fuori di mano, si nota regresso. È vero che molti di questi coloni veneti lasciarono il loro paese essendo poveri ed analfabeti, ma l'isolamento dal mondo civile in cui per tanti anni sono rimasti, isolamento inteso nel senso letterale, cioè mancanza di istruzione e di conforto, in un sistema di vita primitivo, ha lasciato loro e tanto più i figli nati colà, ignari del moderno civile progresso, e sovente ha reso il loro carattere selvatico e diffidente.

mais fazê-los obedecer. Um pouco de serviço militar na Itália, estou certo que os instruiria e os habituaria à disciplina." – "Por que não os fazei servir no exército brasileiro?" – "Mato-os antes", me respondeu.

Apesar desta pequena indisciplina, nunca notei nestas regiões, nem mesmo de longe, aquela perversão moral que, infelizmente, verifiquei no desprezo claro que muitos filhos de italianos nascidos na Argentina demonstram contra seus próprios pais, que os chamam de gringos.

### *Condições intelectuais*

A respeito das condições intelectuais do colono italiano, não em todas, mas em várias colônias localizadas fora de mão, infelizmente se nota atraso. É verdade que muitos destes colonos vênets deixaram sua terra pobres e analfabetos. O isolamento do mundo civilizado no qual durante muitos anos permaneceram, isolamento em sentido literal, isto é, falta de instrução e de conforto, num sistema de vida primitivo, deixou-os, junto com seus filhos nascidos lá, ignorantes do moderno progresso civilizado. Não raro imprimiu neles um caráter selvagem e desconfiado.

Todos absorvidos no seu trabalho material para conseguir a terra e o dinheiro, sem a presença de pessoas que os guiassem, descuidaram de toda a cultura do intelecto. As escolas vieram mais tarde e ainda são muito deficientes.

### *O espírito religioso e a sua influência na vida social das colônias*

O que se conservou e diria que se desenvolveu nestas colônias é o sentimento religioso. Os colonos não sossegavam até que tivessem entre eles os sacerdotes. Muitas colônias que não os têm ainda trabalham e insistem em tê-los.

Não satisfeitos em ter apenas uma igreja paroquial, cada 20 ou 30 famílias construíram para si uma capela.

Tutti assorti nel loro lavoro materiale per procacciarsi la terra ed il denaro, privi di persone che li guidassero, hanno trascurato ogni coltura dell'intelletto. Le scuole sono venute più tardi e sono ancora deficientissime.

*Lo spirito religioso e la sua influenza nella vita sociale delle colonie.*

Ciò che si è conservato e direi si è sviluppato in questi coloni, è il sentimento religioso. Essi non hanno avuto bene finchè non hanno avuto fra loro i sacerdoti, ed ancora molte colonie che ne sono prive fanno pratiche ed insistono per averlo.

Non contenti di avere una sola chiesa parrocchiale, ogni venti o trenta famiglie si sono costruita una cappella.

È stato più volte osservato giustamente che in certe colonie vi sono anche troppe cappelle e rappresentano uno sforzo sproporzionato alle condizioni economiche del popolo: salvo alcune eccezioni, ho constatato che molte sono state costruite per le insistenze della popolazione, talvolta contro la volontà del parroco.

Ciò in parte è dovuto veramente all'attaccamento alle tradizioni, al desiderio di avere nella propria *linea* la capella dedicata al patrono del proprio paese, ma spesso ne è motivo l'interesse bottegaio.

Infatti in questi colonie la vita sociale è ridotta ai minimi termini; le società di mutuo soccorso ed i ritrovi che sono così numerosi nelle colonie nostre di altri paesi, qui sono poche e si trovano solo nelle principali *ville* dei municipi.

Il colono conduce vita chiusa nel cerchio della famiglia; l'unica manifestazione di vita sociale, l'unico ritrovo è la chiesa.

Alla festa i centri ove risiedono le chiese parrocchiali sono affollati di coloni che vengono a cavallo anche da luoghi lontanissimi:

Por mais vezes foi corretamente observado que, em certas colônias, há também capelas demais e representam uma desproporção às condições econômicas do povo. Salvo algumas exceções, constatei que muitas foram construídas graças à insistência da população, às vezes, contra a vontade do pároco.

Isto em parte é devido seguramente ao apego às tradições, ao desejo de ter na própria linha colonial a capela dedicada ao padroeiro do próprio lugar, mas frequentemente o motivo é o interesse comercial.

De fato, nestas colônias a vida social é reduzida aos limites mínimos. As sociedades de ajuda mútua e as reuniões que são tão numerosas nas colônias nossas de outros países, ali são poucas e se encontram somente nas principais vilas dos municípios.

O colono conduz vida fechada ao redor da família. A única manifestação de vida social e a única sociedade de convívio é a igreja.

Nas festas, os centros onde se localizam as igrejas paroquiais estão apinhados de colonos que chegam a cavalo também de lugares muito distantes: homens, mulheres, crianças enchem a praça da igreja, todos vestidos de roupa nova, com os mesmos costumes da Itália. É tanta a afluência que se tem a impressão de estar nos lugarejos do Vêneto.

O domingo não é só um dia de encontro religioso junto às paróquias, mas uma espécie de dia de mercado, no qual os colonos aproveitam para fazer seus negócios e suas compras. Portanto, as lutas e as insistências dos negociantes, que oferecem o terreno gratuito e a ajuda na construção da capela para ter um pároco, não são sempre movidas pelo fervor religioso, mas, em boa parte dos casos, pelo desejo de promover maior movimento comercial nos seus negócios.

Não há dúvida que na população existe um espírito profundamente religioso, mas não se pode ignorar que, em muitos lugares, por falta de instrução, este se tenha degenerado em superstição. O P.

uomini, donne, bambini, affollano la piazza della chiesa tutti rivestiti, con gli stessi costumi d'Italia; talchè si ha l'illusione alla domenica di trovarsi in paesetti del veneto.

La domenica non è solo un giorno di ritrovo religioso presso le parrocchie, ma è una specie di giorno di mercato, del quale i coloni profittano per fare i loro affari e le loro compere. Onde le lotte e le insistenze dei negozianti, che offrono il terreno gratuito ed il concorso nella costruzione della cappella per avere un parroco, non sempre sono mosse da fervore religioso, ma in buona parte dei casi dal desiderio di promuovere maggior movimento commerciale nei loro negozi.

Non vi è dubbio che nella popolazione vi è uno spirito profondamente religioso, ma neppur si può disconoscere che, in molte parti, per mancanza di istruzione, questo sia degenerato in superstizione. Racconta il P. Marzano che fu il primo parroco di Urussanga, che fra i coloni appena arrivati ed installati, il primo pensiero in ogni nucleo era di erigere una cappella.

“Una vecchia immagine portata dall'Italia serviva per essi da icona, e quando l'immagine mancava, uno di essi, dato mano ad una accetta e ad uno scalpello, d'un tronco di legno ne faceva uscir fuori una figura più o meno artistica, la quale, colorita e vestita a lor modo, doveva rappresentare il Santo protettore del loro paese nativo. Niuno al certo poteva ravvisare in quella figura un Santo se non dal nome che era scritto sotto: ma per loro era davvero una rarità, e diveniva ben presto il Santo miracoloso, alla cui venerazione si accorreva poi fin anco da lontane borgate”

“Dacchè vi era l'altare, s'imponeva di necessità un ministro funzionante. In via ordinaria questi era proclamato a voce di popolo: lo si sceglieva fra i cantori che sapessero leggere e scrivere, e lo si chiamava il funzionante e non poche volte anche il *loro prete*”.

“Questi sagrestani facevano spesso davvero le funzioni di

Marzano, primeiro pároco de Urussanga, conta que entre os colonos recém chegados e instalados, o primeiro pensamento em cada núcleo era de erigir uma capela.

“Uma velha imagem trazida da Itália servia para eles de ícone. Quando esta faltava, um deles, com machado e um formão, de um tronco de árvore, fazia sair uma figura mais ou menos artística, a qual, colorida e vestida ao modo deles, devia interpretar o Santo Protetor de seu lugar nativo. Ninguém por certo podia reconhecer naquela figura o Santo a não ser pelo nome, escrito embaixo. Mas para eles era de fato uma raridade e tornava-se logo o Santo Milagroso, e a cuja veneração se acorria até de longínquas aldeias.”

“Desde que havia o altar, se impunha como necessário um ministro para exercer as funções. De modo habitual este era proclamado pela voz do povo. Era escolhido entre os cantores que soubessem ler e escrever e o chamavam de ministrante e não poucas vezes também o seu padre”.

“Estes sacristãos exerciam de fato as funções de sacerdotes. Vestiam paramentos sacerdotais, cantavam as funções e a missa.

“Estes depois davam bênçãos com ritual e aspersionário e achavam lícito benzer qualquer coisa, pessoas doentes, animais, casas e até a uva quando não queria fermentar”.

Desaparecidos certos abusos com a vinda dos sacerdotes, não desapareceu, no entanto, o espírito supersticioso que se associa às práticas religiosas. Veem-se, não raramente, indivíduos, que, apesar de violar as normas fundamentais da religião católica, dão grande importância às formalidades do ritual e às coisas secundárias. Os párocos ainda são solicitados continuamente para bênçãos, que servem infalivelmente aos fins mais diversos. Crê-se firmemente nas bruxarias e se perseguem as feiticeiras.

sacerdoti, vestivano paramenti sacerdotali, e cantavano le funzioni e la messa”

“Essi poi davano benedizioni con rituale ed aspersione e si facevano lecito benedire ogni cosa, persone ammalate, animali, case e fin anche l’uva quando non voleva fermentare”.

Spariti certi abusi colla venuta dei sacerdoti, non è peraltro sparito lo spirito superstizioso che si associa alle pratiche religiose; si vedono non di rado individui che, pur capaci di violare leggi fondamentali della religione cattolica, annettono grande importanza a formalità di rito ed a cose secondarie: i parroci sono ancora richiesti di continuo di benedizioni che devono servire infallibilmente agli scopi più diversi; si crede fermamente alle stregonerie e si perseguitano le streghe.

Lo spirito religioso si riflette in tutti gli atti della vita di queste colonie: ne viene da ciò che il sacerdote occupa una posizione di prim’ordine. Non conosco altri paesi nei quali il parroco goda di eguale autorità; il che deriva altresì dal fatto che egli è generalmente la sola persona nella colonia che abbia istruzione e che si occupi con disinteresse delle cose dei coloni. Il sacerdote è consigliere dei coloni in ogni cosa, anche negli interessi materiali; quando qualcuno si ammala, prima di chiamare il medico si sente il parroco, niente si fa senza il suo parere. Difficilmente un estraneo può trovare ascolto in colonia se non è appoggiato dal parroco: quando ultimamente persone incaricate dal Governo brasiliano si recarono nelle colonie di Rio Grande a far propaganda per le cooperative, non ebbero alcun seguace fino a che i parroci non ebbero detto la loro parola in proposito. Tal fatto pertanto, dati gli saggi e progressisti che spesso si trovano fra i parroci delle colonie, non può che giovare all’interesse delle medesime. Da quanto abbiamo detto risulta che nel parlare delle singole colonie, non si può tralasciare, per darne un’idea esatta di accennare anche ai sacerdoti ed alla situazione della parrocchia.

O espírito religioso se reflete em todos os atos da vida destas colônias. Como consequência, o sacerdote ocupa uma posição privilegiada. Não conheço outros lugares onde o pároco goze de igual autoridade. Isto também decorre do fato que ele é geralmente a única pessoa instruída na colônia e se ocupa com desinteresse pelas coisas dos colonos. O sacerdote é conselheiro dos colonos em qualquer coisa, incluídos os interesses materiais. Quando alguém adocece, antes de chamar o médico, se ouve o pároco. Nada se faz sem o seu parecer. Dificilmente um estranho é atendido se não for apoiado pelo pároco. Ultimamente, quando pessoas encarregadas pelo Governo brasileiro vieram nas colônias do Rio Grande fazer propaganda em favor das cooperativas, não tiveram nenhum êxito até que os párocos não deram a sua palavra a respeito. Isto, portanto, graças aos elementos prudentes e progressistas que frequentemente se encontram entre os párocos das colônias, só podem favorecer o interesse das mesmas.

De fato de tudo aquilo que temos dito ao falar de cada uma das colônias para darmos uma idéia exata, não se pode deixar de acenar também aos sacerdotes e à situação da paróquia.

A causa da degeneração do espírito religioso que é intensamente lamentado pelos próprios párocos, como de outros erros e defeitos na mentalidade de muitos colonos, está exclusivamente na deficiência da instrução e de escolas. Falaremos mais adiante da deficiente organização escolar e daquilo que seria necessário fazer para melhorá-la.

## DIVISÕES ADMINISTRATIVAS NAS COLÔNIAS

Cada Estado, para efeito da administração civil, é subdividido em municípios. O município é um ente constituído muito diferente dos nossos. É autônomo e tem também incumbências políticas. Na

La causa del tralignamento dello spirito religioso, che è vivamente lamentata dai parroci medesimi, come di altri errori e manchevolezze nella mentalità di molti coloni, risiede esclusivamente nella deficienza di istruzione e di scuole. Parleremo più oltre della deficiente organizzazione scolastica e di ciò che occorrerebbe fare per migliorarla.

## DIVISIONI AMMINISTRATIVE NELLE COLONIE

Ogni Stato è suddiviso agli effetti dell'amministrazione civile in municipi. Il municipio è un ente assai diversamente cosituito dai nostri municipi: è ente autonomo ed ha mansioni anche politiche. A capo di ogni municipio è un *intendente*, il quale oltre le facoltà amministrative, di regolare tutti servizi del municipi, raduna in sè anche le attribuzioni di rappresentante del Governo, come da noi il prefetto. L'*intendente* è eletto ogni quattro anni dai cittadini. È da notarsi il fatto che anche nei municipi popolati esclusivamente da italiani, riescono eletti sempre intendenti brasiliani, anche a dispetto delle votazioni: e generalmente sono eletti ossia imposti i candidati del Governo. Questi prendono il titolo di colonnello, non essendovi nel Brasile altri titoli all'infuori di quelli militari.

In alcuni casi in cui risultò eletto un intendente italiano, questi di solito non potè reggere a lungo la carica, sia per poca capacità, sia pur troppo, per gelosie e dissidi fra i connazionali, sia per altri motivi. Attualmente i due soli sindaci italiani sono quelli di Urussanga e di Nuova Trento nello Stato di Santa Catharina.

L'intendente è assistito da un Consiglio municipale composto di sette o nove persone.

Il municipio è diviso in distretti, o frazioni, a capo di ciascuno dei quali sta un *subintendente* nominato dall'*intendente*, che oltre le facoltà

cabeça de cada município está um intendente, o qual, além dos poderes administrativos, de regularizar todos os serviços do mesmo, reúne em si também as atribuições de representante do Governo, como entre nós o prefeito. O intendente é eleito pelos cidadãos a cada quatro anos. É de notar o fato que também nos municípios exclusivamente povoados por italianos, são eleitos sempre intendentes brasileiros, apesar das votações. Geralmente são eleitos, isto é, impostos os candidatos do Governo. Estes recebem o título de coronel, não havendo no Brasil outros títulos além daqueles militares.

Em alguns casos, onde foi eleito um intendente italiano, este, como sempre, não pode exercer integralmente o cargo, ou por pouca capacidade, ou infelizmente por inveja e dissídios entre os conacionais, ou por outros motivos. Atualmente os dois únicos síndicos italianos são o de Urussanga e o de Nova Trento, no Estado de Santa Catarina.

O intendente é assessorado por um Conselho Municipal, composto de sete ou nove pessoas.

O município é dividido em distritos, ou frações, cada um dos quais é administrado por um subintendente nomeado pelo intendente, que, além das funções administrativas limitadas de acordo com a vontade do intendente, tem na sua fração também funções de polícia. Muitos subintendentes são italianos naturalizados. Todo território do município é subdividido em linhas pelo plano de colonização de todas as colônias do Brasil meridional. Os lotes coloniais estão situados sobre linhas ou estradas vicinais, medindo entre duzentos metros de frente sobre a citada estrada e 1.000 ou 1.200 metros de profundidade. Para cada trinta ou trinta e cinco famílias, é nomeado entre os próprios colonos um inspetor, encarregado de controlar a boa ordem naquela região e compensado com a isenção dos impostos municipais.

amministrativamente limitate secondo la volontà dell'intendente, ha nella sua frazione anche funzioni di polizia. Molti sub-intendenti, ha nella sua frazione anche funzioni di polizia. Molti sub-intendenti sono italiani naturalizzati. Tutto il territorio del municipio è poi suddiviso in *linhas*<sup>3</sup> o linee, dal piano di colonizzazione di tutte le colonie del Brasile meridionale. I lotti coloniali sono situati su *linhas* o strade vicinali, e misurano per lo più 200 metri di fronte su detta strada, e 1000 o 1200 metri in profondità. Ogni 30 o 35 famiglie è nominato fra i coloni stessi un ispettore (*inspector*), in caricato di sorvegliare il buon ordine in quella zona, e compensato di tal servizio coll'esenzione dalle imposte comunali.

## L'AMMISTRAZIONE DELLA GIUSTIZIA

Gli Stati sono divisi agli scopi di organizzazione dell'amministrazione della giustizia, in *comarche*, e queste in distretti; a capo vi stanno rispettivamente giudici di comarca e distrettuali; ogni comarca comprende generalmente più municipi.

Fra i giudici distrettuali vi sono anche molti italiani naturalizzati.

Circa la regolarità delle funzioni di giustizia e di polizia in questi Stati, non mancano i lamenti; ogni tanto si verificano soprusi di autorità brasiliane a danno di coloni italiani, di fronte ai quali la giustizia e la polizia si mostrano tarde a procedere, talchè si rende necessario l'intervento del Console d'Italia; e si hanno a questo riguardo vari casi tutt'ora pendenti. Non è raro che si facciano parzialità per alcuni rei, se siano figli del paese, e specialmente se figli di persone danarose od influenti.

---

<sup>3</sup> La *linha* o *linea* è costituita da un numero più o meno grande di lotti coloniali disposti sui due lati di una strada vicinale, lunga talvolta qualche diecina di chilometri.

## A ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA

Os Estados para fins de organização da administração da justiça são divididos em comarcas e estas em distritos. Na cabeça estão respectivamente juízes de comarca e distritais. Cada comarca compreende geralmente mais municípios.

Entre os juízes distritais há muitos italianos naturalizados.

A respeito da regularidade das funções de justiça e de polícia nestes Estados, não faltam queixas. De vez em quando se verificam injustiças de autoridades brasileiras contra os colonos italianos, perante os quais a justiça e a polícia se mostram lentos para agir, de maneira que se torna necessária a intervenção do Cônsul italiano. Sobre o assunto há até agora vários casos pendentes. Não é raro que se façam parcialidades para alguns réus, sejam eles filhos do lugar e especialmente quando filhos de pessoas ricas ou influentes.

Entre os italianos reina comumente a persuasão que pouca coisa possa ser feita pela justiça em termos de proteção, seja por motivos já citados, seja pela dificuldade de atingir os culpados, devido à característica dos lugares. Portanto, se diz que se a justiça é grande, o mato é maior. São convictos que a melhor defesa é aquela que cada um pode dispor por si. A esse respeito, constata-se que, de fato, as pessoas andam armadas de pistola e de grandes facões, aos quais raramente se recorre.

Um subintendente de um distrito do Rio Grande, italiano naturalizado, contou-me que, nas suas funções de delegado de polícia, quando não se tratava de delitos graves, ao invés de entregar os culpados à justiça, obrigava-os a trabalhar durante determinado número de dias na

Fra gli italiani regna di solito la persuasione che poco conta si da fare sulla protezione della giustizia, sia per i motivi suddetti, sia per le difficoltà di raggiungere i colpevoli, dovute alla natura dei luoghi; onde si dice che se la giustizia è grande, il bosco (*matto*) è più grande. Si è convinti che la miglior difesa è quella che ciascuno può apprestarsi da sé, ed in omaggio a tale constatazione di fatto, non vi è persona che non vada continuamente armata di pistola e di grossi coltelli (*facôes*), cui peraltro si ricorre ben di rado.

Un subintendente di un distretto del Rio Grande, italiano naturalizzato, narrandomi come nelle sue funzioni di delegato di polizia, si fosse più volte trovato a vedere le superiori autorità giudiziarie o di polizia assolvere o lasciar fuggire individui rei, che egli con faticosi inseguimenti nei boschi, e talvolta con rischio della vita, aveva rintracciati e presi, sfiduciato dell'organizzazione esistente, aveva messo il sistema di obbligare i rei del suo distretto, quando non si trattasse di delitti gravi, a lavorare per un determinato numero di giorni alle strade in costruzione nel distretto, invece di consegnarli alla giustizia. Egli trovava che il sistema era praticamente efficace, sia per far progredire opere di prima necessità, come sono le strade in quei luoghi, sia come remora all'infrazione della legge.

Non è raro, specialmente nel Rio Grande, il caso di prepotenze e di maltrattamenti di coloni da parte di funzionari locali o di agenti di polizia, che generalmente sono negri o meticci.

Nel municipio di Alfredo Chaves, ad esempio, sembra che il caso sia assai frequente, a giudicare dal fatto che è stato oggetto di un articolo speciale dello Statuto della Società italiana Principe di Piemonte, approvato il 31 dicembre 1911. dice infatti l'art. 7 di detto Statuto: "Nel caso venisse arrestato un socio, e per qualsivoglia motivo maltrattato e percosso dagli agenti della pubblica forza, la Società, rappresentata dal Consiglio amministrativo, protesterà contro tali abusi e violenze innanzi ai

construção de estradas no distrito. Adotara esse sistema porque estava desanimado com a organização existente. Tinha visto muitas vezes as superiores autoridades judiciárias ou de polícia absolver ou deixar fugir indivíduos culpados, por ele capturados e presos, com risco de vida, em cansativas perseguições em matagais. Ele achava que o sistema era eficaz na prática, seja para fazer progredir obras de primeira necessidade, como são as estradas naqueles lugares, seja como freio à infração da lei.

Não é raro, especialmente no Rio Grande, o caso de prepotências e de maus tratos de colonos por parte de funcionários locais ou de agentes de polícia, que geralmente são negros ou mestiços.

No município de Alfredo Chaves, como exemplo, parece que o problema seja mais frequente, a julgar pelo fato que foi objeto de um artigo especial do Estatuto da Sociedade Italiana Príncipe do Piemonte, aprovado no dia trinta e um de dezembro de 1.911.

De fato, diz o art. 7 do citado Estatuto: “Caso vier detido um sócio e por qualquer motivo maltratado e espancado pelos agentes da força pública, a Sociedade, representada pelo Conselho administrativo, protestará contra tais abusos e violências perante os Poderes públicos do Estado. Caso as autoridades estatais não atenderem os justos reclamos do presente artigo, a Sociedade recorrerá ao R. Consulado da Itália para obter a devida satisfação”.

Parece impossível que três ou quatro soldados negros, nestes municípios, cuja população é totalmente italiana, cheguem a cometer abusos e incutir medo nos italianos, sem que estes sejam capazes de se fazer respeitar.

Isto se explica só pelo caráter tímido e excessivamente remissivo dos vênetsos que compõem a população e ainda pelo pouco espírito de solidariedade entre eles. Não há discórdias, mas cada um se ocupa só de suas coisas e a iniciativa do apoio recíproco não aparece.

Poteri pubblici dello Stato. – Qualora le Autorità statali non attendessero i giusti reclami di cui all'articolo presente, la Società ricorrerà al R. Consolato d'Italia per ottenere la dovuta soddisfazione”.

Pare impossibile che tre o quattro soldati negri, in questi municipi, la cui popolazione è interamente italiana, riescano a commettere soprusi e ad incutere paura ad italiani, senza che questi siano capaci di farsi rispettare.

Ciò si spiega solo pel carattere timido ed eccessivamente remissivo dei veneti che compongono la popolazione, ed altresì per il poco spirito di solidarietà fra di loro; non che vi siano discordie, ma ognuno si occupa solo delle cose sue e l'iniziativa dell'appoggio reciproco non sorge.

Se gli italiani in tante colonie si contassero e comprendessero che l'unione fa la forza, potrebbero, pur continuando ad essere rispettosi e deferenti alle Autorità, ottenere maggior considerazione e rispetto per i singoli e per la collettività.

Ma in generale nelle zone coloniali italiane regna la tranquillità; sono rari i delitti di sangue ed i furti; si può girare in località isolate, anche di notte, senza pericolo per la sicurezza personale. La giustizia ha per questo riguardo assai poco da fare.

Le questioni più frequenti nelle colonie sono quelle relative alla proprietà dei fondi. Ne è causa il disordine con cui si fece la distribuzione delle terre pel passato: perciò sorgono numerose questioni di confini, contestazioni di legittimità di possesso di lotti coloniali, ecc.

Nel risolvere tali questione i Governi degli Stati si mostrano equanimi e disposti a rimediare la situazione con opportuni compensi, mostrando di comprendere che è loro interesse favorire la tranquilla operosità dei colonizzatori dei loro territorii.

Se os italianos em tantas colônias se contassem e compreendessem que a união faz a força, poderiam, mesmo continuando a ser respeitosos e atenciosos com as Autoridades, obter maior consideração e respeito para si e para a coletividade.

Em geral, nas regiões coloniais italianas reina a tranquilidade. São raros os homicídios e os furtos. Pode-se andar em localidades isoladas, também de noite, sem colocar em perigo a segurança pessoal. A justiça e respeito disso tem pouco a fazer.

As questões mais frequentes nas colônias são aquelas relativas à propriedade das terras. A causa da desordem está no modo como foi feita a distribuição das mesmas no passado. Como consequências surgem numerosas questões de limites, contestações de legitimidade dos lotes coloniais, etc...

Ao resolver tais questões os governos dos Estados se mostram equânimes e dispostos a remediar a situação com oportunas compensações, demonstrando entender que é seu interesse favorecer a tranquila operosidade dos colonizadores de seus territórios.

# HOTEL HOLETZ



## HOTEL HOLETZ: “A PROPAGANDA É A ALMA DO NEGÓCIO”

Wieland Lickfeld <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma breve análise de anúncios publicados na década de 1930 pelo Hotel Holetz, à época o mais importante empreendimento hoteleiro do município de Blumenau. A análise se dará à luz do modelo das cinco forças que moldam as estratégias competitivas de empresas criado pelo especialista em estratégia empresarial Michael E. Porter, professor da Harvard Business School. Desenvolvido a partir do final da década de 1970 e amplamente aceito a partir das décadas de 1980 e 1990, segue sendo a principal referência do ambiente empresarial no contexto de estratégias competitivas.

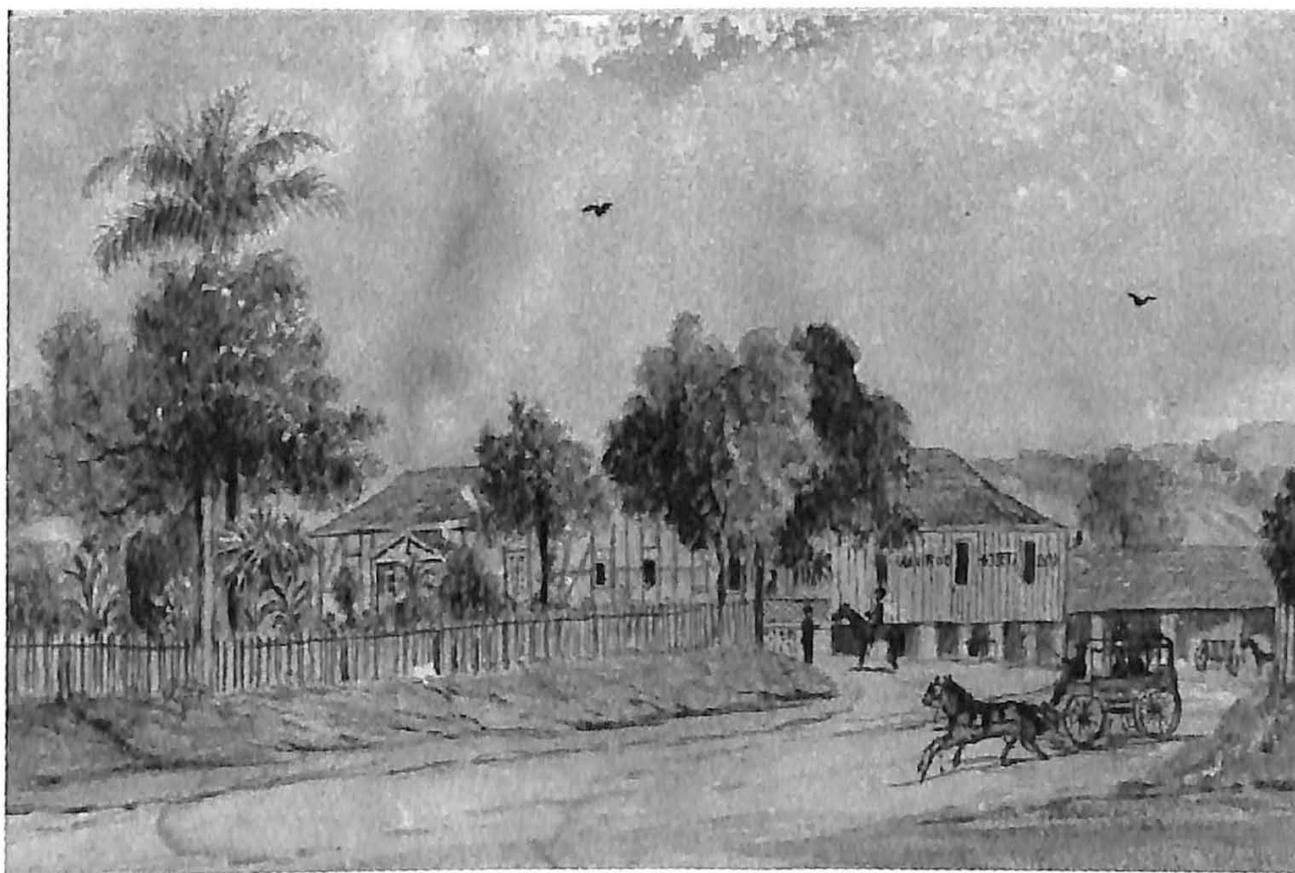
O Hotel Holetz, para os padrões da época em que o empreendimento foi inaugurado, em 1902, foi uma edificação majestosa, imponente, especialmente se considerada a juventude do então núcleo urbano do município de Blumenau e sua ainda precária infra-estrutura de acesso e transportes. Demolido em 1959 com o objetivo de ceder espaço ao então considerado dos mais modernos hotéis do Brasil, o Grande Hotel Blumenau, assim como aconteceu com muitos outros empreendimentos e monumentos arquitetônicos que por longos anos marcaram a paisagem

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração de Empresas (FURB) e Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI).

urbana de Blumenau e deixaram de existir, praticamente não é referência às gerações mais jovens. Para o historiador e escritor Theobaldo Costa Jamundá (1914-2004), o seu desaparecimento criou uma lacuna impossível de ser preenchida. Para ele, o hotel constituía “a própria fotografia do caráter da cidade” (JAMUNDÁ, 1977) e o progresso, ao impor o seu desaparecimento, do ponto de vista da perda do testemunho cultural, exigiu desta o seu mais alto preço.

Suas origens remontam ao século XIX e possivelmente o registro iconográfico mais antigo ao qual temos acesso seja o abaixo, uma aquarela <sup>(1)</sup> sobre a qual aparece o nome de Maurício Holetz (o imigrante Moritz Holetz aqui chegado em 1854) juntamente com a indicação do ano que a imagem deseja retratar: 1879.



Nas décadas de 1880 e 1890 Moritz Holetz já oferecia hospedagem aos viajantes em sua propriedade (SILVA, 1960), com frentes para a atual Alameda Rio Branco e a Rua 15 de Novembro, e tendo aos

fundos o Ribeirão Garcia. O negócio hoteleiro parecia ser a vocação da família Holetz e, anos mais tarde, em 1902 (KORMANN, 1996?), esta inaugurou o empreendimento hoteleiro que foi marco arquitetônico em nossa cidade por quase sessenta anos. Não sem razão foi constantemente citado nas memórias e relatos de viagem de imigrantes recém-chegados e viajantes que nele se hospedaram ou apenas o vislumbraram. A fotografia <sup>(2)</sup> abaixo, da década de 1950, permite observar como o hotel se destacava na paisagem do centro da cidade. Estrategicamente bem localizado, nas proximidades do porto ao qual chegavam os vapores, e na entrada da cidade para que utilizasse o acesso terrestre entre Itajaí e Blumenau, era logo reconhecido por quem chegasse à cidade.



Estas linhas introdutórias desejam motivar o leitor a conhecer melhor a história de Blumenau, mas são sobretudo importantes para que se compreenda o contexto do que aqui se pretende tratar: lançar luz sobre um aspecto mercadológico deste empreendimento, colocado em prática há sete décadas e assaz importante para a sobrevivência do negócio, e que

continua atualíssimo nestes tempos de economia globalizada: sua estratégia de divulgação.

## **O Hotel Holetz e sua estratégia de divulgação**

“A propaganda é a alma do negócio”, assim o dito popular. Consta que o primeiro anúncio publicitário publicado no Brasil data de 1808 quando, com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, foi criado o jornal Gazeta do Rio de Janeiro. Já os primeiros reclames ilustrados teriam aparecido em nossos jornais a partir de 1875.

Não desejamos nos ater às diferenças conceituais entre publicidade e propaganda. Limitar-nos-emos a observar como este empreendimento lançou mão desta poderosa ferramenta estratégica de marketing e vendas, que é a divulgação do negócio, mais de meio século antes do surgimento do modelo de competitividade que norteia as ações da maioria das empresas em nossos dias. Referimo-nos ao modelo criado a partir do final da década de 1970 pelo especialista em estratégia empresarial Michael E. Porter, professor da Harvard Business School.

Para este autor, compreender que existe um ambiente competitivo caracterizado por regras e movimentar-se corretamente nele é fundamental para a sobrevivência das empresas. Segundo Porter (1991),

“a meta final da estratégia competitiva é lidar com regras, e em termos ideais, modificar estas regras em favor da empresa. Em qualquer indústria, seja ela doméstica ou internacional, produza um produto ou um serviço, as regras da concorrência estão englobadas em cinco forças competitivas: a entrada de novos concorrentes, a ameaça de substitutos, o poder de negociação dos compradores, o poder de negociação dos fornecedores e a rivalidade entre os concorrentes existentes.”

De forma sucinta, aplicando o modelo ao empreendimento em estudo, podemos afirmar que: a) a entrada de novos concorrentes

refere-se ao surgimento de novos hotéis na cidade, aumentando ainda mais um ambiente de concorrência já competitivo; b) a ameaça de substitutos refere-se à possibilidade dos hóspedes potenciais se utilizarem de meios de hospedagem não pagos, como casas de familiares ou amigos, ou não regulamentados, como residências que oferecem hospedagem, que podem influenciar negativamente a taxa de ocupação do hotel; c) o poder de negociação dos compradores diz respeito à força dos hóspedes em negociar o valor da diária, exigir facilidades e um elevado padrão de qualidade, pesquisar preços para forçar a concessão de descontos etc., o que pode levar a uma redução da margem de lucro do empreendimento; d) o poder de negociação dos fornecedores refere-se ao aumento dos custos imposto pelas partes que fornecem todo tipo de produtos e serviços ao hotel, como alimentos, toalhas, roupa de cama e outros que, ao elevarem o preço de custo acabam exigindo um aumento no valor das diárias ou uma redução na margem de lucro; e) a rivalidade entre os concorrentes existentes refere-se ao esforço do hotel para conquistar uma fatia de mercado tal que lhe permita, não apenas subsistir enquanto empresa com uma margem de lucro desejada ou aceitável, mas consolidar-se como referência em termos de meios de hospedagem na cidade.

O Hotel Holetz não dispunha de um modelo referencial tão refinado para se posicionar no mercado no período em que nele atuou (Porter parece ter, de fato, criado um modelo referencial a partir de suas observações do mercado e não algo totalmente novo ou desconhecido). Mesmo assim, veremos que sua preocupação, ao divulgar seu negócio, não era outra que sobreviver num mercado competitivo. Vejamos como isso se deu em certo período da década de 1930, num momento em que o empreendimento já não pertencia à família Holetz. Para tanto, propomos a observação de dois anúncios<sup>(3, 4)</sup> do Hotel Holetz em publicações daquela época.



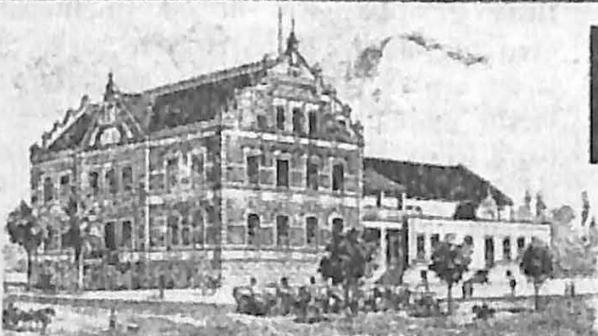
# Hotel Holetz

**Blumenau** — Santa Catharina  
Telephon N.º 65 — Postfach N.º 28 — Telegramm: „HOLETZ“

---

**Bekanntestes Hotel am Platze**  
Saubere und luftige Zimmer — Erstklassige Küche  
Musterzimmer stehen den Herren Reisenden zur Verfügung  
— Genügende Auto-Garagen — Im Zentrum  
der Stadt gelegen.

Der Besitzer: **R. SIEBERT**



# HOTEL HOLETZ

**Besitzer: R. SIEBERT**  
**Blumenau** - Santa Catharina  
Telephon No. 56 — Postfach No. 28  
Telegramm : „HOLETZ“

**Bekanntestes Hotel am Platze**  
Saubere und Luftige Zimmer. Erstklassige Kueche. Musterzimmer  
stehen den Herren Reisenden zur Verfuegung. Genuegende  
Auto Garagen. Im Zentrum der Stadt gelegen.

Ambos têm teor praticamente idêntico: são ilustrados com a imponente edificação que abrigava o hotel, identificam claramente o empreendimento e seu proprietário (o hotel então pertencia a um *Besitzer* de nome R. Siebert, muito provavelmente Reinoldo Siebert, conforme atestam outras fontes), informam o número do telefone (a diferença no *Telephon No.* do hotel pode ter sido um erro gráfico), a caixa postal (*Postfach*), o endereço telegráfico (*Telegramm*), a cidade e o estado onde o hotel se localiza, diferenciam-no de seus concorrentes e dão conta de suas características

com informações detalhadas sobre os serviços prestados e as facilidades oferecidas. Mas, apesar de toda a similaridade, observa-se uma evolução, a nosso ver, qualitativa do primeiro, publicado em 1933, em relação ao segundo, de 1936, no tocante ao seu poder de persuasão. O primeiro, mais discreto, parece chamar menos a atenção do hóspede potencial do que o segundo, com melhor aproveitamento do espaço disponível, dotado de moldura e letras maiores, que, ao facilitarem a leitura, parecem sugerir um maior poder de atração.

O endereço postal comumente utilizado, com rua e número, tão importante para orientar hóspedes potenciais, curiosamente não aparece nos anúncios. Haja vista aparecerem caixa postal e o endereço telegráfico, nada deveria impedir o hotel de receber sua correspondência. Mas como o viajante recém-chegado à cidade encontraria o hotel? Talvez esta informação fosse considerada desnecessária à época. Além de o hotel ser conhecido pela cadeia de transportes ora existente, o viajante, ao se deslocar pelo centro da cidade, dificilmente não reconheceria, *in loco*, a imponente construção que ilustrava os anúncios. Ainda que isso falhasse, certamente não teria dificuldade para encontrar alguém na cidade que lhe prestasse a informação necessária de forma correta. A expressão *Bekanntestes Hotel am Platze*, que pode ser traduzida como "hotel mais conhecido da cidade" (ou "do centro da cidade") é a segunda mais fortemente grafada nos anúncios. Utilizada para diferenciar o hotel de seus concorrentes, parece suprir a suposta falta do endereço postal com rua e número. Afinal de contas, quem é tão conhecido deve poder ser facilmente encontrado. Reforça a indicação quanto à localização do hotel a expressão que aparece ao final do anúncio, *im Zentrum der Stadt gelegen*, "localizado no centro da cidade".

Merece destaque o fato de Reinoldo Siebert não ter, a exemplo do que muitas vezes ocorre nestes casos, mudado o nome do empreendimento. Ao contrário, preferiu mantê-lo, provavelmente por já à época da compra

ter-se tratado de empreendimento com marca consolidada no mercado, referência de hotelaria em Blumenau. No entanto, Siebert parecia saber que “a propaganda é a alma do negócio”, que uma marca supostamente consolidada não deixa as empresas imunes às regras de mercado. Estes anúncios, testemunhos de sua estratégia de vendas, utilizados com o intuito de fazer frente a uma já existente concorrência, publicados ano após ano em diversos veículos de comunicação, parecem demonstrar isso.

A fim de atingir seu objetivo maior, de influenciar a decisão dos hóspedes potenciais, fazendo com que viessem a se tornar clientes, os anúncios fornecem diversas informações a respeito das facilidades e dos serviços prestados pelo hotel. A expressão *saubere und luftige Zimmer* (quartos limpos e arejados) demonstra a preocupação do hotel em fazer com que seus clientes potenciais saibam que se trata de um estabelecimento preocupado com asseio e higiene. Se em nossos dias estes pressupostos para qualquer estabelecimento hoteleiro que almeja sucesso nem sempre correspondem à realidade, podemos compreender a importância deste argumento no contexto das condições de higiene e infra-estrutura das cidades há quase 80 anos atrás. Já *erstklassige Kueche* (cozinha de 1a. classe) procurava demonstrar as vantagens de ser hóspede do hotel a partir da perspectiva gastronômica. Relatos do passado dão conta de que a comida do hotel era realmente muito boa. Um contraste aos dias atuais, quando são cada vez mais raros os hotéis que gozam desse tipo de reputação, apesar dos massivos investimentos nesta área. Como ocorre em nossos dias, já naquela época homens de negócio eram vistos como um público-alvo importante. É isso que nos mostra a expressão *Musterzimmer stehen den Herren Reisenden zur Verfuegung*, equivalente a “salas para a exposição de mostruários encontram-se à disposição dos senhores viajantes”. O vendedor viajante podia contar com uma espécie de *showroom* para receber clientes, demonstrar produtos e concretizar negócios. Sem dúvida, uma

grande facilidade para os vendedores viajantes da época. Àqueles que viajavam de carro era transmitida a tranquilizadora mensagem de que o hotel oferece *genuegende Auto Garagen*, ou seja, "suficientes garagens para veículos". Para completar o anúncio, uma indicação quanto à localização do hotel no centro da cidade, *im Zentrum der Stadt gelegen*, à qual já nos referimos anteriormente.

## Notas de fim

Esforços para vender e conquistar clientes não são fruto de um mundo que se globalizou de forma marcante nas últimas décadas com a queda do protecionismo comercial e a abertura econômica. São resultado de uma necessidade que remonta às origens da atividade comercial entre os povos, e que recebeu impulso definitivo a partir do século XVI com o surgimento do liberalismo econômico e a consolidação dos pilares do capitalismo nos séculos seguintes. Muitos dos imigrantes europeus que aqui chegaram a partir da metade do século XIX estavam, portanto, familiarizados com estes conceitos.

A considerar os relatos dos viajantes que fizeram uso do Hotel Holetz, e seu importante papel na vida social da cidade, podemos assumir que as estratégias utilizadas pelo seu proprietário foram, ao menos durante algum tempo, bem sucedidas. No entanto, isso não impediu que o empreendimento entrasse num período de decadência que culminou com seu lamentável desaparecimento em 1959 (SILVA, 1988). As razões para isso, apenas especulativas, além de muitas outras, podem ter sido: escassez de recursos para investimentos em modernização e assim fazer frente a uma nova concorrência, como a do Hotel Rex, inaugurado em 1950 para os festejos do Centenário de Blumenau com base em conceitos mais modernos de hotelaria; impossibilidade de adaptação do negócio aos desejos e necessidades de uma classe viajante que se tornava mais

exigente; pressão pela iniciativa de romper paradigmas arquitetônicos do passado a fim de dotar o centro da cidade de monumentos arquitetônicos considerados mais adequados à visão progressista dos tempos da passagem da década de 1950 para a de 1960; falta de interesse na continuidade da atividade por parte do proprietário. Fato é que em seu lugar surgiria um novo empreendimento hoteleiro, de características totalmente distintas, e que à época parecia suprir aquilo que o antigo Hotel Holetz já não era capaz de oferecer: o Grande Hotel Blumenau <sup>(5)</sup>.



A constatação parece conferir solidez ao conceito de ‘ciclo de vida de produto’ do universo do *marketing* (KOTLER, 1986). Coincidência

ou não, a história parece se repetir, em algum grau de intensidade, com o Grande Hotel Blumenau, quase cinco décadas depois do seu surgimento.

## ICONOGRAFIA

- (1) Acervo do Arquivo Histórico Professor José Ferreira da Silva.
- (2) Acervo particular do autor.
- (3) Blumenauer Volkskalendar 1933.
- (4) Blumenauer Volkskalendar 1936.
- (5) Acervo do Arquivo Histórico Professor José Ferreira da Silva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAMUNDÁ, T. C. **Theagá**. Florianópolis, ACL, 1977.
- KORMANN, E. **Blumenau: arte, cultura e as histórias da sua gente (1850-1985)**. 2 ed. Blumenau: Edith Kormann, 1996?
- KOTLER, P. **Marketing**. São Paulo: Atlas, 1986.
- NIETSCHE & KÖMKE. **Blumenauer Volkskalendar 1933**. Blumenau: Empreza Graphica, 1933.
- \_\_\_\_\_. **Blumenauer Volkskalendar 1936**. Blumenau: Empreza Graphica, 1936.
- PORTER, M. **Estratégia competitiva**. Campus: Rio de Janeiro, 1991.
- SILVA, J. F. Cervejarias de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo 3, n. 9, p. 161-3, set. 1960.
- \_\_\_\_\_. **História de Blumenau**. 2 ed. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.



**CONTRIBUIÇÕES BOTÂNICAS**  
de Fritz Müller

# CONTRIBUIÇÕES BOTÂNICAS DE FRITZ MÜLLER ÀS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA CIENTÍFICA DO RIO DE JANEIRO

Maria Lucia França Teixeira<sup>1</sup>

Marcus Nascimento Santos<sup>2</sup>

Stefano Hagen<sup>3</sup>

Luiz Roberto Fontes<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO

Fritz Müller iniciou sua carreira científica no curso de filosofia da Universidade de Berlim, inicialmente como zoólogo, atraído pelas sanguessugas dos arredores da cidade e orientado pelo grande naturalista Johannes Müller<sup>5</sup> de 1841 a 1844. Durante o ano de 1842 cursou disciplinas na Universidade de Greifswald, hospedando-se na casa do professor da cadeira de botânica, Christian Friedrich Hornschuch, com quem também conviveu mais tarde, ao cursar medicina, de 1845 a 1849. Formou-se em Filosofia (História Natural) e em Medicina e produziu o total de 248 estudos científicos — todos sobre a história natural de invertebrados e plantas —, publicados entre 1844 e 1899<sup>6</sup>. Foi um naturalista como atualmente já não existem<sup>7</sup>, dedicando-se tanto ao estudo de animais como de plantas,

---

1 Engenheiro Agrônomo. Laboratório de Fitossanidade, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Jardim Botânico, 1008, 22460-000, RJ – BRASIL. E-mail: malu@jbrj.gov.br

2 Biólogo. Laboratório de Fitossanidade. E-mail: msantos@jbrj.gov.br

3 Biólogo e Médico Veterinário. Departamento de Cirurgia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP, Av. Prof. Orlando Marques de Paiva, 87, 05508-000 São Paulo, SP – BRASIL – tel. 11 3091-1428. E-mail: hagen@usp.br

4 Entomólogo especializado em cupins. Biólogo, médico ginecologista e legista. Rua Loefgren, 1543, apto. 104, 04040-032 São Paulo, SP – BRASIL. E-mail: lrfontes@uol.com.br

sempre com enorme profundidade, tanto analítica quanto conceitual, nas fronteiras do conhecimento científico disponível na segunda metade do século XIX. Imigrou para o Brasil a convite do Dr. Hermann Blumenau, deixando a terra natal por motivos de ordem pessoal e política.

Fritz Müller foi o mais expressivo naturalista de nosso país no século XIX. Produziu no Brasil nada menos que 237 das suas 248 publicações<sup>8</sup>, versando sobre invertebrados e plantas da região leste do estado de Santa Catarina, que explorou durante 45 anos consecutivos, de 1852 — ano em que chegou à colônia fundada por Blumenau (atual cidade de mesmo nome), aos 30 anos de idade — a 1897, ano em que faleceu aos 75 anos de idade. Residiu 11 anos em Desterro (atual Florianópolis), exercendo o cargo de professor no Liceu provincial, porém foi a então pequena Blumenau o seu domicílio permanente, onde ele trabalhou no amanho da terra para o sustento da numerosa família. Investigou a natureza, do quintal de sua casa à distantes paragens, alcançadas em demoradas excursões a pé ou, menos frequentemente, em pequenas embarcações no curso dos rios, deslindou segredos de plantas e animais em seu modesto laboratório doméstico, compartilhou conhecimentos através de significativa e volumosa correspondência, deslumbrando o mundo acadêmico com seus achados e com seu apoio generoso aos que a ele recorreram em busca de informação, ganhou fama internacional por suas descobertas e publicações e respeito por suas cartas e intercâmbio. No largo período vivido em nosso país jamais deixou o solo catarinense, que o acolheu como colono imigrante e onde seu corpo repousa na definitiva morada, nem mesmo para conhecer o centro nacional de atividades científicas e capital do Império, a cidade de Rio de Janeiro.

Para manter-se atualizado com a produção científica mundial, ao migrar para o Brasil contou com a colaboração permanente de seu irmão Hermann Müller<sup>9</sup> e do amigo Max Schulze<sup>10</sup> — até a morte de ambos,

respectivamente em 1883 e 1874 —, além de se corresponder por cartas com dezenas de naturalistas do país e do estrangeiro.

## O BOTÂNICO FRITZ MÜLLER

O pendor de Fritz Müller pelos estudos botânicos despertou muito cedo<sup>11,12</sup>. Na infância, o pai, pastor evangélico Johann Friedrich Müller, em passeios pelo campo na cidade natal de Windischholzhausen e a partir de 1828 em Mühlberg, apreciava discorrer sobre plantas e insetos, ensinando aos filhos os valores da natureza. Com sua rica flora, Mühlberg era o campo ideal para passeios botânicos. Lá o pai fez um herbário regional que os filhos, especialmente Fritz e Hermann, fizeram grande esforço para completar. Muito mais tarde, Fritz Müller lembraria as flores de nomes pitorescos e, com o irmão August, com quem imigrara ao Brasil, diria: Nós, irmãos, dele herdamos o amor pela natureza viva.

Na adolescência foi marcante a influência do avô materno, Johann Bartholomäus Trommsdorff, farmacêutico e químico, um renomado professor, cientista e empresário, proprietário da “Farmácia do Cisne” (*Schwanenapotheke*) em Erfurt, capital da Turíngia e próxima da vila natal de Fritz Müller. Johann Trommsdorff fundou o primeiro jornal farmacêutico da Alemanha e muito contribuiu para dar uma conotação científica ao estudo e à atividade profissional farmacêutica. O adolescente Fritz, em 1835, passou a viver com o avô, para cursar o ginásio em Erfurt. Informações da época<sup>12</sup> registram a admiração do avô ao agudo senso de observação de Fritz Müller, e a admiração que este devotava ao avô e ao tio Hermann Trommsdorff<sup>13</sup>, bem como ao farmacêutico administrador da “Farmácia do Cisne”, pois despertaram em Fritz Müller grande interesse pela botânica e vontade de aprender a especialidade farmacêutica, também

estimulada pela amizade do jovem Ernst Biltz, aluno do ginásio e filho de farmacêuticos. Naquela época, a especialidade farmacêutica também era considerada uma formação preparatória e recomendável para o estudo das ciências naturais, que muito atraíam Fritz Müller. Até o final do curso ginásial e especialmente no último ano, ele assimilou e foi instruído nos princípios da farmácia, sendo esta a primeira especialidade que viria a abraçar, tornando-se aprendiz em Naumburg em maio de 1840. Mas, por conta dessa especialidade, Fritz Müller e seus amigos Ernst Biltz e Hermann Koch cresceram demasiadamente no interesse pela botânica, a ponto de serem apelidados “corvos brancos” (*Weisse Raben*) pelos farmacêuticos instrutores, pois destoavam dos demais aprendizes. Dentre os botânicos que os três aprendizes consultavam para sanar suas dúvidas e curiosidades estava Wallroth<sup>14</sup>, que generosamente os tratava de igual para igual, dirigindo-lhes missivas assim encabeçadas: “*Meus queridos amigos em flor*”. A cada dia mais interessado na botânica e inconformado com a disciplina rígida do curso de farmácia, Fritz Müller abandonou o posto de aprendiz em dezembro do mesmo ano, mas o pai o obrigou a retornar. Finalmente, em fevereiro de 1841, com a aprovação do Diretor da escola, Fritz Müller deixou o curso e matriculou-se em Filosofia na Universidade de Berlim, buscando as matérias de matemática e ciências naturais (1841-1844). Com o título de Doutor em Filosofia, em 1845 tornou-se professor no ginásio em que estudara, em Erfurt. Porém, logo mudou de idéia e no mesmo ano partiu para cursar Medicina na Universidade de Greifswald (1845-1849).

No conjunto, o gosto natural pela botânica, a formação farmacêutica provida pelo avô e depois pelo curso de farmácia, o contato amistoso e prolongado com o botânico Hornschuch em Greifswald, e as cadeiras de botânica nos dois cursos universitários (também em Medicina, em que a botânica era matéria de relevo no aprendizado da fitoterapia) contribuíram para a consolidação de conhecimentos fundamentais ao

notável desempenho do naturalista no vasto campo de temas botânicos a que se dedicou.

Na ocupação de naturalista, tanto em solo alemão como brasileiro, o interesse inicial de Fritz Müller dirigiu-se à zoologia<sup>5</sup>, que o ocupou até 1865, com 42 estudos realizados. Sem abandonar os animais, sua atenção à botânica parece ter sido estimulada por Charles Darwin<sup>15</sup>, após a publicação do livro *Für Darwin* em 1864, recebendo desse naturalista artigos e requisições de observações em campo relativas a investigações sobre plantas e animais<sup>16</sup>. Desde então, temas botânicos alongaram-se em praticamente toda a correspondência com Charles Darwin no período de 1865 a 1882 (ano da morte de Darwin)<sup>17</sup> e permearam todo o longo período de sua vida devotada à ciência. Do total de 237 publicações realizadas no Brasil, 96 artigos tratam de temas botânicos, sendo o primeiro publicado em 1866, sobre as plantas trepadeiras da região da atual Florianópolis<sup>18</sup>. Foram 32 anos de estudos botânicos, do quintal de sua casa aos rincões distantes onde excursionava em longas viagens geralmente feitas a pé. Não importava chuva ou sol, dia ou noite, seus estudos prosseguiram ininterruptos, movido pela curiosidade e capacidade de observação que lhe eram inatas, ou para atender ao interesse alheio:

*Hoje já chove há mais de cinco horas, e acabo de ir através do meu jardim para ver qual a posição das folhas da Cassia ... (carta de Fritz Müller a Charles Darwin, 31/05/1881, para atender a uma requisição em carta datada de 12/04/1881<sup>19</sup>)*

Tão profundo foi o envolvimento de Fritz Müller no estudo das plantas, que até mesmo a sua morte foi precedida de um exuberante delírio botânico, com as bromélias que lhe ocupavam a mente sempre operosa<sup>20</sup>:

... Que havia de mais normal que um naturalista tivesse delírios de naturalista? ...

*O que atropelava sua mente no leito de morte não eram lembranças*

*classificadas e catalogadas com rigor científico. Não lhe voltavam outros objetos de antiga pesquisa: crustáceos marinhos e camarões miúdos do rio, abelhas caga-fogo, besouros cortadores de galhos, borboletas que imitavam colibris; nem raros insetos aquáticos como o Paltostoma torrentium, ou o estranho Balanoglossus, nem, egresso da lenda popular, der Minhocão.*

Nada disso. O que se via no seu delírio seletivo eram bromélias, ...

...

Seu cérebro desgovernado não funcionava mais como a máquina de moer fatos para produzir leis gerais — não era assim que Darwin dizia? Impossível raciocinar com método e sequência. Tudo se misturava. Vinha um sussurro longínquo da floresta agitada pelo vento, acompanhando o balé das bromélias que traziam cor e perfume à inauguração da morte.

## COLETAS E INTERCÂMBIO DE MATERIAL BOTÂNICO

Fritz Müller encaminhou material botânico a pesquisadores europeus, por exemplo, os ingleses Charles Darwin e Joseph Dalton Hooker, conforme documentário preservado. Ao último, diretor do Jardim Botânico Real localizado em Kew, próximo a Londres, de 1867 a 1869 ele enviou 483 espécimes de plantas para identificação e que atualmente constam do herbário da instituição<sup>21</sup>. O intercâmbio de material botânico com Darwin era rotineiro, com a remessa de espécimes secos e sementes a Darwin, que retribuía da mesma maneira. Assim, enriqueciam-se os jardins dos dois habitantes opostos pelo oceano Atlântico, que se tornaram laboratórios experimentais<sup>22</sup>:

Os jardins das residências de Fritz Müller e de Darwin eram seus laboratórios; para os leigos, deve ter sido uma decepção, um amontoado de “mato”. O que importava ali não era a beleza da planta e sim suas peculiaridades botânicas. ... as experiências eram realizadas com um propósito definido e às vezes as surpresas aconteciam: obteve-se um inesperado sucesso ao se cruzar plantas de

gêneros distintos. ... Fritz Müller trabalhava ainda no seu jardim de Desterro onde ele residiu até junho de 1867, quando então regressou para o Vale do Itajaí.

...

*Gesnerias, Maxillarias, Plumbagos, Coccocypselum, Eschescholtzias, Heteranthera reniformis etc. devem ainda estar vicejantes nos jardins de Down House e com muita probabilidade também em Kew.*

...

*Da mesma maneira, é bem possível que nos jardins que rodeiam a casa de Fritz Müller, hoje museu, ainda se encontrem plantas oriundas das sementes enviadas por Darwin.*

...

*Infelizmente, como a casa que pertenceu a Fritz Müller passou por muitos responsáveis que nenhum conhecimento de botânica tinham e, por conseguinte, não faziam idéia dos tesouros biológicos ali existentes, parecendo-lhes simplesmente erva ou mato qualquer, a possibilidade que tenham sido erradicadas é muito grande.*

Em nosso país, sabemos que no início da década de 1870 Fritz Müller manteve contato com o Dr. Nicolau Joaquim Moreira, — bem antes que este assumisse o cargo de diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, posição que se efetivou em 1883 —, e não é improvável que lhe tenha encaminhado espécimes botânicos para estudo, antes mesmo de assumir o cargo de naturalista viajante do Museu<sup>23</sup>.

A designação para o cargo de naturalista viajante do Museu Nacional<sup>24</sup>, no período de 15 anos (1876 a 1891), facultou a Fritz Müller proventos financeiros que lhe permitiram excursionar em investigação e coleta de plantas e animais, que enriqueceram as coleções do Museu e se preservam, ao menos em parte, até a atualidade.

As amostras coletadas por Fritz Müller e eventualmente depositadas em outros herbários europeus aparentemente ainda não foram documentadas. Em nosso país, recentemente tivemos a oportunidade de examinar o material dos herbários do Museu Nacional e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde localizamos amostras coletadas por Fritz Müller,

que aqui arrolamos (Tabelas 1 e 2). Além do valor histórico, esse material nos permite rememorar alguns ambientes percorridos pelo naturalista e seus interesses de coleta.

### Amostras botânicas no Rio de Janeiro – Uma avaliação geral

Preservaram-se 158 amostras, sendo 152 no Museu Nacional e 6 no Jardim Botânico.

A amostra com data mais antiga é de 1874 e está depositada no herbário do Museu Nacional. Portanto foi coletada antes da contratação de Fritz Müller como naturalista viajante do Museu. Trata-se da *Begonia echinosepala*<sup>25</sup>, uma erva terrestre nativa dos estados de Santa Catarina e Paraná, própria do ambiente de floresta úmida, bioma Mata Atlântica.

Curiosamente, dentre os interesses botânicos do naturalista, que evidenciavam as orquídeas e as bromélias, exemplares dessas famílias tão bem representadas na flora catarinense faltam nos dois herbários. Existe apenas um exemplar de orquídea, no herbário do Jardim Botânico (Tabela 2); nada mais.

Em outubro de 1876, Fritz Müller fez a primeira expedição na qualidade de naturalista viajante do Museu Nacional para conhecer os **campos** na região do planalto a oeste no rumo de Curitiba, a cerca de mil metros de altura, onde as condições climáticas proporcionavam o surgimento de uma flora diferente. Surpreendeu-se com o clima seco e fresco, a flora de pinheiros, flores como miosótis e violetas e frutas típicas de clima temperado como figos, uvas, ameixas e pêssegos<sup>26</sup>. Deste local, constam 22 registros de coletas botânicas em 1876 e 15 no ano seguinte. A maioria é composta por plantas herbáceas como o *Hypericum catharinense* e graminóides como as do gênero *Andropogon*, nativas e típicas do ecossistema de campos naturais, sendo algumas restritas a região sul do Brasil, como *Adesmia muricata*<sup>27</sup>.

Alguns registros de coletas na Ilha de Santa Catarina remetem a espécies do bioma **Mata Atlântica**, como a frutífera *Rollinia longifolia*, *Polypodium hirsutissimum* (nativa da floresta com Araucária), a medicinal *Anchietea salutaris* e plantas típicas de **vegetação praieira** como a *Dalbergia ecastaphyllum* coletada na Praia de Fora, em Desterro (Tabela 1).

Vários exemplares foram coletados nas margens dos corpos d'água, como *Podocarpus lambertii* no rio das Marombas, *Ranunculus flagelliformes* no rio Itajaí, *Prockia crucis* no rio Taió, *Desmanthus virgatus* no rio das Pedras e *Berberis* no rio Claro (Tabela 1). As coletas não se limitavam a árvores, arbustos e herbáceas, mas incluíram plantas aquáticas como o *Myriophyllum aquaticum*, musgos coletados sob troncos e pedras em grutas, como as amostras de *Fissidens* e *Dicranum*, epífitas como a orquídea *Campylocentrum ornithorrhynchum*, cipós como a *Cuscuta* e trepadeiras como o *Phrygilanthus eugenioides*, indicando a intenção do coletor de retratar a riqueza dos ambientes daquela região da forma mais abrangente possível.

Numerosos registros de plantas de **restinga** e **vegetação praiana**, como *Dalbergia variabilis* e *Ipomoea*, referem-se a coletas não datadas realizadas em Itajaí, litoral da província de Santa Catarina, onde locais como a praia Brava ainda hoje preservam as vegetações de dunas e restinga. Mas esses biomas estão em franca degradação e ameaçados de extinção, pela exploração predatória dos terrenos costeiros planos e facilmente desmatáveis, utilizados para a construção de condomínios e casas de veraneio.

*Pilea* e *Drimys winteri* foram coletados em 1876 respectivamente ao sul do rio das Marombas e nos seus afluentes, e *Berberis laurina* foi coletada a oeste da serra de Itajaí, todos em **faxinais** e **restingas**. O sistema Faxinal corresponde a uma forma de organização camponesa ocorrente na região de Mata com Araucária, formada por terrenos justapostos de várias famílias que, de forma coletiva, se dedicam a atividades silvo-pastoris, à

policultura de subsistência e criação de seus animais em campos abertos. É uma forma de uso sustentável, uma vez que preserva o ecossistema da Mata com Pinheiro do Paraná, sem renunciar totalmente a seu uso<sup>28</sup>.

As coletas de *Echinodorus tenellus* e *Eleocharis grandis* foram feitas nos **banhados** localizados nos campos de Curitiba. Banhados são áreas constantemente ou provisoriamente alagadas, com solo saturado e rico em matéria orgânica de origem vegetal, o que resulta num ambiente colonizado por plantas e animais adaptados à vida sob influência da água<sup>29</sup>.

Atualmente, tanto os banhados como os faxinais também se encontram ameaçados de degradação ou extinção por ação humana — o primeiro por aterros para obras de infra-estrutura, deposição de lixo e drenagem para uso agropecuário; o segundo pela desagregação do sistema produtivo familiar, que culmina com a venda da terra aos grandes fazendeiros. Os faxinais, na época muito comuns nos estados do sul, hoje estão circunscritos a localidades no estado do Paraná.

## MUSEU NACIONAL

O Museu Nacional é a mais antiga instituição científica do Brasil e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Foi criado por D. João VI em 1818, inicialmente sediado no campo de Sant'Anna com a denominação de Museu Real, para atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país, quando o Brasil recebeu a família real portuguesa, em fuga da invasão napoleônica. Sua denominação alterou-se para Museu Imperial e Nacional em 1824 e Museu Nacional em 1890. A partir de 1892 fixou-se no Paço de São Cristóvão, residência da Família Imperial brasileira até 1889.

Grande crescimento ocorreu sob a gestão de Ladislau de

Souza Mello e Netto, diretor no período de 1874 a 1893 e que, entre inúmeras melhorias na estrutura física, organizacional e nos quadros científicos, também contratou no cargo de naturalista viajante estrangeiros especializados nas ciências naturais, com residência temporária ou fixa no país. Esses naturalistas muito progresso trouxeram ao conhecimento da natureza brasileira e acréscimos às coleções científicas do museu. Nesse cargo permaneceu contratado Fritz Müller durante 15 anos (1876-1891).

O Museu Nacional foi incorporado em 1946 à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Reúne grandes acervos científicos, laboratórios de pesquisa e cursos de pós-graduação. As peças que compõem as exposições abertas ao público são parte dos 20 milhões de itens das coleções científicas conservadas e estudadas pelos Departamentos de Antropologia, Botânica, Entomologia, Invertebrados, Vertebrados, Geologia e Paleontologia. O Museu dispõe ainda de um Horto Botânico e de uma Biblioteca Central com uma importante seção de obras raras.

### O herbário do Museu Nacional

O herbário do Museu Nacional foi fundado em 1831 pelo botânico de origem alemã Ludwig Riedel, que entre outras excursões também integrou a expedição no Brasil patrocinada pela Academia de Ciências da Rússia (1825-1829, comandada pelo cônsul Georg Heinrich von Langsdorff). Esse foi o primeiro herbário do Brasil, na então recém-criada Seção de Botânica (2ª Seção), cujo início de atividades foi marcado pela oferta de uma coleção de madeiras por parte do Conselheiro Francisco Freire Allemão<sup>30</sup>. Na atualidade, angiospermas, gimnospermas e pteridófitas perfazem 95% do acervo, havendo ainda briófitas, algas, líquens e fungos, além de carpoteca e palinoteca. Há farto material de todo

o país e muitas importantes localidades do exterior estão representadas. O herbário guarda, ainda, alguns exemplares coletados por membros da família imperial brasileira e reúne diversas coleções históricas (como as de Glaziou, Rabenhorst, Freire Allemão, Brade, Hoehne, Lutz, Riedel, Schwacke e Sellow), além de coleções mais modernas (como as de Álvaro Silveira, Sampaio, Vidal, Mello-Filho, Emmerich e Prance). É o maior herbário da América Latina<sup>31</sup>.

O herbário está localizado no prédio principal do Museu Nacional, tombado desde 1938 pelo IPHAN/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e deverá ser transferido para um prédio externo já inaugurado, situado na parte sul da Quinta da Boa Vista, construído especialmente para este fim, garantindo sua preservação em condições ótimas de temperatura, umidade e segurança<sup>32</sup>.

#### Amostras de Fritz Müller no herbário do Museu Nacional (Tabela 1)

Fritz Müller foi naturalista viajante do Museu Nacional e, portanto, para lá encaminhava amostras de material botânico, relativas a seus interesses de pesquisa no território catarinense ou para enriquecer o acervo da instituição. Encontramos fichas de 152 amostras coletadas por Fritz Müller, embora no momento a maioria não possa ser localizada, devido ao processo de re-organização da coleção e mudança para as novas instalações. Devido a isso, exceto para a exsicata de *Hybanthus parviflorus* (nº 79.797), as informações registradas na Tabela 1 são provenientes do fichário de coletores do Museu.

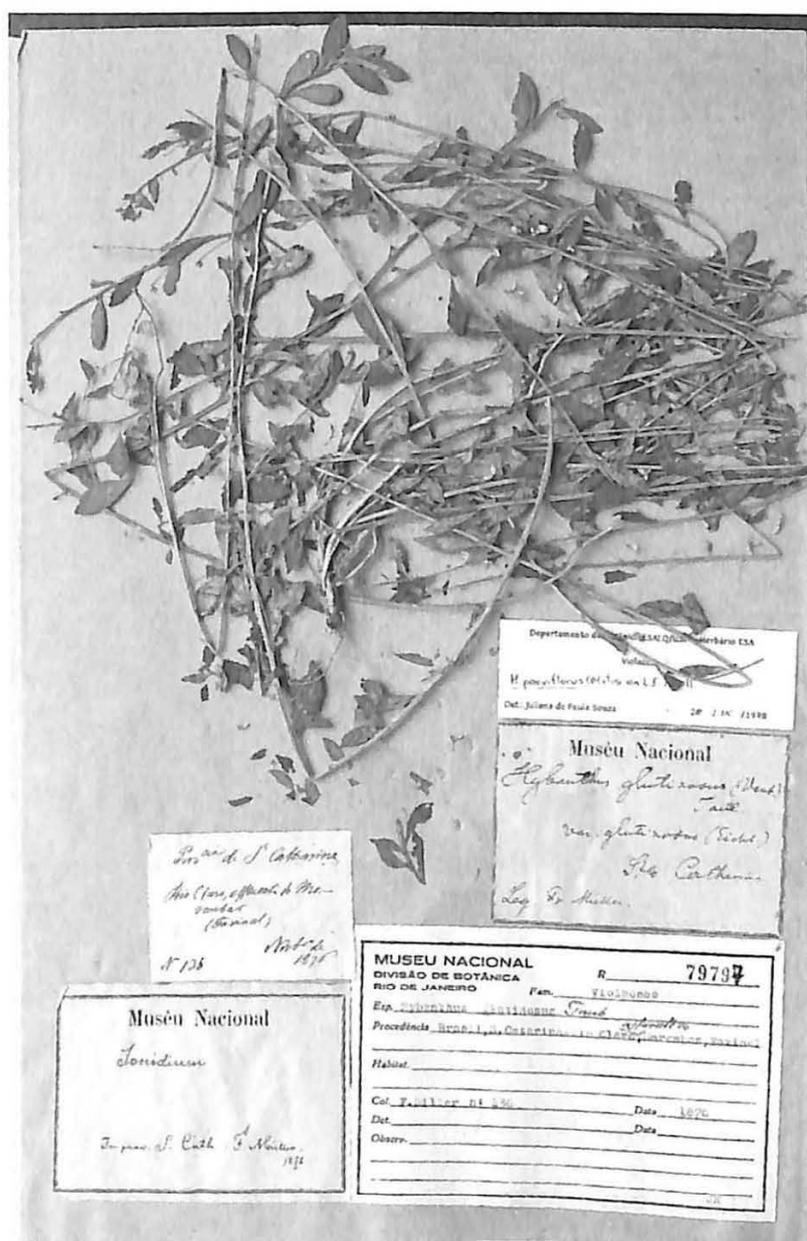
O material coletado por Fritz Müller é rico e representativo da região sul do país, com 93 gêneros e 59 famílias do bioma Mata Atlântica do final do século dezenove, com espécies provenientes de diferentes estratos vegetais, algumas endêmicas, abrangendo a vegetação litorânea,

florestas e campos. O retrato feito por Fritz Müller através deste material, revela a riqueza da flora dos ecossistemas catarinenses, hoje devastados e praticamente restritos às áreas de conservação; portanto, esse material representa uma pequena porção da diversidade que Fritz Müller vislumbrou em suas excursões.

Os espécimes estão organizados em exsicatas. Várias contêm etiquetas manuscritas em nanquim, mencionando o local de coleta, o nome e eventualmente outras informações, podendo ter sido manuscritas pelo próprio coletor, como era comum na época e parece ser o caso da etiqueta de *Hybanthus parviflorus* Baill. (Figura 1) e da amostra *Chamissoa* (Tabela 1), cuja etiqueta original encontra-se na coleção de autógrafos do botânico. As exsicatas contam também com etiquetas impressas, algumas adornadas e com molduras em torno das informações obtidas durante as coletas no campo, o que também é próprio da época.

Na fichas de registro, com o número da amostra no herbário

Figura 1 - Amostra número 79.797 do herbário do Museu Nacional, Rio de Janeiro-RJ. Contém 5 etiquetas.



do Museu, geralmente não consta o nome do taxonomista responsável pela identificação, sendo mais provável terem sido identificadas pelo próprio coletor. Em 1953, Alicia Lourteig determinou as amostras das famílias Oxalidaceae e Ranunculaceae, confirmando em quatro delas as identificações feitas provavelmente por Fritz Müller.

**Tabela 1.** Material coletado por Fritz Müller. Herbário do Museu Nacional. Informações das fichas (parte 1)

Família	Nome científico	Nº de registro	Data	Local de coleta	Identificado por	Obs.
Acanthaceae	<i>Aphelandra lutea</i> Nees	45.014		Santa Catarina	Duarte 1946	
	<i>Mandorcia veloziana</i> Mart.	44.898		Itajahy, SC		
	<i>Ruellia longifolia</i> (Pohl) Griseb.	45.236		Itajaí, SC		
Alismataceae	<i>Echinodorus tenellus</i> Buchenau	79	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC, no banhado	Diogo 1914	Exemp. 1
Amaranthaceae	<i>Chamissoa</i>	56.916		Itajahy, SC		
	<i>Tetanthera</i>	56.956		Itajahy, SC		Etiqueta original em coleção de autógrafos de botânicos
Alstroemeriaceae	<i>Astromeria</i>	50.346		Serra Geral, V. dos Curitibanos, SC, na restinga úmida		
	<i>Astromeria</i>	50.347	11/1876	Campo do Justo, ao sul do Rio das Marombas, SC		
Annonaceae	<i>Guatteria hookeri</i> A. St.-Hil. & Juss.	60.963		Itajaí, SC		
	<i>Rollinia longifolia</i> A. St.-Hil.	60.658		Desterro, ilha de Santa Catarina, SC		
Apiaceae	<i>Eryngium sanguisorba</i> Cham. & Schtdl.	66.465	11-12/1876	Campos dos Curitibanos e Campo dos Barrancos, SC	Mathias & Constance 1958-1960	
Apocynaceae	<i>Aspidosperma olivaceum</i> Müll. Arg.	23.929		Itajaí, SC	Woodson 1954	Rev. Oswaldo Handro em 07/1961, Inst. Bot. SP
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia brasiliensis</i> var. <i>macrophylla</i> Duch.	34.477		Santa Catarina	Hoehne	
	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	13.906		Itajaí, SC	Hoehne	Cipó mil homens
Asclepiadaceae	<i>Oxypetalum banksii</i> Schult.	4.994		Itajahy, SC	Hoehne	
	<i>Oxypetalum erectum</i> subsp. <i>campestre</i> Hoehne	5.054	1876	Campos dos Curitibanos, SC	Hoehne	
	<i>Oxypetalum proboscideum</i> E. Fourn.	4.989	03/1877	Campos dos Curitibanos, SC	Hoehne	
	<i>Oxypetalum umbellatum</i> Gardn.	5.047		Itajahy, SC	Hoehne 1915	

## JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

O Jardim Botânico foi criado por D. João VI em 1808, ano da chegada da família Real ao Brasil, vinda de Portugal. Nessa época, ele adquire o engenho Rodrigo de Freitas, mandando construir além de uma fábrica de pólvora, um jardim de aclimação para a introdução de especiarias das Índias Orientais. Este jardim deu origem ao atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro, anteriormente também designado de Real Horto e Real Jardim Botânico.

Com o apoio constante de D. João VI e depois de seus sucessores, para o enriquecimento e cultivo de novas especiarias na instituição, pelas mãos de diferentes diretores o Jardim Botânico se tornou um local aconchegante, tranqüilo e procurado pelo público.

A fase áurea veio com João Barbosa Rodrigues, diretor nomeado em 1890, que possuía enorme conhecimento botânico e estabeleceu novas diretrizes para o crescimento da instituição, tornando-a um centro de excelência em difusão cultural e pesquisas botânicas. Sob sua direção, foram criados o Herbário, o Museu Botânico e a Biblioteca, além de ampliadas as coleções de plantas vivas do jardim, com introdução de outras espécies nativas da flora brasileira. Atualmente o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro é uma autarquia ligada ao Ministério do Meio Ambiente<sup>33</sup>.

### O herbário do Jardim Botânico

Em 1890, época de sua criação, o herbário do Jardim Botânico se constituía tanto de plantas doadas pelo Imperador D. Pedro II, quanto de plantas cultivadas no Jardim e coletadas no país por naturalistas viajantes e por correspondentes. D. Pedro II teria apresentado João Barbosa Rodrigues com uma rica coleção de plantas desidratadas, amostras de madeiras e literatura botânica; — esse acervo pioneiro infelizmente foi parcialmente perdido, degradado por água e umidade existentes no depósito onde estava armazenado. A estas grandes coleções iniciais, Barbosa Rodrigues reuniu outras amostras de madeiras do Jardim Botânico.

Em 1892, obras de ampliação e adequação das instalações do herbário ficaram prontas e foi adquirido mobiliário apropriado, assim como 180 latas de folha de flandres e frascos de vidro para acondicionar as coleções secas e as partes de plantas conservadas em álcool, respectivamente. Barbosa

Rodrigues implementou a biblioteca e também planejou a contratação de “naturalistas viajantes” como G. L. M. Vert, João Barbosa Rodrigues Júnior, Paulo de Campos Porto, F. A. M. Frazão, Achilles F. Lisboa e F. R. Silveira, e “correspondentes”, sendo que dos 17 correspondentes, destacaram-se Júlio Henrique da Silva e João Antônio de Figueiredo (Paraíba), Joaquim Cândido de Abreu (Minas Gerais) e Francisco de Aquino (Rio Grande do Sul). A crescente remessa de plantas vivas enriqueceu o Herbário, a Xiloteca e a Carpoteca com plantas cultivadas no Jardim Botânico e arredores da cidade, e também provenientes de diferentes regiões do Brasil. O falecimento de João Barbosa Rodrigues em 1909 deixou uma grande lacuna na continuação das atividades científicas, que somente foram retomadas nas administrações de Antônio Pacheco Leão (1915-1931) e Achilles F. Lisboa (1931-1933). Sob esses diretores, as instalações no edifício central do Jardim Botânico foram reformadas e ampliadas, e no período de 1915 a 1935 o herbário teve novo impulso através da atuação dos naturalistas Adolphe Ducke, Albert Löfgren, João Geraldo Kuhlmann, Paulo de Campos Porto e F. R. Silveira, que participaram de grandes expedições científicas, percorrendo extensas regiões do país. Fritz Müller não consta da relação de correspondentes do Jardim Botânico.

Em 1933, Alexander Curt Brade entrou para o quadro de naturalistas do Jardim Botânico e, com Adolphe Ducke e João Geraldo Kuhlmann, foram os botânicos que mais contribuíram para a ampliação do herbário no início do século XX, através de expedições científicas para a coleta de plantas em várias regiões do país e de intercâmbio científico, permutando e recebendo inúmeras duplicatas de plantas de diferentes herbários nacionais e do exterior, para estudos e identificação.

Entre as coleções históricas, a mais antiga pertence a Antoine-Laurent A. Feé (1705-1872), adquirida por D. Pedro II, destacando-se ainda as coleções Gottlob Ludwig Rabenhorst (1861), Johannes Kuntze

(1876) e Herbário Zeno Kamerling (1892).

O espaço físico do herbário esgotou-se em 1996, motivando a administração a construir em 2001 um prédio maior e mais adequado para abrigar as coleções, voltado para a ampliação da área física para os próximos 50 anos<sup>34</sup>.

Amostras de Fritz Müller no herbário do Jardim Botânico (Tabela 2)

Encontrar amostras coletadas por Fritz Müller no Herbário do Jardim Botânico foi uma surpresa, pois ele trabalhou para o Museu Nacional, no cargo de naturalista viajante de 1876 a 1891 e para lá direcionava os espécimes coletados. Porém, o fato não é de todo inexplicável:

(1) O JBRJ realizou intercâmbios com o herbário do Museu Nacional e, em 1937, na diretoria do botânico Paulo de Campos Porto, com dois herbários de Minas Gerais: o herbário da Escola de Farmácia e o da Escola de Minas, ambos situados na cidade de Ouro Preto, de onde vieram exemplares do herbário de Damásio<sup>35</sup>, que incluía parte de duplicatas do herbário de Schwacke<sup>36</sup>. Essa é a origem das 6 amostras coletadas por Fritz Müller (Tabela 2).

(2) Fritz Müller correspondeu-se com Nicolau Joaquim Moreira quando este participava da seção de botânica do Museu Nacional; — em 1871, portanto doze anos antes de assumir o cargo de diretor do Jardim Botânico, ele recebeu de Fritz Müller um exemplar da tradução inglesa de seu único e famoso livro, o *Facts and arguments for Darwin*<sup>23</sup>. A correspondência entre os dois naturalistas deve ser anterior a essa data, eventualmente teve curso com o primeiro artigo botânico de Fritz Müller, publicado em 1866. É relevante o fato de que Fritz Müller costumava atender requisições de naturalistas do Brasil e de várias partes do mundo, auxiliando-os com observações realizadas na natureza exuberante do leste catarinense, e ocasionalmente enviando-lhes espécimes. Não sabemos

se esse foi o caso, pois nos arquivos da instituição não se encontraram registros dessa correspondência e, se houve remessa de material, é fato que muito material antigo se perdeu devido às precárias condições inaugurais do acervo científico institucional.

No Jardim Botânico existem apenas 6 amostras coletadas por Fritz Müller e fotografias de 2 espécimes (Figura 2) que estão em museu europeu. As informações registradas na Tabela 2 foram obtidas diretamente das exsicatas. Não se conhece a data de coleta de nenhuma amostra. As fotos documentam os tipos de duas espécies selvagens de batatas, identificadas por Friedrich August Georg Bitter (*Solanum muelleri* foi batizada por Bitter em homenagem a Fritz Müller) e depositadas no herbário W, do Museu de História Natural de Viena, na Áustria.



Figura 2 - Amostra número 302.940 do herbário do Jardim Botânico, Rio de Janeiro-RJ. Trata-se de fotografia do Tipo, depositado no Herbário W, em Viena, Áustria. A maioria das amostras coletadas por Fritz Müller e depositadas em herbários europeus ainda não foi inventariada. Felizmente a facilidade atual de se obter fotografias permite enriquecer os herbários brasileiros com essas “duplicatas”, de valor museológico e útil a estudos taxonômicos. A etiqueta do Jardim Botânico não está visível e contém manuscritas as informações de praxe (número da amostra, identificação taxonômica, local, data, coletor), difíceis de serem lidas na fotografia.

**Tabela 2.** Material coletado por Fritz Müller. Herbário do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Informações obtidas das exsicatas.

Família	Nome científico	Nº de registro	Local de coleta	Identificado por	Obs.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	61.212	Santa Catarina	W. Marcondes Ferreira	Ex-MNRJ
Haloragaceae	<i>Myriophyllum aquaticum</i> (Velloso) Verc.	182.681	Itajahy, SC	Orchard 1978	Ex-Herbário Schwacke
Orchidaceae	<i>Campylocentrum omithorrhynchum</i> Rolfe	39.951	Blumenau, SC	Brade 1939	Ex-Herbário Damasio
Podostemaceae	<i>Podostemum muelleri</i> Warm.	43.043	Rio Itajahy, SC	A. Novelo R. & C. T. Phillbrick 2004	Ex-Herbário Damasio
Ranunculaceae	<i>Ranunculus flagelliformes</i> Sm.	182.838	Itajahy, SC		Ex-Herbário Schwacke
Rubiaceae	<i>Palicourea australis</i> C. M. Taylor	40.162	Santa Catarina	C. M. Taylor 2000	Ex-Herbário Damasio
Solanaceae	<i>Solanum micans</i> Witasek	302.935	Brasil	Bitter	Foto (typus)
	<i>Solanum muelleri</i> Bitter	302.940	Brasil	Bitter	Foto (typus)

## PUBLICAÇÕES BOTÂNICAS DE FRITZ MÜLLER

Relacionamos os 96 artigos na sequência temporal de publicação. Alguns são cartas, publicadas em parte ou na íntegra por seus correspondentes europeus; — essas cartas são muito interessantes, pois revelam a grande disposição de Fritz Müller para colaborar com consulentes e correspondentes em geral, oferecendo-lhes informações que mandaram publicar em cartas aos editores dos periódicos, ora em discussões em seu próprio nome, ora em nome de Fritz Müller. As publicações revelam a diversidade de interesses do naturalista.

Entre colchetes, apresentamos o título traduzido e as páginas e pranchas onde o artigo foi re-impresso na obra de Möller<sup>37,38</sup>.

1866. Über das Holz einiger um Desterro wachsender Kletterpflanzen. *Botanische Zeitung* 24: 57-60, 65-69, pl. III. [Sobre a madeira de algumas trepadeiras que crescem nos arredores de Desterro; p. 289-298, pl. XXVIII]

1866. Über die Befruchtung der *Martha* (*Posoqueria?*) *fragrans*. *Botanische Zeitung* 24: 129-133, pl. VI; p. 133 (Nachwort zu vorstehenden Aufsätze, von D. F. L. von Schlechtendal). [Sobre a fecundação de *Martha* (*Posoqueria?*) *fragrans*; p. 299-304, 305-306 (Epílogo ao texto anterior, de D. F. L. von Schlechtendal), pl. XXIX]

1867. Notes on some climbing-plants near Desterro in South Brazil (in a letter to C. Darwin). *The Journal of the Linnean Society (Botany)*, London, 9: 344-349, pl. IX. [Notas sobre algumas plantas trepadeiras próximo a Desterro no sul do Brasil (em carta a C. Darwin); p. 285-288, pl. XXVII]

1868. Notizen über die Geschlechtsverhältnisse brasilianischer Pflanzen. *Botanische Zeitung* 26: 113-116. [Notícias sobre as condições sexuais de plantas brasileiras; p. 324-326]

1868. Befruchtungsversuche an Cipó alho (*Bignonia*). *Botanische Zeitung* 26: 625-629. [Experimentos de fecundação no cipó alho (*Bignonia*); p. 327-329]

1868. Über Befruchtungserscheinungen bei Orchideen. *Botanische Zeitung* 26: 629-631. [Sobre as manifestações da fecundação em orquídeas; p. 330-331]

1869. Excursionsberichte aus Südbrasilien. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 52 (22): 337-348; 52 (23): 353-364. [Relatos de excursões do sul do Brasil; p. 332-348]

1869. Über einige befruchtungserscheinungen. *Botanische Zeitung* 27: 224-226. [Sobre algumas manifestações da fecundação; p. 349-350]

1869. Über eine dimorphe *Faramea*. *Botanische Zeitung* 27: 606-611. [Sobre uma *Faramea* dimórfica; p. 351-354]

1870. Umwandlung von Staubgefäßen in Stempel bei *Begonia*. Übergang von Zwitterblüthigkeit in Getrenntblüthigkeit bei *Chamissoa*. Triandrische Varietät eines monandrischen *Epidendrum*. *Botanische Zeitung* 28: 149-153, pl. II. [Transformação de estames em pistilos em *Begonia*. Transição de hermafrodita para diclina em *Chamissoa*. Variedade tri-ândrica de uma *Epidendrum* monândrica; p. 355-357, pl. XXXIII]

1870. Botanische Notizen. *Botanische Zeitung* 28: 273-275. [Notícias botânicas; p. 360-362]

1870. Die Bewegung des Blütenstieles von *Alisma*. *Jenaische Zeitschrift für Medizin und Naturwissenschaft* 5: 133-137. [O movimento dos pedicelos florais de *Alisma*; p. 363-366]

1871. On the modification of the stamens in a species of *Begonia* (in a letter to Mr. Darwin). *The Journal of the Linnean Society (Botany)*, London, 11: 472-474. [Sobre a modificação dos estames em uma espécie de *Begonia* (em uma carta ao Sr. Darwin); p. 358-359]

1871. Über den Trimorphismus der Pontederien. *Jenaische Zeitschrift für Medizin und Naturwissenschaft* 6: 74-77. [Sobre o trimorfismo das Pontederias; p. 400-403]

1873. Bestäubungsversuche an *Abutilon*-Arten I und II. *Jenaische Zeitschrift für Medizin und Naturwissenschaft* 7: 22-45. [Tentativas de polinização em espécies de *Abutilon* I e II; p. 405-431]
1876. Über das Haarkissen am Blattstiel de Imbauba (*Cecropia*), das Gemüsebeet der Imbaubaameise. *Jenaische Zeitschrift für Naturwissenschaft* 10: 281-286. [Sobre a almofada pilosa no pecíolo da imbaúba (*Cecropia*), da horta da formiga-imbaúba; p. 528-531]
1877. Aus einem Briefe Fritz Müllers aus Brasilien [Flora des Hochlandes]. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 60 (15): 239-240. [De uma carta de Fritz Müller do Brasil [flora das terras altas]; p. 545-546]
1877. A correlação das flores versicolores e dos insetos pronubos. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 2: 19-23. [p. 547-550]
1877. Nectar-secreting glands (in a letter of Francis Darwin to the editor; with response of Thomas Belt at p. 122). *Nature* 16 (397): 100-101, 122. [Glândulas secretoras de néctar (em uma carta de Francis Darwin ao editor, com resposta de Thomas Belt à p. 122; p. 572-575)]
1877. On flowers and insects (letter with introduction of Charles Darwin). *Nature* 17 (422): 78-79. [Sobre flores e insetos (carta com introdução de Charles Darwin); p. 576-578]
1877. Die Grannen von *Aristida*. *Kosmos* 1: 353-354. [As aristas de *Aristida*; p. 583-584]
1878. In Blumen gefangene Schwärmer. *Kosmos* 3: 178-179. [Polinizadores aprisionados em flores; p. 651-652]
1880. Aehnlichkeit von Blumen und Früchten. *Kosmos* 7: 306-307. [Semelhanças de flores e frutos; p. 842]
- 1880/81. Die Imbauba und ihre Beschützer (*Azteca instabilis*). *Kosmos* 8: 109-115. [A imbauba e seus protetores (*Azteca instabilis*); p. 850-856]
1881. Movements of plants (in a letter of Charles Darwin). *Nature* 23 (592): 409. [Movimentos das plantas (em uma carta de Charles Darwin); p. 862-863]
1881. The movements of leaves (in a letter of Charles Darwin). *Nature* 23 (600): 603. [Os movimentos das folhas (em uma carta de Charles Darwin); p. 864-865]
1881. Verirrte Blätter. *Kosmos* 9: 141-142. [Folhas perdidas; p. 874-875]
1881. Two kinds of stamens with different functions in the same flower (letter with introduction of Hermann Müller). *Nature* 24 (614): 307-308. [Dois tipos de estames com diferentes funções na mesma flor (carta com introdução de Hermann Müller); p. 876]
1881. Leaves injured at night by free radiation (in a letter of Charles Darwin). *Nature* 24 (620): 459. [Folhas lesadas à noite por radiação livre (em uma carta de Charles Darwin); p. 877]

- 1881/82. Eine Pflanze, welche bei Nacht die Himmelsgegenden anzeigt. *Kosmos* 10: 212-214. [Uma planta que durante à noite indica as regiões do céu; p. 884-886]
1882. Bemerkungen zu: Hildebrand, *Die Lebensdauer und Vegetationsweise der Pflanzen, ihre Ursachen und ihre Entwicklung. Englers Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie* 2: 391-394. [Observações sobre: Hildebrand, *A duração de vida e os modos vegetativos das plantas, suas causas e seu desenvolvimento*; p. 904-907]
1882. *Crotalaria cajanaefolia*. *Kosmos* 11: 46. [p. 908]
1882. Eine Beobachtung an *Bauhinia brasiliensis*. *Kosmos* 11: 126-128. [Uma observação sobre *Bauhinia brasiliensis*; p. 909-911]
1882. Bericht über: Graf zu Solms-Laubach, *Die Herkunft, Domestication und Verbreitung des gewöhnlichen Feigenbaumes (Ficus carica L.)*. *Kosmos* 11: 306-315. [Relatório sobre: Conde de Solms-Laubach, *A origem, domesticação e distribuição da figueira comum (Ficus carica L.)*; p. 912-921]
1882. *Caprificus* und Feigenbaum. *Kosmos* 11: 342-346. [*Caprificus* e figueira; p. 922-926]
- 1882/83. Zweigklimmer. *Kosmos* 12: 321-329, pl. 1. [Trepadeira de ramos; p. 939-947, pl. LXIII]
1883. Two kinds of stamens with different functions in the same flower. *Nature* 27 (694): 364-365. [Dois tipos de estames com diferentes funções na mesma flor; p. 951-952]
1883. Die Blumen des Melonenbaumes. *Kosmos* 13: 62-65. [As flores da árvore de mamão; p. 957-959]
1883. Arbeitstheilung bei Staubgefäßen von Pollenblumen. *Kosmos* 13: 241-259. [Divisão de trabalho em estames de flores com pólen; p. 960-978]
1883. Einige Eigenthümlichkeiten der *Eichhornia crassipes*. *Kosmos* 13: 297-300. [Algumas propriedades da *Eichhornia crassipes*; p. 988-991]
1883. Biologische Beobachtungen an Blumen Südbrasiens. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 1 (4): 165-169. [Observações biológicas em flores do sul do Brasil; p. 992-996]
1884. Christian Conrad Sprengel. *Nature* 29 (745): 334-335. [p. 1002-1003]
1884. Butterflies as botanists. *Nature* 30 (767): 240. [Borboletas como botânicos; p. 1005]
1884. Christian Conrad Sprengel. *Nature* 30 (767): 240-241. [p. 1003]
1884. Einige Nachträge zu Hildebrands Buch: *Die Verbreitungsmittel der Pflanzen nebst Berichtigung*. *Kosmos* 14: 275-283, pl. 1. [Alguns aditamentos ao livro de Hildebrand: *Os meios de difusão das plantas, com correções*; p. 979-987, pl. LXIV]
1884. Anfrage Chr. Sprengel betreffend. *Kosmos* 14: 320. [Referente a pergunta sobre Chr. Sprengel; p. 1004]
1884. Die Verzweigung von *Stromanthe* Tonckat (Aubl.). *Berichte der Deutschen botanischen*

- Gesellschaft* 2 (8): 379-382. [A ramificação de *Stromanthe Tonckat* (Aubl.); p. 1008-1011]
1884. Wird *Philodendron* durch Schnecken bestäubt? *Kosmos* 15: 140-141. [O *Philodendron* é polinizado por lesmas?; p. 1018-1019]
1885. Die Blütenpaare der Marantaceen. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 3 (2): 54-56. [Os pares de flores das marantáceas; p. 1022-1024]
1885. Eine zweizählige Blume von *Hedychium*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 3 (3): 114-115. [Uma flor binária de *Hedychium*; p. 1025-1026]
1885. Endständige Zingiberaceenblüten. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 3 (4): 121-123. [O posicionamento terminal das flores das zingiberáceas; p. 1027-1029]
1885. Das Ende des Blütenstandes und die Endblume von *Hedychium*. *Kosmos* 16: 419-432, pl. 1-2. [O final da posição floral e a flor final de *Hedychium*; p. 1030-1042, pl. 65-66]
1885. Einige Nachträge zu Hildebrands Buch: “Die Verbreitungsmittel der Pflanzen”. *Kosmos* 17: 438-442. [Alguns aditamentos ao livro de Hildebrand: “A dispersão das plantas”; p. 1059-1063]
1885. Wurzeln als Stellvertreter der Blätter. *Kosmos* 17: 443. Raízes como substitutos das folhas; p. 1064]
1886. Biologische Beobachtungen an brasilianischen Orchideen. *Verhandlungen des Botanischen Vereins der Provinz Brandenburg* 28: 4. [Observações biológicas em orquídeas brasileiras; p. 1065]
1886. Bericht über: “Die Geschlechterdifferenzierung bei den Feigenbäumen von Graf zu Solms-Laubach”. *Kosmos* 18: 62-63. [Relatório sobre: “A diferenciação sexual em figueiras do Conde de Solms-Laubach”; p. 1079-1080]
1886. Knospenlage der Blumen von *Feijoa*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 4 (6): 189-191. [Posicionamento dos brotos das flores de *Feijoa*; p. 1095-1097]
1886. *Feijoa*, ein Baum, der Vögeln seine Blumenblätter als Lockspeise bietet. *Kosmos* 18: 93-98. [*Feijoa*, uma árvore que oferece aos passarinhos suas pétalas como isca alimentar; p. 1098-1102]
1886. Ein Züchtungsversuch an Mais. *Kosmos* 19: 22-26. [Uma tentativa de melhoramento em milho; p. 1103-1107]
1886. Einige neue Beispiele langer Lebensfähigkeit von Samen und Rhizomen (Mitteilungen F. Ludwig, Greiz). *Biologisches Zentralblatt* 6 (17): 513-514. [Alguns novos exemplos de longevidade de sementes e rizomas (comunicação F. Ludwig, Greiz); p. 1108-1109]
1887. Nebenspreiten an Blättern einer *Begonia*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 5 (1): 44-47. [Brotos em folhas de uma *Begonia*; p. 1119-1121]
1887. Schiefe Symmetrie bei Zingiberaceenblumen. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 5 (2): 99-101. [Simetria torta em flores de zingiberáceas; p. 1122-1123]

1887. Keimung der Bicuiba. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 5 (10): 468-472, pl. 22. [Germinação da bicuíba; p. 1124-1127; pl. LXVII]
1888. Zweimännige Zingiberaceenblumen. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 6 (2): 95-100. [Flores masculinas dimórficas em zingiberáceas; p. 1134-1138]
1888. Neue Beobachtungen über das absatzweise Blühen von *Marica* (Mitgetheilt von F. Ludwig). *Biologisches Zentralblatt* 8 (8): 226-227. [Novas observações sobre a floração em etapas da *Marica* (Comunicado por F. Ludwig); p. 1141-1142]
1889. Über ein abweichendes Verhalten einer in Europa gezogenen *Urena lobata* bezüglich der Ausbildung der Ameisen-Nektarien (von Prof. Dr. F. Ludwig). *Biologisches Zentralblatt* 8 (24): 742-743. [Sobre o comportamento anormal de uma *Urena lobata* criada na Europa referente à formação de nectários para formigas (de Prof. Dr. F. Ludwig, carta e espécimes enviados por F. Müller em 1887); p. 1139-1140]
1889. Abweichend gebildete Blumen von *Marica*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 7 (5): 197-200. [Formas divergentes de flores de *Marica*; p. 1143-1146]
1889. Beobachtungen von Fritz Müller an *Hypoxis decumbens* (Mitgetheilt von F. Ludwig in Greiz). *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 72 (1): 55-56. [Observações de Fritz Müller em *Hypoxis decumbens* (Comunicado por F. Ludwig em Greiz); p. 1147-1148]
1889. Abänderung des Blütenbaues von *Hedychium coronarium* in Folge ungenügender Ernährung. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 72 (3): 348-352, pl. 16. [Modificações da construção floral de *Hedychium coronarium* em consequência a nutrição insuficiente; p. 1149-1153, pl. LXVIII]
1889. Freie Gefässbündel in den Halmen von *Olyra*. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 72 (4): 414-420. [Feixes vasculares livres nos talos de *Olyra*; p. 1154-1159]
- 1889/90. Zur Verbreitung der Pflanzen durch die Excremente der Thiere. *Monatliche Mittheilungen des Naturwissenschaftlichen Vereins Frankfurt a. O.* 7: 38-39. [Sobre a dispersão das plantas através de excrementos de animais; p. 1160]
1890. Weitere Beobachtungen über das Variieren der Blüthenzahl bei *Hypoxis decumbens*. *Schriften der Naturforschenden Gesellschaft in Danzig* 7: 180-181. [Observações adicionais sobre a variação do número de flores em *Hypoxis decumbens*; p. 1161-1162]
1890. Frucht in Frucht von *Carica papaya*. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 73 (4): 332-333. [Fruto no fruto de *Carica papaya*; p. 1163-1164]
1890. Kreuzung von *Hedychium*. *Abhandlungen. Naturwissenschaftlicher Verein zu Bremen* 11: 444. [Cruzamento de *Hedychium*; p. 1165]
1891. Verzeichniss der in der Umgegend von Blumenau und Desterro beobachteten (60 verschiedenen Familien angehörnden) Bäume und Sträucher. *Grunert, Forstliche Blätter. Zeitschrift für Forst- und Jagdwesen.* 1891: 236-237. [Registro das árvores e dos arbustos (pertencentes a 60 famílias diversas) observados no entorno de Blumenau e Desterro; p. 1168-1170]

1892. Bemerkungen über brasilianische Bromeliaceen. *Englers Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie* 15 (35): 1-4. [Observações sobre bromeliáceas brasileiras; p. 1293-1296]
1892. Die *Tillandsia augusta* der Flora fluminensis. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 10 (8): 447-451. [A *Tillandsia augusta* da flora ribeirinha; p. 1297-1300]
1893. Geradläufige Samenanlagen bei *Hohenbergia*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 11 (2): 76-79, pl. 6. [Disposição de sementes retilíneas em *Hohenbergia*; p. 1301-1303, pl. LXXVII]
1893. *Aechmea heningsiana* und *Billbergia schimperiana* Wittm. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 11 (6): 364-366. [*Aechmea heningsiana* e *Billbergia schimperiana* Wittm.; p. 1304-1305]
1893. Die Bromeliaceen von Blumenau. *Gartenflora* 42: 714-718, 737-740. [As bromeliáceas de Blumenau; p. 1306-1313]
1893. Mischlinge von *Ruellia formosa* und *silvaccola*. *Abhandlungen. Naturwissenschaftlicher verein zu Bremen* 12: 379-387. [Híbridos de *Ruellia formosa* e *silvaccola*; p. 1314-1321]
1893. Über Unfruchtbarkeit bei Bestäubung mit eigenem Pollen. *Abhandlungen. Naturwissenschaftlicher verein zu Bremen* 12: 495-496. [Sobre a infertilidade em polinização com o próprio pólen; p. 1322-1323]
1893. Über epiphytische Gewächse. *Abhandlungen. Naturwissenschaftlicher verein zu Bremen* 12: 562-563 [Sobre plantas epífitas; p. 1324]
1895. Zum Diagramm der Zingiberaceen-Blüte. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 81 (2): 438-439. [Sobre o diagrama das flores de zingiberáceas; p. 1325-1326]
1895. Die Untergattung *Nidulariopsis* Mez. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (4): 155-165, pl. 15. [O subgênero *Nidulariopsis* Mez.; p. 1330-1338, pl. LXXX]
1895. Die Keimung einiger Bromeliaceen. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (5): 175-182, pl. 17 [A germinação de algumas bromeliáceas; p. 1339-1344, pl. LXXXI]
1895. Orchideen von unsicherer Stellung. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (5): 199-210, pl. 18. [Orquídeas de classificação duvidosa; p. 1345-1354, pl. LXXXII]
1895. *Billbergia distacaia* Mez. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (8): 390-391. [*Billbergia distacaia* Mez.; p. 1355-1356]
1895. Das Ende der Blütenstandsachsen von *Eunidularium*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (8): 392-399. [O final do eixo da inflorescência de *Eunidularium*; p. 1357-1363]
1895. Blumenblätter und Staubfäden von *Canistrum superbum*. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft* 13 (8): 400. [Pétalas e pólen de *Canistrum superbum*; p. 1364]
1896. Die *Bromelia silvestris* der Flora fluminensis. *Berichte der Deutschen botanischen Gesellschaft*

14: 3-11, pl. 1. [A *Bromelia silvestris* da flora ribeirinha; p. 1365-1372; pl. LXXXIII]

1896. Einige Bemerkungen über Bromeliaceen. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 82 (3): 314-328. [Algumas observações sobre bromeliáceas; p. 1373-1384]

1897. Einige Bemerkungen über Bromeliaceen. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 83 (3): 454-474, pl. 8-9. [Algumas observações sobre bromeliáceas; p. 1384-1399, pl. LXXXIV-LXXXV]

1897. Ein Versuch mit Doppelbestäubung. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 83 (3): 474-486. [Uma experiência com polinização dupla; p. 1403-1412]

1897. Ein Fall von Natursauslese bei ungeschlechtlicher Fortpflanzung. *Flora oder Allgemeine botanische Zeitung* 84 (1): 96-99. [Um caso de seleção natural em reprodução assexuada; p. 1400-1402]

1898. Mischlinge von *Ruellia formosa* und *silvaccola*. *Jenaische Zeitschrift für Naturwissenschaft* 31: 153-155 [Híbridos de *Ruellia formosa* e *silvaccola*; p. 1413-1414]

## CONCLUSÃO

Preservaram-se 158 amostras de material botânico coligidas por Fritz Müller, em duas tradicionais instituições de pesquisa científica no Rio de Janeiro. Provavelmente é tudo o que se preservou em nosso país, da lavra do grande naturalista.

Suas coletas pertencem a um passado, cada vez mais distante em virtude dos desmatamentos e descaracterizações ambientais que acompanham a modernização de nosso país. Cada vez menos áreas mostram a vegetação original — a formosura dos alagados, dos chãos recobertos por espessa camada de folhiço, dos bromeliais impenetráveis, dos gigantescos samambaiaçús, dos dosséis que impedem o penetrar da chuva mansa, das nuvens de mosquitos vorazes a apoquentar insistentemente o explorador, tudo cada vez mais pertence ao pretérito, não tem retorno em inúmeros locais deste nosso Brasil. Daí a importância que assume o acervo botânico preservado nos herbários e o material zoológico nas coleções dos museus.

É lá que se encontra o passado fértil em biomas e diversidade de vida, a história das histórias dos exploradores e da natureza exuberante do imenso Brasil.

O material botânico coletado por Fritz Müller é a história viva do passado. Permite reconstituir ambientes hoje arruinados, consolidar informações e traçar com segurança a trajetória das introduções de espécies exóticas, muita vez deliberadamente importadas por supostos benefícios à economia do país, enquanto outras aqui penetraram sem solicitar permissão e adotaram o país como nova morada. Por exemplo, é seguro afirmar que na Blumenau e na Desterro (atual Florianópolis) não havia, no século XIX, as espécies exóticas de cupins pragas (os famigerados cupim de madeira seca, *Cryptotermes brevis*, e cupim subterrâneo, *Coptotermes gestroi*) que na atualidade assolam toda a região sudeste e se expandem aos rincões mais distantes do país — basta avaliar a descrição minuciosa da fauna termítica regional, realizada por Fritz Müller em magníficas monografias publicadas em 1873 e 1875<sup>39</sup>.

Nesta época em que se comemora com tanto entusiasmo a evolução darwinista proposta originalmente em 1859 e o seu autor, inclusive com excursões que refazem no Rio de Janeiro o trajeto percorrido por Charles Darwin<sup>40</sup>, perguntamos: *não convém cultuar também o nosso maior naturalista?* Afinal, Fritz Müller contribuiu materialmente para a fundamentação da teoria evolutiva pelo mecanismo da seleção natural — foi pioneiro<sup>41</sup> em uma época de árdua oposição nos meios religiosos e na ciência acadêmica européia — e realizou um trabalho científico proeminente, obra de gigante que repercute em diversos ramos das ciências biológicas até a atualidade e está inserida na alma dos livros didáticos do ensino básico<sup>42</sup>. Acaso as trilhas que arduamente percorreu em longas caminhadas, durante dias seguidos sob sol fortíssimo e chuvas torrenciais — condições amenizadas pela natureza, que desvendava seus segredos a

cada passo do naturalista, designado por Darwin o *Príncipe dos Observadores* da natureza —, não merecem ser refeitas, no mínimo para verificar se algo dos tesouros ambientais originais ainda se preserva? Ainda existem as vegetações percorridas, as espécies lá coletadas? Incógnitas das incógnitas, o quê aguardamos? Talvez a vinda de um talentoso cientista, artista ou político europeu, pronto a nos revelar — a nós, míopes de nascença! — o valor das nossas coisas, do nosso grande naturalista, de suas trilhas que podemos confortavelmente percorrer e anunciar ao mundo toda a riqueza que a Ciência e a História aguardam seja divulgada.

É a homenagem que, em poucas linhas, desejávamos consagrar ao botânico Fritz Müller.

## Agradecimentos

À bióloga Dra. Rafaela C. Forzza, curadora do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e a **Eugênia de Faria e Luiz Carlos Vieira**, funcionários do Herbário do Museu Nacional, cujo auxílio foi imprescindível na localização e documentação das amostras coletadas por Fritz Müller em suas respectivas instituições.

## Referências

<sup>5</sup>Johannes Peter Müller (1801-1858), médico pela Universidade de Bonn em 1822, tornou-se professor de anatomia comparada na Universidade Berlim, grande fisiologista e um dos grandes filósofos da natureza no século XIX. Sob sua orientação se formaram vários cientistas, como o zoólogo Ernst Haeckel, o anatomista e fisiologista Rudolf Albert von Kölliker, os fisiologistas Theodor Schwann e Rudolf Virchow, entre outros. Fritz Müller declarou em carta ao amigo Max Schulze em 18/10/1860 (ver nota 10 e nota 12, p. 18-19): *A Johannes Müller e Liechtenstein eu devo a inclinação permanente para a ciência. Essa me conduziu inicialmente, por suas aulas de zoologia, a Johannes Müller que se tornou, primeiro por seus escritos e mais ainda por suas aulas, um exemplo quase ideal. Eu tive a sorte de poder chegar pessoalmente tão perto ao*

*menos para reconhecer sem fundamento o preconceito existente naquela época na Universidade de Berlim, da escura inacessibilidade de Johannes Müller e reconhecer de maneira muito gratificante comigo mesmo a sua disposição para estimular qualquer empreendimento científico sério. O primeiro microscópio que tive em mãos era um Schiek de Johannes Müller.* Na mesma carta, Fritz Müller afirma que mostrava ao professor todas as suas descobertas, e mesmo naquilo que lhe seria sem interesse, sempre teve uma receptividade muito gentil e quase sempre partia com uma orientação e um estímulo.

<sup>6</sup>A tese de doutorado foi apresentada em 1844 na Universidade de Berlim, o livro apareceu em alemão em 1864 com 2ª edição em inglês em 1869 — *Für Darwin e Facts and arguments for Darwin* —, e os artigos foram publicados de 1844 a 1899 principalmente em periódicos europeus. Em realidade, alguns artigos são excertos das cartas encaminhadas por Fritz Müller a seus correspondentes nas instituições de pesquisa científica européias, principalmente, e norte-americanas — os destinatários as mandavam publicar, para dar conhecimento das notáveis informações oriundas do naturalista, geograficamente distante do mundo acadêmico, mas esclarecido e participe nos avanços da ciência.

<sup>7</sup>Ou não se permitem desenvolver naturalistas ao estilo antigo, seja pela atual grande especialização necessária para concorrer aos ditames da vida prática acadêmica, ou até porque aqueles que devotam seus interesses a várias áreas do conhecimento raramente são bem vistos no meio acadêmico. Discussão sobre o assunto encontra-se nas páginas 42-44 do artigo de Fontes & Hagen (2008. Fritz Müller e sua obra na ciência brasileira e mundial. *Blumenau em Cadernos* 49 (5): 22-50).

<sup>8</sup>Embora o número de publicações seja expressivo, não é o único nem o maior motivo do relevo científico de Fritz Müller. Sua competência não se expressa na quantidade de páginas impressas, mas no vulto de sua contribuição ao desenvolvimento da ciência, através de achados e reflexões brilhantemente esmiuçados em demorados estudos e, particularmente, no apoio concedido a inúmeros cientistas do país e do exterior. Sobre esse assunto, consulte-se o artigo de Fontes & Hagen (ver nota 7).

<sup>9</sup>Heinrich Ludwig Hermann Müller (1829-1883), naturalista e professor de história natural no Naturwissenschaftliches Gymnasium (atual Ostendorf-Gymnasium) em Lippstadt, Alemanha.

<sup>10</sup>Max Johann Sigismund Schulze (1825-1874), professor na Universidade de Bonn, Alemanha, e um dos amigos de Fritz Müller desde que este retornou de Greifswald (lá permaneceu durante o ano de 1842) a Berlim, prosseguindo a partir de 1843 os estudos de História Natural na Universidade de Berlim.

<sup>11</sup>Castro, M. W., 2007. *O sábio e a floresta. A extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro.* 2ª ed., EDUEP, Campina Grande, 151 pp. [I – O jovem rebelde, p. 17-26].

<sup>12</sup>Möller, A., 1921. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben.* Volume 2: Briefe. Gustav Fischer, Jena, XVII + 667 pp, 4 pl. [p. 3-4, 10-11, 14-15]

<sup>13</sup>Christian Wilhelm Hermann Trommsdorf (1811-1884), farmacêutico, químico e botânico, ao falecer o pai Johann Bartholomäus Trommsdorff em 1837 assumiu a direção da

*Schwanenapotheke* em Erfurt. Exerceu uma influência marcante nos interesses profissionais e científicos de Fritz Müller.

<sup>14</sup>Karl Friedrich Wilhelm Wallroth (1792-1857), médico formado em 1815 e botânico, com publicações em criptógamas, fungos e flora regional.

<sup>15</sup>West, D. A., 2003. Fritz Müller. *A naturalist in Brazil*. Pocahontas Press, 376 pp. [p. 142]

<sup>16</sup>Sobre a “pesquisa por encomenda” solicitado por Darwin a seus correspondentes, conforme a denominou o médico e biógrafo de Fritz Müller, Dr. Cezar Zillig, consulte-se: Zillig, C., 1997. *Dear Mr. Darwin. A intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. Sky/Anima Comunicação e Design, São Paulo, 241 pp. [Pesquisa por encomenda, p. 16-19]; Castro, 2007 (ver nota 11; *VII O Príncipe dos Observadores*, p. 89-91).

<sup>17</sup>Foi esse intercâmbio com Charles Darwin que tornou Fritz Müller mais conhecido no mundo acadêmico, pois que sua produção científica, muito embora de excelente qualidade, é de acesso relativamente difícil pela antiguidade e raridade de alguns periódicos e pouco consultada.

<sup>18</sup>O primeiro artigo enviado por Charles Darwin a Fritz Müller era sobre plantas trepadeiras (“On the movements and habits of climbing plants”, lido aos 2/2/1865 na seção da Sociedade Lineana e publicado em 1867, *The Journal of the Linnean Society* 9: 1-118) e foi remetido antes da provável primeira carta de Darwin ao Fritz (datada 10/08/1865: ... *Enviei recentemente pelo correio um artigo sobre plantas trepadeiras, para ver se ele chega às suas mãos. ...* Zillig, 1997: 115; ver nota 16). Fritz Müller recebeu o artigo antes de 12 de agosto e a carta somente em 9 de outubro (Zillig, *l. c.*: 116, 123). Portanto, era natural que, sob essa inspiração, Fritz Müller investigasse as plantas trepadeiras dos arredores de Desterro, onde residia desde 1856 e era professor do Liceu Provincial. É porém impressionante que, ao receber o artigo (antes mesmo da carta de Darwin), Fritz Müller tenha coligido inúmeras observações sobre essas plantas e logo as tenha encaminhado em duas cartas a Darwin, aos 12 e 31 de agosto de 1865 (portanto, antes de receber a primeira carta de Darwin, de que se tem registro). As observações narradas por Fritz Müller nessas duas cartas eram tantas e tão interessantes que Charles Darwin as relatou em reunião da Sociedade Lineana de Londres aos 7 de dezembro de 1865, sendo encaminhadas ao periódico da sociedade e publicadas com 1 bela estampa de ilustrações que acompanhavam a segunda carta, no mesmo volume onde apareceu o artigo de Darwin sobre trepadeiras (1867, p. 344-349, estampa 9). Foi esse o terceiro artigo botânico de Fritz Müller.

<sup>19</sup>Zillig, 1997: 19 (ver nota 16).

<sup>20</sup>O delírio de Fritz Müller está descrito na obra de Castro (2007, *Delirium bromeliarum*, p. 145-147; ver nota 11). Reproduzimos algumas passagens desse texto. Também desejamos assinalar que as áreas preservadas de Mata Atlântica (das restingas à beira-mar ao alto da serra), com bromélias epífitas e epígeas de diversos tamanhos e cores e às vezes em admirável densidade de plantas eventualmente floridas, compõem paisagens preciosas, de indizível beleza, quase uma fantasia da qual somente o incômodo dos mosquitos que ali se criam em profusão é capaz de despertar.

- <sup>21</sup>West, 2003: 159 (ver nota 15).
- <sup>22</sup>Zillig, 1997: 76-77 (ver nota 16).
- <sup>23</sup>Não há registro dessa correspondência. Porém o contato se comprova no exemplar do livro de Fritz Müller, *Facts and arguments for Darwin*, existente na biblioteca de obras raras do Museu Nacional, onde consta uma dedicatória do autor, datada de 1871 (Fontes & Hagen, *Blumenau em Cadernos 50*).
- <sup>24</sup>Prosseguiu residindo em Blumenau e com obrigações de encaminhar material botânico e zoológico ao Museu Nacional, bem como relatórios de suas pesquisas científicas.
- <sup>25</sup>Há uma amostra de *Begonia echinosepala* Regel no herbário do Jardim Botânico, que pode ter sido coletada por Fritz Müller, mas não existe esse registro. No rótulo consta *Brazil: Im Walde des Coqueirenberges bei Blumenau. 11.1888, Leg.: E. Ule 1192. Botanischer Garten und Botanisches Museum (Berlin-Dahlem)*.
- <sup>26</sup>Castro, 2007: 113 (ver nota 11). West, 2003: 191 (ver nota 15).
- <sup>27</sup>Miotto, S. T. S. & Leitão Filho, H. F., 1993. Leguminosae - Faboideae, Gênero *Adesmia* DC. Flora Ilustrada do Rio Grande do Sul, Boletim do Instituto Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 52: 1-157.
- <sup>28</sup>Sahhr, C. L. L. & Cunha, L. A. G., 2005. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. *Emancipação 5 (1)*: 89-104.
- <sup>29</sup>Carvalho, A. B. P. & Ozorio, C. P., 2007. Avaliação sobre os banhados do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista de Ciências Ambientais 1*: 83-95.
- <sup>30</sup>Torres, H. A., 1940. Museu Nacional. Pp. 367-374 in Ribeiro, L., *Medicina no Brasil*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 409 pp. [p. 369]
- <sup>31</sup>Alves, R. J. V., 2003. O herbário do Museu nacional – Novos Rumos. *Revista Museu: Cultura Levada a Sério*. 03/10/2003. ISSN 1981-6332. Publicação eletrônica disponível em <http://www.revistamuseu.com.br//emfoco/emfoco.asp?id=2703>
- <sup>32</sup>Escobar, H., 2007. Deteriorado, prédio histórico do Museu Nacional será reformado. “Jornal O Estado de São Paulo”, 23/12/2007, disponível on-line em: <http://www.estado.com.br/editorias/2007/12/23/ger-1.93.7.20071223.1.1.xml>. “Jornal da Ciência E-Mail”, 24/12/2007, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, disponível on-line em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=53317>
- <sup>33</sup>Silva, N. M. F.; Carvalho, L. d’A. F. & Baumgratz, J. F. A., 2001. *O herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um expoente na história da flora brasileira*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 139 pp.
- <sup>34</sup>Valente, M. C.; Baumgratz, J. F. A.; Silva, N. M. F. & Carvalho, L. d’A. F., 2001. A história do herbário e seu acervo. (ver nota 27; pág. 15-24)

<sup>35</sup>Leônidas Botelho Damásio (1854-1922), farmacêutico brasileiro, um dos fundadores e professor de botânica da Escola de Minas, em Ouro Preto. Descreveu diversas espécies que hoje integram o Herbário Professor José Baldini, da Universidade Federal de Ouro Preto, que incorporou os acervos dos herbários da Escola de Farmácia e da Escola de Minas.

<sup>36</sup>Karl August Wilhelm Schwacke (1848-1904), botânico alemão, chegou ao Brasil em 1873 e no ano seguinte tornou-se naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em 1891 deixou o cargo e assumiu a cadeira de botânica da Escola de Farmácia de Ouro Preto, da qual também foi diretor.

<sup>37</sup>Möller, A., 1915. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Volume 1, Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, XVIII + 800 pp. Volume 1, Text-Abteilung 2: Arbeiten aus den Jahren 1879-1899, 710 pp. Volume 1, Atlas: Arbeiten aus den Jahren 1844-1899. Gustav Fischer, Jena, 84 pl.

<sup>38</sup>O primeiro artigo relacionado por Möller (item 32) é o terceiro de nossa lista. Möller assinalou a data em que a carta enviada por Fritz Müller foi lida por Charles Darwin na reunião da “Linnean Society”, em Londres: 1865 (7 de dezembro). Porém, o artigo somente foi publicado no volume 9 do *Journal of the Linnean Society*, em 1867.

<sup>39</sup>Fontes, L. R., 2007. Fritz Müller - Primeiro termitólogo do Brasil. *Blumenau em Cadernos* 48 (5/6): 24-41.

<sup>40</sup>Sítio na internet sobre o assunto: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin>.

<sup>41</sup>Fritz Müller foi o primeiro no mundo a contribuir com um livro, o *Für Darwin* publicado em 1864 e traduzido ao inglês por iniciativa do homenageado, sendo publicado em 2ª edição em 1869 com o título *Facts and arguments for Darwin*. É inegável que esse livro atuou decisivamente na consolidação das idéias evolutivas darwínicas.

<sup>42</sup>Sobre a extensão da obra de Fritz Müller, consulte-se o artigo de Fontes & Hagen (2008; ver nota 8).

LEGENDA PÁGINA DE ROSTO: Talha em madeira de Fritz Müller, baseada em fotografia de 1891; altura 53 cm; largura 30 cm. Artista plástica Fatinha, Campanha-MG. Acervo de L. R. Fontes.



Registros  
de  
**IMIGRANTES**

## REGISTROS DE IMIGRANTES

O AHJFS tem recebido diariamente pesquisadores que buscam informações dos seus antepassados para formularem estudos de genealogia. Infelizmente os Livros de Registros de Imigrantes, nos quais constavam dados que cobririam estas pesquisas foram destruídas pelo incêndio de 1958, no qual toda a documentação da administração pública, (1850-1958) foi destruída! Como tentativa de auxiliar o pesquisador, o AHJFS não tem medido esforços para reunir, de fontes fidedignas, dados que venham contribuir neste processo de reconstrução da informação. Assim sendo, relacionamos abaixo uma lista de moradores dos primeiros tempos coloniais, 1850-1859.<sup>1</sup>

### 1850:

Reinhold Gärtner – Depois de muitos anos voltou para a Alemanha.

Franz Sallenthien – Montou serraria em Itajaí e mais tarde voltou para a Alemanha.

Paul Kelnner – Montou serraria no Itajaí-mirim e depois residiu no Rio de Janeiro.

Julius Ritscher – Se estabeleceu no Rio de Janeiro.

Wilhelm Friedenreich – Viveu muitos anos em Blumenau, depois dirigiu o Museu Ipiranga/SP,

Minna Friedenreich - esposa,

Clara Friedenreich - filha,

Alma Friedenreich - filha.

Daniel Pfaffendorf – Afogou-se em 22.02.1852 no Rio Itajaí.

Friedrich Geier – Estabeleceu-se no Rio de Janeiro.

---

1 Lista extraída do Manual oferecido pela Câmara Municipal de Blumenau aos alunos das escolas primárias do município no ano de 1930. pp. 99/ 107

Friedrich Riemer – **permaneceu em Blumenau.**

Erich Hoffmann - Estabeleceu-se no Rio de Janeiro.

Andreas Kuhlmann – **permaneceu em Blumenau,**

Johanna Kuhlmann - esposa,

Maria Kuhlmann - filha,

Cristine Kuhlmann - filha.

Andreas Boettcher - Estabeleceu-se no Rio de Janeiro.

**1851:** Em Junho, chegaram 8 imigrantes, 4 deixaram a Colônia e 2 afogaram-se. Permaneceram:

Friedrich Toepel

Julius Paupitz

**1852:** Os 3 primeiros chegaram em 03.06 e os demais em 21.08. Em 28.08 o Dr. Blumenau leiloou os primeiros lotes.

Andreas Klinger (5 pessoas)

August Hesse (8 pessoas)

August Müller e família

August Raab

Carl Spiess (4 pessoas)

Christian Hahnemann (7 pessoas)

Christian Josiger (7 pessoas)

Edmund Schleich

Eduard Roedel

Ferdinand Ostermann

Friedrich Seiffert (4 pessoas)

Fritz Müller e família

Guido Von Seckendorf

Heinrich Ehrhardt (3 pessoas)

Heinrich Hoé,

Heinrich Leuthäuser (4 pessoas)

Johann Drimmer

Johann Gebien (3 pessoas )

Johann Oberland

Kaspar Hahn (5 pessoas)

Ludwig Sachtleben

Ludwig Thieme

Rudofl Keiner – Aafogou-se em 11.12.

Rudolf Roedel

Wilhelm Schönau

Em 20.12 chegaram mais 38 imigrantes:

Christian Rüdiger ( 2 pessoas)	Heinrich Hohl (6 pessoas)
Elisabeth Riemer (esposa e 2 filhos de Friedrich Riemer de 1850)	Heinrich Kocher (2 pessoas)
Elise Jahn	Heinrich Meier
Franz Meier	J. Brüdener (2 pessoas)
Friederike Huscher	Johann Beviahn ( 2 pessoas)
Friedrich Buchmann (7 pessoas)	Johann Knoch (2 pessoas)
Friedrich Kögler (2 pessoas)	Wilhelm Rhenius
	Wilhelm Schreiber (5 pessoas)

**1853:**

Adolf Kellner	Julius Baumgarten
Albert Richter	Ludwig Spengler
Carl Bormann	Wilhelm Peiner
Carl Padday	Franz Keiner – farmacêutico, com esposa e 1 filha
Christoph Hensel	Heinrich Köhler – Agricultor, com esposa e 7 filhas
Ernst Weise	Georg Knoch – agricultor, com esposa e 1 filho
Franz Mathias	
Heinrich Kühne	
Hermann Wandeburger	
Johann Faust	

**1854:** Imigraram 146 pessoas, 31 famílias e 20 solteiros. No final do ano a colônia tinha 246 habitantes.

Ahrends

Bähr	Femsberg	Hering
Baumgärtner	Fischer	Heutz
Beck	Gassnirk	Holetz
Brülepper	Hadlich	Imroth
Bürger	Herbst	Junge

Kegel	Ohvig	Schneider
Kelling	Padderatz	Schober
Kirchhoff	Peneder	Schondrau
Kirchner	Persuhn	Schröder
Kleine	Pezibitta	Solbrig
Kluge	Piess	Starke
Knorr	Prestin	Svetbier
Köster	Rodatz	Thieme
Kreutzfeld	Römer	Tiedt
Mahnke	Sasse,	Wagenknecht
Nährwoldt	Scheeffer	

**1855:** Imigraram somente 5 famílias e 11 solteiros. Forte enchente em 17/18 de novembro.

August Jarckow	Heinrich Böckelmann
Catharina Lukas	Heinrich Weise
Christian Müller	Heinrich Zwingmann e família
Christian Passing e família	Hermann Schramm
Daniel Schneider e família	Julius Köhler
David Seiler	Margarethe Wagner
Gottlieb Huscher e família	Maria Schneider
Heinrich Ackermann	Richard Becker e família

**1856:** Como resultado da propaganda de Reinhold Gärtner, chegaram 292 imigrantes, sendo 58 famílias.

August Hamester – chegou em janeiro e em 09.02 foi morto pelos índios.

Johann Kaben - chegou em janeiro e em 09.02 foi morto pelos índios.

Andreas Grassmann

C. August Bürger

C.H. Reu

Christian Böhme

Christian Möller

Detlef Krambeck

Eduard Böttges

Ernst Haertel

Ernst Niehoff

Ferdinand Hahne

Fr. Ginseler

Franz Boop

Friedrich Jerger

Friedrich Schmidt

Friedrich Thomsen

Fritz Lüders

Georg Kiel

Heinrich Berlin

Heinrich Görner

Heinrich Koth

Heinrich Lüders

Heinrich Schmidt

Hermann Hildebrandt

Hermann Lüring

I.C. Metzner

I.G. Richter

Joachim Maatz

Johann Boop

Johann Busch

Johann Esemann

Johann Hübers

Johann Jackisch

Johann Lindner

Johann Otto

Johann R. Kraup

Johann Schrepp

Johann Wloch

Johann Zwendler

Karl Bartsch

Karl Hadlich

Karl Külps

Karl Lehmann

Karl Maebe

Karl Rechenberg

Kurt Rosmann

Magdalene Heinecke

Paul Budag

Reinhold Gaertner

Richard Berg

Richard Keunecke

Richard Stein

Rudolf Görner

Theodor Kleine	W. Hefter
Theodor Schroeder	W. Linkmann
Traugott Köhler	

**Os solteiros foram:**

A. Verglaese	Gottlieb Teuber	Johann Keunecke
Ad. Hildebrandt	Gustav Rühle	Joseph Jensch
Adam Meier	H. Dittmar	Karl Bettmann
Anna Weiser	H. Mathes	Karl Kühne
Auguste Thorey	Heinrich Bader	Karl Papenberg
B. Dittmar	Heinrich Bresson	Kaspar Nikolai
C.G. Schönfelder	Heinrich Clasen	Ludwig Helenbrecht
Dr. Leopold Schmidt	Heinrich Kreplin	Maria Hoffman
Elis. Zieben	Heinrich Paul	Otto Prestien
Emil Odebrecht	Heinrich Rothe	Otto Stutzer
Emil Pohle	Hermann Göldner	Theodor Friede
Emilia Haeberlin	Hermann W. Kühne	W. Küchendahl
G. Zimmermann	J.G. Moll	Wilhelm Bauer
Ernst Schnellenberg	Johann Breithaupt	
Friedrich Bauer	Johann K. Markarth	

**1857:** Chegaram 199 imigrantes, entre eles 35 famílias com 150 pessoas. O primeiro culto foi oficializado pelo recém imigrado Pastor Oswaldo Hesse em 09.08 para os 569 luteranos. Os 40 colonos católicos utilizavam a capela que ficava 11 km do centro, na Figueira, em Gaspar, no lote de Johann Klocker, na margem esquerda do Itajaí, construída em 29.06.1850. Já existia uma picada até Itajaí e 7 km acima, até o Salto, onde ficava uma serraria construída pelo Dr. Blumenau. Abertura da primeira escola. O Dr. Blumenau manda vir da Alemanha 4 cabeças de gado Oldenburg, várias aves e porcos.

A.L. Schurt	Friedrich Böckelmann	Johann Hensching
August Reif	Friedrich Hinkeldey	Johann Knonz
August Wolff	Friedrich Lang	Johann Koth
Carl Eggegrecht	Gottlieb Rüdiger	Johann Witt
Carl Mathies	Gustav Menke	L. Wegner
Carl Müller	Heinrich Altenburg	Ludwig Wehmut
Christian Heumann	Heinrich Bichels	Oswald Hesse
Christian Liesenberg	Heinrich Koch	Theodor Dankwardt
Curt Schmal	Heinrich Michel	Theodor Deeke
Ernst Lehmann	Heinrich Nagel	Wilhelm Pahlmann
Ferd. Weck	Johann Baude	Wilhelm Schifler
Frdr. Radtke	Johann Behnke	

**Os solteiros foram:**

Albert Lichtelmann	Friedrich Nürnberger	Luise Trendt
Amalia Dautze	Friedrich Siebert	Maria Karr
August Bohme	Friedrich Von Loesecke	Otto Schörner
August Keunecke	Gustav Dauer	Paul Von Paraski
August May	Gustav Rischke	Sophonias Rahnskorb
August Spierling	Heinrich Kühne	Theodor Schmidt
Carl Eckardt	Heinrich Lindemann	Theodor Thomson
Carl Petermann	Heinrich Norddurft	Therese Schlenk
Caroline Trendt	Heinrich Sander	Viktor von Gilsa
Clemens Bohn	Heinrich Seide	Wilhelm Koch. Teod.
Clemens Schrelz	Hermann Siebert	Pellenz
Conrad Bichelmann	Hugo Schulze	Wilhelm Meiger
Curt Krebs	Johann August Goffrier	Wilhelm Petters
Ernst Kroess	Johann Kost	Wilhelm Salinger
Eugene Kurz	Jos. Krohberger	Wilhelm Schumann
Ferd. Ebert	Karl Meyer	
Franz von Barousch	Ludwig Bayer	

**1858:** Vieram somente 82 pessoas, entre elas 14 famílias e 32 solteiros. Sendo 25 agricultores, 7 artesãos, 4 comerciantes, 2 médicos, 1 farmacêutico, 1 construtor e 1 topógrafo, entre outros.

Johann Lucht	Luise Jürgens
Gasper Jung	Carl Zapf
Wilhelm Kühlewein	Joachim Gramkow
Gustav Labes	Friedrich Kloht
Gustav Bosse	Johann Westpfal
Samuel Junge	Julius Umbach
Emilia Ebert	Samuel Rutscher

**Os solteiros foram:**

Adolf Plessner	Friedrich Deeke
Alwin Hoppe	Georg Furbringer
Alwin Schwedler	Georg Kaestner
C. Burow	Gottfried Benz
Carl Ganther	Gottfried Weise
Carl Hoeschl	H. Hoffmann
Carl Urban	Heinrich Beyrodt
Christian Kaestner	Heinrich Krohberger
Christian Thurow	Joachim Riemann
Christine Krohberger	Johann Prüsse
Dr. Bernhard Knoblauch	Luise Garné
Dr. W. Breithaupt	Max Furbringer
Dr. W. Eberhardt	Paul Franke
Eduadr Kirchhoff	Paul Ploenies
Ferd. Droske	Victor Gaertner
Franz Gründer	Wilhelm Witt

**1859:** Queda acentuada de imigrantes, vieram somente 29 pessoas, 4 famílias com 14 pessoas, e 15 solteiros. A imigração de 1850 a 1859 foi de 943 pessoas, com 879 protestantes (luteranos), 64 católicos, 143 nascimentos, 69 falecimentos. Deixaram a colônia 273 pessoas, o que resulta numa população, no final de 1859, de 744 pessoas.

August Goffrier

Heinrich Hosang

August Matthes

Johanna Krohberger

August Wartmann

Julios Wagner

Carl Schmidt

Julius Geyer

Carolina Krohberger

Julius Müller

Creszenz Speckbacher

Julius Sametzki

Ernst Böcker

Julius Volkmann

Franz Kube

Margaretha Neumann

Gustav Brandes

Paulina Knitscher

Gustav Zimmermann

Wilhelm Siebert



**“LA FRANCINE”:**  
40 anos de embelezamento

## “LA FRANCINE”: 40 ANOS DE EMBELEZAMENTO

Esta entrevista foi realizada em maio de 2009, na residência da senhora Sulimar Bernardes, proprietária do Salão de Beleza “*La Francine*”. É conhecida entre as suas clientes por Suli. Esta profissional há quarenta anos vem exercendo suas atividades e sempre buscando o aperfeiçoamento para realçar a beleza e a estética de muitas mulheres blumenauenses.

**S.M.V.P.** - Suli, você fez e continua fazendo escola dentro da sua área do conhecimento. Gostaria de dizer que é um prazer conversar com você, pois a sua história está voltada a um trabalho que requer muita sensibilidade, arte e acima de tudo inspiração! No seu cotidiano você trabalha com a vaidade da mulher, pois o rosto e os cabelos são regiões do copo que mexem muito com a autoestima feminina! Percebo que para desenvolvermos este depoimento você está municiada de fotografias, recortes de jornais e outros registros de memórias. Você poderia falar a respeito?

**S.B.** - Sueli, mexer no fundo do baú com a intenção de resgatar fatos que lembram minha história, foi uma experiência super interessante. O baú da memória também foi remexido. Penso que todo ser humano nasce da Perfeição Divina e traz em si a ânsia de manifestar esta perfeição. Beleza e perfeição são atributos do Criador e, no meu entender, uma é a base da outra. Perseguimos e contemplamos extasiados tudo o que nos parece belo, cada um a seu modo. Não tenho como duvidar de que muito cedo em minha vida este anseio da alma humana por beleza e harmonia me foi sendo revelado e manifestado. Uma

vizinha dos tempos de minha infância me conta de seu deleite, ao me ver já aos três anos de idade, envolvida com meus animais de estimação, aparando os pelos dos cães e pintando as unhas dos gatos.

Agora me dou conta de que já tinha meu próprio Pet Shop numa época em que estes nem existiam. Eu ficava durante horas envolvida com cães e gatos, aparando pelos, colocando laços e pintando unhas. Aos seis anos, minhas amigas e eu brincávamos de criar personagens parecidas com as que havíamos visto no circo. Eu transformava o visual das amiguinhas em rostos de palhaços, odaliscas e ciganas, personagens nos quais nos transformávamos para brincar.

Aos oito anos, lembro que não me agradava a aparência de meu pai quando retornava do barbeiro com o cabelo recém cortado. Eu o achava menos bonito. Ele era parecido com Juscelino Kubitschek, de quem era fã. Comecei então a cortar, eu mesma, o cabelo de meu pai quando eu tinha apenas oito anos de idade, só para deixá-lo mais parecido com seu ídolo. Minha mãe gostou, e logo eu cortava o cabelo dela e de mais algumas amigas vizinhas.

Mas, minha primeira cobaia de produção, foi a querida amiga Solange Evaristo Curtipassi. Isto aos doze anos. Se eu contar os recursos usados na produção vou despertar risos nas pessoas da minha geração quando recordarem das manobras e dos substitutos dos requintados produtos que hoje temos à disposição para transformar qualquer visual. Os recursos que usávamos eram: cerveja para molhar os cabelos antes de enrolá-los, servia para dar volume; goma-laca dissolvida em álcool para fixar o penteado, em lugar do Laquê, e Spray de hoje. Isso,

sem falar do até hoje famoso “Bom Bril”, que era colocado escondido por baixo dos coques que chamávamos de “coque banana”. Esta soma de recursos formava algo que parecia um “croissant”, fixado com grampos no alto da cabeça. Quanto mais alto, mais bonito o coque. Eram realizados em dias de casamento, bailes de debutante, ou bailes normais de sábado. Audrey Hepburn, Sofia Loren e outras divas de Hollywood eram as inspirações para cabelos presos. Para os penteados de cabelos soltos em ondas e cachos, copiávamos Ava Gardner, Marilyn Monroe e Rita Hayworth. Caracóis eram formados com a ajuda de um espeto de bambu que ajudava a enrolar mecha por mecha. Tínhamos que ser inventivas e criativas com o que estava disponível. E éramos. O secador era o sol mesmo, o ritual começava cedo pela manhã para se desfrutar do efeito à noite.

**S.M.V.P.** - Gostaria de saber mais sobre você, onde nasceu...

**S.B.** - Eu nasci em Blumenau no dia 10 de fevereiro de 1947. Tenho um irmão mais velho, Décio Bernardes, que é uma pessoa muito importante em minha vida. Quando nasci, meu pai, Adolfo Bernardes e minha mãe, Elvira da Silva Bernardes, moravam onde hoje está o Biergarten. Na época, havia ali ao lado o Clube Náutico América, cercado de um belo jardim e uma árvore imensa no centro de uma praça. Eu tenho uma foto com um ano de idade, naquela antiga praça perto da árvore. Em 1997, foi feita em Blumenau uma homenagem a Monet. Eu lembro que me pediram para retratar Monet eu então retratei esta praça com sua enorme árvore e a antiga prefeitura, usei a foto. A obra foi muito elogiada por nosso poeta Lindolfo Bell.

**S.M.V.P.** - Seus pais?

**S.B.** - Meus pais eram descendentes de portugueses. Meu pai foi capataz dos portos na Marinha. Quando nasci ele estava como ecônomo do Clube Náutico América. Ao completar um ano nos mudamos para a Vila Nova, na Rua Theodoro Holtrup onde meu pai abriu um armazém. Minha mãe trabalhava com costura e posso hoje dizer que ela fazia alta costura. Todos os moldes, eram feitos em papel antes de serem passados para os tecidos. Eu a observava e me encantava com a perfeição dos moldes que cabiam certinho no corpo da cliente na hora da prova. Como toda criança ama imitar aquilo que vê, comecei ainda pequena a ter intimidade com a tesoura, fazendo roupas de papel para minhas bonecas e para mim mesma. Aos oito anos, lembro que fiz um tailleur no estilo Chanel, bem recortado, com bolso e tudo. Primeiro o fiz em papel, depois em tecido. Usei o tecido e a máquina de costura, escondida de minha mãe que não permitia que eu mexesse em seu instrumento de trabalho. Quando acontecia de eu estragar sua máquina, meu pai me salvava das broncas afirmando que ele havia usado a máquina e estragara na mão dele. Ele era uma pessoa maravilhosa e minha mãe também. Quando eu afirmava o desejo de seguir a carreira de jornalismo, meu pai dizia que não tinha tido uma filha para que ela tivesse profissão de homem e ter que estudar fora de Blumenau. Então perguntei a ele o que achava da profissão de cabeleireira. Como ele lia muito, me respondeu: “Olha, já li em romances que muitos homens se apaixonam por louras, ruivas e morenas, nunca por grisalhas...” Então, deduzi que ele achava ser um bom caminho.



O começo de uma história. Acervo particular.

**S.M.V.P.** - Com a aprovação de seu pai como segue sua historia?

**S.B.** - Continuei usando meus dons informalmente, enquanto estava completando meus estudos. Frequentei o Colégio Sagrada Família e o Colégio Dom Pedro II. Aos dezessete anos me apaixonei e casei. Do primeiro casamento tive dois filhos, Charles e Karina. Quando me vi só, com dois filhos para criar, percebi que o dom que manifestava por diletantismo, deveria ser levado a sério. Meu tio, José Bernardes, que morava em São Paulo, percebeu que a situação tinha que mudar. Sugeriu que eu me profissionalizasse, seguindo carreira de aeromoça. Ele me levou para São Paulo, onde frequentei os cursos para aeromoças ministrados pela Varig. Passei pelas provas e quando fui informada das regras da companhia, desisti. Não suportaria vir ver meus filhos apenas um final de semana a cada mês. Ao lado da casa de meus tios havia uma escola para formar

cabeleireiros. Escondida de meu tio, que preferiria me ver noutra profissão, comecei a frequentar a Escola Teruya, na época uma das melhores de São Paulo. Minha tia me apoiava. Eu cuidava da minha formação profissional numa parte do dia e para aproveitar a manhã que tinha livre, fui procurar um emprego num salão próximo. Eu queria saber como um salão de beleza funcionava. Entrei como ajudante, ou seja, era “pau pra toda obra”. Fazia de tudo um pouco, ajudando onde era necessário. O salão era bem frequentado e cheguei a pentear a Hebe Camargo. Ela amou o trabalho e me falou que o Brasil inteiro veria seu penteado. Imagina minha satisfação! Isto foi em 1967, a TV estava começando a entrar em Blumenau. Avisei alguns amigos e parentes que viram então Hebe na TV.

**S.M.V.P.** - Para seu trabalho foi um grande marketing. E sua volta a Blumenau como foi?

**S.B.** - Foi um grande Marketing. Quando voltei tinha o reconhecimento de meu pai e seu total apoio. Ele me cedeu uma parte do armazém na qual montei meu primeiro salão onde atendia com o mesmo deleite da antes, mas de forma profissional, ou seja, cobrando pelo meu trabalho. Um ano depois de ter meu salão, conheci Fidélis Fraiz, representante de cosméticos. Este, percebendo meu potencial, me aconselhou a participar de cursos fora do Brasil. Casei-me pela segunda vez, com Fidélis, com quem tive minha filha Aline. Fidélis foi um grande incentivador do meu talento. De repente, estou eu participando de um campeonato internacional de cortes de cabelo que ocorreu em Nova Iorque em 1971. Nesta primeira experiência no exterior obtive o terceiro lugar, medalha de bronze. Foi a segunda alavancada

profissional que acabou permitindo ampliar meu salão. Abri um salão na rua Paul Hering, ao lado do Hotel Glória. Com a graça de Deus, eu pulava mais que bolinha de mercúrio, atendendo mais de sessenta clientes por dia. Tive que ampliar minha equipe de trabalho. Sendo Blumenau uma cidade fundada por alemães, alguém que falasse o idioma no salão se tornou necessário. E me vi compelida a participar cada vez mais de congressos, tanto nacionais quanto internacionais. Participava de pelo menos dois congressos por ano, entre os anos 1971 e 2003.



Setor de Perfumaria do La Francine. Localizado na rua Curt Hering, Edifício Kennedy. Acervo particular.

Não enfrentei apenas os desafios em congressos. Em 1983, durante a grande cheia em Blumenau, eu e Fidélis - meu sócio na parte da perfumaria - perdemos todos os produtos importados que representávamos, além de todos os móveis do salão. Depois disto tivemos que nos mudar. Fomos para o Edifício Kennedy,

esquina da Paul Hering com a Curt Hering. Fizemos um salão no segundo piso, mais moderno e mais bonito. Ali consegui preparar bons profissionais e ter a ajuda de muitos profissionais excelentes.



Imagem do La Francine tomado pelas águas da enchente de 1983. Acervo particular.

**S.M.V.P.** - De onde vinham os profissionais? Eram de Blumenau ou vinham de fora?

**S.B.** - Eu tinha o auxílio de profissionais de fora e de gente daqui. O pessoal que vinha de fora, como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, tinha interesse no material que eu trazia dos congressos no exterior. Estou certa que treinei muita gente boa daqui. Deve haver pelos menos trinta salões em Blumenau onde atuam profissionais que aprenderam algo mais no La Francine.

**S.M.V.P.** - Você pode dizer o nome de alguns desses salões? Porque você fez escola em Blumenau.

**S.B.** - Sim, fiz escola em Blumenau, pode se dizer de certa forma. Mas isso foi nos bons tempos em que a prática valia mais que um papel. Preparei muita gente, mas não quero citar nomes para não esquecer ninguém.

**S.M.V.P.** - Estes profissionais vinham só do Brasil ou também do exterior?

**S.B.** - Veio gente do exterior sim, Miguel Estelrich, por exemplo, veio de Buenos Aires para o La Francine. Tenho muito carinho por ele.

**S.M.V.P.** - E como você vê a concorrência nesta área?

**S.B.** - É ela que faz crescer e superar as dificuldades. Imagina se fosses só tu! Aprenderias onde, com quem, e buscarias melhorar para quê?

**S.M.V.P.** - Suli trabalhar com os cabelos é uma arte, e você tem isso. Como você se sente nesta arte que emoldura o rosto das mulheres?

**S.B.** - Antes de tudo é um feeling. Não é fácil explicar como ocorre. Tanto para uma maquiagem, que trabalha o rosto, quanto para um corte ou penteado, que trabalha a moldura do rosto que é o cabelo. Eu olho a pessoa e sinto. Eu vejo e sinto, e vejo a coisa pronta. É um feeling, um insight que não se pode nem descrever como ocorre, nem ensinar para fazer que ocorra. É um dom e é inato. É algo que floresce na minha percepção. Hoje existe escola de visagismo, daqui a pouco vai haver escolas pare ensinar uma flor como ela “deve” florescer... Eu observo,

analiso e deixo acontecer, seja um corte de cabelo, um penteado, uma maquiagem. Posso dizer que estudar anatomia com Pedro Dantas me ajudou quando me envolvi com escultura. Qualquer dom inato pode e deve ser aperfeiçoado. Sendo devota da beleza, já me envolvi com pintura, escultura, poesia. Penso que a arte é sempre uma manifestação do divino através do ser humano, em qualquer de suas formas.

**S.M.V.P.** - Isso justifica, então, as exposições de arte realizadas em seu salão na década de 90?

**S.B.** - Sim! Foi quando a moda começou a massificar. Todo mundo ficando igual. Calça jeans, camiseta, rabo de cavalo, cabelo liso. Acabou o glamour. Parecia que eu não podia mais criar! La Francine mudara de endereço em junho de 1989, saíra do Edifício Kennedy para o local onde se encontra até hoje: Rua Joinvile, 75. Curiosamente, numa rua paralela àquela onde abrirei meu primeiro salão. Dia 13 de junho, a inauguração foi em atmosfera grega. Eu havia realizado o sonho de ter o meu salão, minha Maison, meu laboratório de beleza. Eu estava sedenta por arte e beleza. Em breve La Francine faria 25 anos de existência. Para comemorar, eu não tinha como juntar numa só festa todas as clientes. Resolvi então, fazer a celebração em grupos harmonicamente reunidos. As exposições de arte entram justamente durante as quatro festas comemorativas que foram temáticas. Organizar estas festas nutriu a sede que minha alma sentia de beleza e harmonia. Ganhei novo gás para voltar a criar, viajar para aprender mais e me aprimorar.

**S.M.V.P.** - Você nas viagens, fez amizade com grandes profissionais da área?

**S.B. -** Sim. Conheci e travei amizade com Jean Louis David, Alexandre de Paris, e Llongueras, que tinha na época a maior rede de salões do mundo. Llongueras me honrou com um convite para trabalhar em qualquer um de seus salões espalhados pelo mundo. Eu me senti lisonjeada, mas não aceitei porque meus pais estavam doentes e sob meus cuidados. Recentemente, recebi um convite de uma rede de salões de beleza da Suíça para dar aulas para jovens alunos deste salão escola. Eles têm dificuldade de encontrar professores, uma vez que a moda atual voltou a ser cheia de glamour. Esta rede conheceu meu trabalho através de fotos e filmes levados por uma amiga, Arlete. Arlete atua como maquiadora. Fiquei emocionada e honrada com o convite, mas não pude aceitar ficar fora por três meses, uma vez que estou preparando o La Francine para seus quarenta anos. O salão está sendo reformado, portanto não posso me ausentar neste momento. Este convite foi muito importante a esta altura de vida, pois no Brasil, depois de certa idade, os frutos maduros são descartados. Justamente quando o fruto está maduro e pode alimentar o outro, é descartado, porém, na Europa e em alguns outros países o fruto maduro tem seu valor. Não descartei a possibilidade de partilhar o néctar. Talvez consiga ir até lá nos próximos meses, estão me aguardando.

**S.M.V.P. -** E nestes quarenta anos você embelezou várias mulheres, emoldurou muitos rostos, fez muitas cabeças... E muitas amigas. Fale um pouco dessas relações de amizade.

**S.B. -** Este é o aspecto mais gratificante da minha profissão, e muita importante da minha história. O relacionamento de cabeleireiro com cliente é de toque, de pele, é uma troca que vai gerando

intimidade. Você acaba sendo um pouco psicóloga, um pouco mãe, amiga, dependendo da idade. Aiga Muller Hering, como cliente e amiga, foi muito significativa. Há entre nós um carinho recíproco. Ela foi minha professora, foi ela quem me maquiou para meu baile de debutante. Sempre me dando força, trazendo cultura através de livros que me dava de presente, trazendo sempre novidades. Ela sempre foi e é uma presença culta e inteligente espalhando beleza e elegância por onde quer que vá. Aiga é uma pessoa, entre muitas, que não posso deixar de citar, tais como: Solange Curtipassi, Liane Eichstaedt, Andréa e Nadja Scussel, Sônia Mueller, Rosemarie Carvalho Soares, Sônia Medeiros, Zélia Mello, Amábile do Santos Tomelin, Marlene Silva, Rita Schürmann, Ursula Stiengelein, Renate Hering, Annemarie Fouquet Schünke, Lala Lins, Vera Georg, Julieta Josefowicz, Ângela Simão Hoemke, Neida Spengler Machado, Miriam Theiss, Silvia Wehmuth, Evanilde Zimmermann, Bernadete Saut. Bernadete é maquiadora no La Francine e uma grande artista que com sua arte ressalta ainda mais a beleza de cada rosto. Devo ainda dizer quanto sou grata, primeiramente a Deus, depois a todas as pessoas sem as quais o La Francine não seria o que é. Ao dizer isto, eu me refiro tanto às minhas colaboradoras, quanto às clientes que me apoiaram na jornada destes anos. Sem essas pessoas não existiria o salão.

**S.M.V.P.** - Nestas quatro décadas, você trouxe muitas inovações, entre elas o Dia da Noiva. Fale-me desta novidade.



"Dia da Noiva", um novo conceito introduzido por Suli em Santa Catarina nos anos 70.  
Acervo particular.

- S.B. -** Sim, há dezoito anos eu trouxe para Santa Catarina o conceito do Dia da Noiva. Na época, muitas noivas queriam ser atendidas em casa, o que gerava certo transtorno, desde a infraestrutura que não era ideal até a própria família interferindo com telefonemas, problemas de última hora e os presentes chegando o tempo todo. A noiva ficava estressada, eu ficava estressada, era muita energia desperdiçada para um dia tão especial. Resolvi facilitar, tanto para mim quanto para as noivas, criando o “Dia da Noiva”. Fui pioneira aqui em Santa Catarina. Para dar mais

conforto às noivas, elegi para elas um espaço reservado e especialmente decorado. Neste espaço específico elas podem relaxar e desfrutar, recebendo massagem, gomagem, depilação, banho de espuma, preparação facial, aroma e cromoterapia, pedicure, manicure, lanche ou almoço, segundo sua escolha, com direito a acompanhante. Daqui ela sai maquiada, penteada, vestida e segue para a igreja. Neste espaço temos capacidade de atender de três a quatro noivas por dia.

**S.M.V.P.** - Há algum fato interessante que gostaria de registrar?

**S.B.** - Devido ao stress normal deste dia único na vida de cada mulher, houve noivas que chegaram afirmando que não se casariam mais. Chegaram desistindo por causa do nível de stress e as mães desesperadas obrigando as filhas a casar. Houve mãe que ameaçou não receber mais a filha em casa, caso ela desistisse do mesmo. Os recursos disponíveis foram usados, e no final a calma voltou a reinar e os casamentos ocorreram. Mas isto de mãe e filha discutirem “casa”, “não caso” ocorreu três vezes. Mas depois de alguns meses elas voltaram a mim e agradeceram a ajuda me contando que estavam muito felizes. Imprevistos normais que ocorriam quando eu atendia as noivas na casa delas, também tive que enfrentar aqui no salão. Coisas do tipo abrir alguma costura na hora de vestir e ter que desvestir para costurar, ou do vestido chegar amarrotado e ter que passá-lo. No dia 22 de novembro de 2008, havia quarenta pessoas no salão, entre elas duas noivas. Uma noiva era de Gaspar, soube que foi muito difícil chegar à Igreja e depois ao clube. Enquanto preparava a outra noiva, ficamos sem energia elétrica. Ela teve que terminar de se arrumar em casa, pois devido à tragédia que

se aproximava não havia condições de fazê-lo aqui. Tive que terminar o trabalho da melhor maneira para que as clientes não ficassem ilhadas aqui, uma vez que a água da enchente estava quase na nossa porta. Outras pessoas tiveram que ser avisadas para que não viessem. Nem chegariam aqui porque a rua já estava inundada. No salão pegamos 1,60m de água. Agora, ao comemorar quarenta anos, é o momento de recomeçar. Apesar das promessas de ajuda do governo, só posso confiar na minha coragem de arregaçar as mangas e encarar o desafio com o suor do meu rosto e da minha equipe, que nestas horas é incansável.

**S.M.V.P.** - Você se sente realizada em sua profissão?

**S.B.** - A realização total é uma busca constante. Enquanto estivermos vivos, estaremos realizando. Sou apaixonada pelo que faço. Porém por esta paixão, já abri mão, muitas vezes de satisfações particulares, tais como: me dedicar às artes como escultora, à jardinagem, à culinária, ou simplesmente apreciar um pôr de sol na praia e curtir mais meu sítio. Entretanto, revirando o baú dos sonhos, devo afirmar que sim, estou realizada e agradecida. Neste balanço da minha vida que você, Sueli, me compeliu a fazer, percebi quantos sonhos a menina de três anos que pintava a unha de seus gatos e cortava o pelo do cão pôde realizar. Agora, como árvore já desenvolvida, olhando para a semente, posso dizer que a semente se desenvolveu e deu frutos. Neste balanço dou-me conta de quantas pessoas colaboraram para este crescimento. E digo: “Deus, obrigada!” Elas são luzes que Ele pôs em meu caminho ou anjos enviados para que eu não caminhasse sozinha. Graças a Ele, estou realizada e até hoje realizando.

**S.M.V.P.** - Fale um pouco sobre a sua família.

**S.B.** - Tenho uma família maravilhosa e compreensiva. Meus três filhos, Charles, Karina e Aline têm sido, ao longo destes anos meus grandes incentivadores. Os mais velhos foram a razão de eu ter buscado me profissionalizar e aprimorar. Muito me orgulho deles e agradeço pelo apoio que me dão até hoje. Karina e Pedro me deram dois netos, Otávio e Helena. Otávio me presenteou com uma bisneta, Camila. Charles e Sabine são os pais da mais nova e adorável Johanna, hoje com dois anos. Aline é minha companheira diária em casa e na administração do salão, a mais sonhadora dos três. São eles os grandes amores da minha vida, minha realização maior.

**S.M.V.P.** - Para finalizar fale dos projetos para depois de mais este recomeço.

**S.B.** - Sei por experiência que o povo catarinense tem garra, e quanto maior o desafio, maior sua garra! Sonhar é preciso, navegar é preciso! É tempo de estar criativa. Agora, desejo dar a minhas queridas clientes um espaço mais confortável e mais seguro. Vamos aumentar o quadro de funcionários, diversificar a gama de atividades, incluindo tudo aquilo que promova mais bem estar, saúde, beleza e paz. Aproveitando o ano em que o Brasil homenageia a França, berço da Coiffure, a intenção é que o La Francine, em seu novo visual, recorde uma Maison Francesa.

**S.M.V.P.** - Muito obrigado, pela entrevista.

**S.B.** - Eu que agradeço.



**CORRESPONDÊNCIAS  
DE IMIGRANTES**

Carta n° 01

Colônia Blumenau, 26 de agosto de 1862.

Minha querida Marie.

Há meia hora recebi as tuas queridas cartas escritas em maio, no exato momento em que voltava de uma expedição extremamente longa e bem sucedida ao Rio do Teste, e para minha grande alegria soube através delas que todos vocês ainda se lembram de mim com o mesmo antigo carinho.

Primeiramente, minha querida *Mariechen*<sup>1</sup>, quero fazer-te uma pequena repreensão, na firme expectativa de que não fiques amuada comigo: a de que tu nunca dás a mínima atenção às minhas cartas. Certamente acharás esta acusação injusta e no fundo ela talvez o seja, porém ainda não me conformei com o teu sermão, por mais justo que possa ser e quero

---

1 Nota dos tradutores: Rolf e Renate Odebrecht. Marie Luise, irmã de Emil - na carta ele a chama pelo apelido, *Mariechen*. Era 5 anos mais nova que ele. Reclamava em cartas a devolução mais rápida do empréstimo que o pai havia feito a Emil. Ele trouxera para o Brasil o que havia de mais moderno no que tange a instrumentos de medições geográficas (não confundir com topográficas) e cartografia. Deduz-se que ele não era remunerado conforme suas expectativas. Deve ter sido amargo para ele, sempre muito correto e parcimonioso, o fato de não ter podido pagar mais rapidamente sua dívida. Nas cartas que seguem lemos que ele vai saldando sua conta para com a família e depois continua mandando dinheiro à irmã Anna, e escreve: “para ajudar nos cuidados com a Mãezinha”. Depois do falecimento da mãe, lemos que continua enviando numerário a sua irmã solteira. Em maio de 1862 Marie reclama pagamentos; ela estava com 22 anos de idade e provavelmente tinha em mira seu enxoval e o casamento (que aconteceu 2 anos depois). Para o enxoval e para a festa precisaria de dinheiro, que andava escasso, pois seu pai pagava as pesadas prestações dos instrumentos e aparelhos que havia comprado para o filho. A nosso ver é certa ingenuidade dela querer que em tão pouco tempo o irmão pudesse obter grandes ganhos e efetuar elevados pagamentos. Afinal, Emil aportara na Colônia Blumenau em 29.12.1861 e só para mandar uma carta ou dinheiro levava dois meses e mais. Para a remessa de numerário chegar a Anklam (cidade onde Marie Luise morava com os pais), antes de maio, a mesma teria que ter sido feita, no mínimo, no início de março. Mas se ele só começar a trabalhar em janeiro ou fevereiro?

te dizer algumas palavras em resposta; deixo a teu critério achar nelas o motivo da minha repreensão.

Bom, havia-te escrito que me enganara quanto às minhas expectativas aqui. Independentemente de considerares que o meu problema seja falta de carinho, só de pensar que os inquietaria com minha afirmação, mesmo tendo sido verdadeira, tu me dás a prova de que me tens por tremendamente leviano, pois isto eu o seria - sem exageros - acho eu, se eu os tivesse levado a uma situação financeira desfavorável, sem ter a concreta perspectiva de poder reverter o quadro.

Se aconteceu de alguma vez eu ter feito comentários... (ilegível) acerca das minhas despesas, na verdade bem expressivas, pois as circunstâncias aqui na Colônia me obrigam a viver numa hospedaria, isto não tem maior significado, sobra-me mais que o suficiente para cobrir os juros da dívida e depois de alguns anos irei pagá-la totalmente.

Já há 6 semanas tenho reservado Rs. 400\$000<sup>2</sup> (quatrocentos mil réis) na minha escrivania, sem poder mandá-los, já que o Dr. Blumenau, unicamente por cujo intermédio poderei fazê-lo, ainda não viajou. De qualquer modo o dinheiro estará aí em tempo para ajudar a

---

2 Comentário dos tradutores: **Rs. 400\$000** - (quatrocentos mil réis) na época era muito dinheiro. Quanto Emílio estaria ganhando? Em 1860, a Colônia que era particular passou a ser imperial, e o seu diretor, o Dr. Blumenau, passou a ganhar a gratificação de Rs. 4:000\$000 (quatro contos de réis) por ano, isto é, Rs. 333\$333 por mês. Quanto a seus trabalhos de agrimensura, ainda segundo as “instruções imperiais”, o agrimensor ganharia 600\$000 de gratificação por ano (50\$000 por mês) e mais: 40 réis por braça (2,20 metros) linear medida e 3\$500 de diária, mas caberia a ele pagar o “ajudante de corda” e sua alimentação. Os trabalhos seriam: demarcar lotes - aproveitando dentro do possível os rios e ribeirões que pudessem servir de linha divisória - traçar e nivelar estradas e caminhos, e abrir picadas transitáveis. Dos trabalhos realizados, deveria entregar 3 plantas. O agrimensor poderia ainda empregar 3 trabalhadores que seriam pagos pela Colônia. Uma comparação: o imigrante Theodor Kleine, (nasceu em 1820 na província de Posen; pai de Theodor e de Karl que acompanhariam o engenheiro Odebrecht em suas expedições) ganhava quando escriturário da Colônia a quantia de 50\$000 (cinquenta mil réis) por mês, ou seja, 600\$000 por ano ... Demos a explicação para demonstrar que a quantia de 400\$000 em 5 meses foi uma boa economia que o engenheiro fizera.

pagar as contas do ano novo. Aqui o envio de dinheiro está associado a maiores dificuldades e extravios do que na Europa, principalmente em se tratando de mandá-lo daqui para aí.

Anexo a carta de Hedwig<sup>3</sup>, leia-a e responda-a por mim. Para mim, o conteúdo todo me parece um tanto lamentoso (*kommt mir sehr urgrossmütterlich vor*). Os receios de Papai quanto aos perigos a que eu estaria exposto na floresta não se justificam. Somente uma única vez uma onça (*eine Unze*, escreve Emil) ousou atacar-nos subitamente, no momento em que meu pessoal e eu tomávamos o nosso café da manhã em Carijós, nesta última viagem; ela deu um salto curto demais, fugindo antes que pudéssemos pegar nas armas. D’outra vez as canoas foram levadas velozmente pelos remos e pela correnteza do Rio do Teste,<sup>4</sup> e foram parar em águas onde se encontrava um bando de bugres (*Buger*), que procuraram salvar-se fugindo imediatamente.

Adeus por hoje.

Dá lembranças cordiais ao *Vating* e à *Mutting*,<sup>5</sup> à Hedwig, à

3 Hedwig, Anna e Rudolph - irmãos de Emil.

4 Afluente do Itajaí-açu.

5 *Vating und Mutting* (Papai e Mamãe) - como Emil os chamava carinhosamente por carta, no dialeto do norte da Alemanha. August Odebrecht e Bertha, nata L’Oeillot de Mars, moravam em Anklam, Pomerânia Ocidental, Reino da Prússia, Alemanha, onde ele era Juiz de Direito. Anteriormente August exercera suas funções em Jacobshagen, Pomerânia Oriental, Prússia, hoje Polônia, onde Emil nasceu. Seus filhos: Emil, Anne Clara, Marie Luise, Hedwig, Anna e Rudolph.

Nós os comentaristas de *Cartas de Família*, Rolf e Renate S. Odebrecht, estivemos em Jacobshagen (cidade que hoje é polonesa, com o nome de Dobrzany) em 1989, pouco antes da queda do Muro de Berlim; vimos inclusive o prédio em que August Odebrecht exerceu suas funções de juiz de direito, juntamente com mais 2 outros juízes. Segundo o livro “*600 Jahre Jacobshagen*” de Fritz Knack, naquele tempo lá havia médicos, engenheiros florestais, hospital, etc., enfim era uma cidade e comarca, enquanto que em 1989 deparamos com um vilarejo parado, sem juízes nem médicos - havia unicamente um posto de saúde com 2 enfermeiras. Quando quisemos fotografar o velho prédio - transformado em moradias para diversas famílias - surgiu um gendarme e gritou em polonês: “é proibido fotografar!”. Mais tarde soubemos que era porque do lado do prédio havia uma pequena agência de correios - motivo de segurança nacional!

Anna e ao Rudolph. Tenho que terminar porque a canoa do correio já está aguardando (a canoa que levava a correspondência a Itajaí). Com todo o amor,

Teu Emil

Carta n° 02

Desterro, 31 de maio de 1864<sup>6</sup>.

Caro Eugen<sup>7</sup>.

Desde que as ondas do oceano quebram nas rochosas costas brasileiras, provavelmente nunca antes um ser humano estendeu a mão a outro num pacto de irmão, com mais alegria e mais sinceridade do que eu hoje, mas também nunca amigos ficaram unidos por um laço mais sólido, mais nobre!

Eugen, eu me sinto feliz em ver minha irmã Marie <sup>8</sup>em tuas mãos! Tu “quase não acreditas”, como dizes, que me lembre de ti! Acho que

---

Não havia nenhum movimento de carros, bandos de gansos descansavam no asfalto morninho das ruas. Era o regime comunista (uma das maiores rendas da cidade era exportar penas e plumas de ganso para a Alemanha Ocidental). Uma curiosidade: ao contrário dos teuto-brasileiros que tiram as plumas e penas finas dos gansos (e dos patos e marrecos) depois de abatidos, os poloneses e também alguns polono-brasileiros tiram as plumas e penas finas dos gansos vivos, na época certa do ano (pois as aves voltam a se emplumar), deixando-os passear pelados....

**Emil** - O Eng<sup>o</sup> Odebrecht - patriarca dos Odebrecht brasileiros - escreve a sua irmã, que fizera uma extremamente longa expedição ao Rio do Testo (atual município de Pomerode-SC). Ele não imaginava que anos depois iria considerá-la extremamente curta, uma vez que passou a fazer expedições, por decênios, das quais só voltava uma vez por ano para rever esposa, filhos e amigos. Ficava 11 meses longe de casa, sendo que em 1887/88 passou 13 meses sem poder dar um abraço na esposa e nos filhos ...

6 Esta carta foi escrita no verso da carta que Emil escreveu a sua irmã, por isto não identificou a cidade de onde escreveu, nem data.

7 Eugen - Dr. Phd. Phil. Eugen Briegleb, professor e depois diretor e reitor.

8 Marie - Marie Luise, irmã de Emil. O casamento foi festejado em Anklam, em 7.10.1864. Tiveram cinco filhos: Eugen, Elisabeth (que ficou conhecida por Else), Marie (Mieke), Konrad e Marianne. Mais dados no Anexo I, subtítulo “Irmãos de Emil”.

poderia te desenhar, com teus cabelos pretos e teus óculos, tão indelével está tua fisionomia na minha memória, embora, me lembre muito bem, de só ter-te visto e falado poucas vezes.

(...uma frase ilegível no original em letra gótica ...).

Tu me és bem vindo de coração, mas não só pelo “amor, consideração e escolha de tua amada Marie”, mas porque eu mesmo te conheci e te respeito.

Minhas atenciosas recomendações a teus pais e irmãos. Aqui fico com grande amizade

teu E. Odebrecht

Carta nº 03

Desterro, 31 de Maio de 1864.

Minha querida Mariechen!<sup>9</sup>

Não podes de jeito nenhum pedir-me que responda com uma longa carta a tua carta curtinha! Tudo o que posso dizer-te, minha querida irmã, pode ser expresso em poucas palavras! Sinto-me por demais feliz por ver realizados os desejos do teu coração que há muito não me são desconhecidos! Sê feliz! - que é isto? O que escrevo eu? Tu o és! Pois continua feliz - assim como eu o sou!

Te beijo com amor infinito

Teu Emil.

<sup>9</sup> Esta carta dele é resposta a outra em que Marie comunica seu noivado com Eugen Briegleb. Emil imigrou definitivamente em dezembro de 1861. Casou em fevereiro de 1864 com Bertha Bichels (que também imigrara, juntamente com os pais); portanto estava casado há 4 meses quando escreve à irmã: “... *feliz - assim como eu o sou!*”.

Carta nº 04

Blumenau, 27 de maio de 1870<sup>1</sup>

Minha cara Anna!

Tua querida carta de 2 de fevereiro chegou só ontem e tarde demais para que eu ainda a possa responder e mandar com a próxima mala do correio. Em compensação apareceu-me a oportunidade de te mandar estas poucas linhas com um conhecido que embarca amanhã para Hamburgo!

Então, também no teu caminho, querida menina, estão sendo semeados espinhos?

(ilegível e ou não entendível)

Sobre tua idéia de ir para o Texas no ano que vem, deverás, antes de mais nada, submeter a uma madura e completa reflexão! Não acredito que tu hoje já estejas bem a par das circunstâncias de vida americanas, a ponto de entregares a elas a tua existência. Se nesse ínterim queres ouvir um pouco os pontos de vista de teu irmão, então considere que a América nunca te oferecerá o que tu esperas! Não há garantia nenhuma para uma realização de vida, a América é o país da desilusão. Aqui quanto mais brilhante algo te pareça, mais podes contar com a tua total frustração.<sup>2</sup>

---

1 O cabeçalho é uma bela paisagem - a bico de pena - de Desterro, com muitos veleiros ancorados na baía.

2 Quer-nos parecer que depois de nove anos de trabalho no Brasil, o Eng<sup>o</sup> Odebrecht ainda estava pagando dívidas que fizera quando emigrara. Sabemos que seu pai investira grande soma de dinheiro na aquisição dos sofisticados instrumentos de agrimensura e de cartografia que Emil trouxera para cá e que ficara de pagar. Sentimos nas palavras à irmã sua frustração com as circunstâncias que aqui encontrou e sobre as quais fala em outras cartas. Deduzimos de vários comentários de Emil - sempre muito comedidos - em cartas aos parentes, que não era remunerado à altura dos serviços que prestava e dos sacrifícios que fazia. Ele e sua família sempre tiveram que fazer muita economia. Na época, já era há anos funcionário público, do Ministério da Agricultura. Conforme escreve anos depois (há uma lacuna de 8 anos na correspondência referente a cartas

Mas, minha querida Anna<sup>3</sup>! Vamos deixar de lado este tema, sei que de qualquer modo ainda me notificarás em tempo de qualquer resolução tua! Agora certamente já estás em Berlim em plena atividade e eu desejo que alcances em breve, a meta que te propuseste. Como estão Lina<sup>4</sup> e Gustav? Saúda-os carinhosamente de minha parte, e diga a Lina que eu jamais a teria reconhecido na fotografia, pensei muitas vezes na minha priminha, mas *Linchen* ainda está diante dos meus olhos como ela era. Quanto a Gustav, ele bem que poderia ter respondido minha última carta.

Fiquei muito feliz com as fotografias de *Linchen*, Gustav e da bisavó e te agradeço muito. Se tu conseguires, peço-te que juntes para mim as fotografias de todos nossos parentes e conhecidos. Mas agora tenho ainda uma missão para ti: a de pedir para tia Louise que ela me dê de presente o quadro a óleo de seus pais. O Sr. Grevsmühl<sup>5</sup> retorna para cá em outubro e certamente o traria consigo. Tia Louise - transmita minhas carinhosas saudações a ela - com isto me faria uma grande alegria.

Aqui em casa, graças a Deus, estão todos bem e felizes. O pequeno Oswald não fugiu à regra, é muito amável e querido.

Bertha escreverá e mandará carta com o próximo correio. Por ora, te desejo tudo de bom. Carinhosas saudações do teu irmão

Emil.

---

que desapareceram), ele convivia com o empreguismo, a corrupção, a negligência e a omissão. Percebemos também que ele tenta amenizar a saudade da família distante e dos amigos com as fotografias destes entes queridos ...

3 Anna e Rudolph: irmãos de Emil, então ainda solteiros

4 Lina, Gustav, tia Louise, a avó e a bisavó: devem ser da família da mãe de Emil, pois ele em seguida pede a Anna que transmita saudações a todos os Loeillots.

5 Grevsmühl: (Johann) imigrou com boas posses financeiras. Seu filho, Hermann, casou em 1878 com Auguste Bichels, irmã de Bertha Odebrecht.

Já te escrevi que mandei dinheiro pelo Pai ao tio Voss.

Voss<sup>6</sup> receberá cerca de 100 marcos mais os juros, os restantes 100 marcos são para ti, pelo teu aniversário.

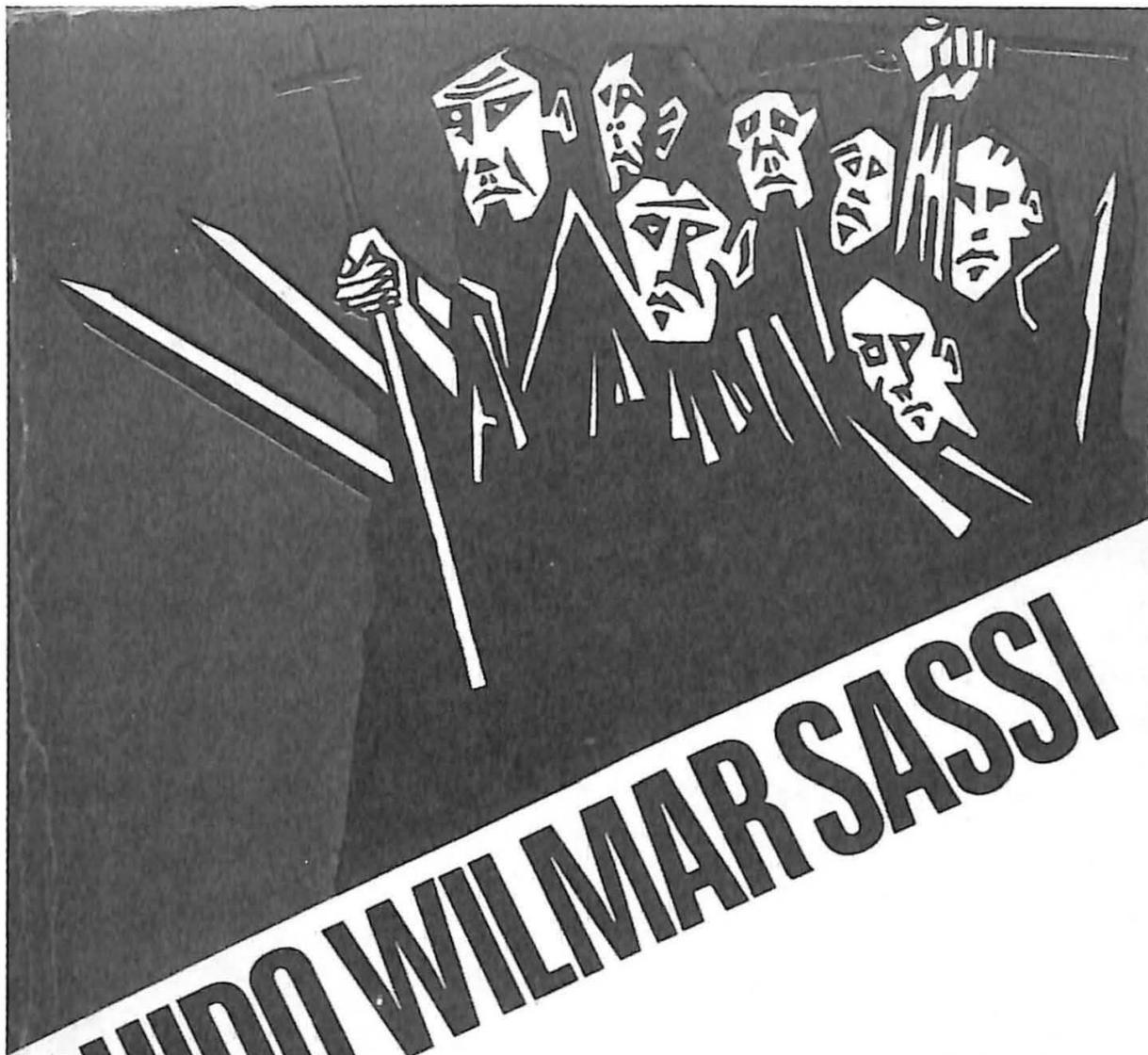
Teu Emil.

Transmita saudações carinhosas minhas a todos os Loeillots e a todos os parentes. Como vai Rudolph? *Línchen* está na fotografia, nossa avó e nossa bisavó Miehe (o último nome está meio ilegível). Tu precisas acrescentar explicações, toda vez, senão os equívocos são inevitáveis. Não existe nenhuma fotografia dos Schauer?

E. O.

---

6 *Onkel* Voss - tio Voss: não temos maiores dados. O Schauer: idem. Do tio Schauer existem referências em outras cartas. Bertha: esposa de Emil (a mãe dele também se chamava Bertha).



**GUIDO WILMAR SASSI**

**GERAÇÃO  
DO  
DESERTO**

ROMANCE

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

SEGUNDA EDIÇÃO

3

MOVIMENTO

**GERAÇÃO DO DESERTO**

## “GERAÇÃO DO DESERTO” - 45 ANOS

Enéas Athanázio<sup>1</sup>

Publicado em primeira edição no ano de 1964, pela Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, “Geração do Deserto”, de autoria de Guido Wilmar Sassi, está completando 45 anos. Segundo a crítica, o livro não despertou na época o interesse que mereceria, talvez pela circunstância negativa de ter surgido num ano turbulento em que se implantava o regime autoritário no país e a tensão social reinante era grave. Aos poucos, porém, a obra se impôs, mereceu diversas edições, tem sido objeto de inúmeros estudos e foi adaptada para o cinema pelo cineasta Sylvio Back, em 1971, com o título de “A Guerra dos Pelados.” O tempo fez justiça e compensou a frieza com que o livro foi recebido.

“Geração do Deserto” é um romance histórico, o primeiro que surgiu sobre o Contestado, e que abriu os caminhos para as produções posteriores. Ainda que seja obra de ficção, os eventos e personagens mais significativos são reais, contracenando no mesmo plano com outros que foram criados pela fértil imaginação do ficcionista. Escrito em linguagem clara e direta, o romance descreve em linhas gerais tudo que aconteceu de importante durante o conflito que teve início em 1912 e perdurou até 1916, com passagens épicas mescladas com outras românticas, a pura violência e o amor verdadeiro. Transparece uma evidente simpatia do autor pelos seres anônimos, personagens sem história e sem importância, envolvidos pela guerra brutal que os cerca e orienta suas vidas por caminhos nem sempre desejados. Sabe pintá-los com ternura e emoção.

O romance foi dividido com habilidade em quatro partes, cada

---

<sup>1</sup> Escritor e advogado.

uma delas focalizando os momentos decisivos da guerra. Assim, a primeira diz respeito a Irani, onde se feriu o encontro das tropas oficiais com os revoltosos comandados pelo monge José Maria, ocasião em que tanto este como o coronel João Gualberto, comandante da força repressora, pereceram, fato surpreendente e que imprimiu ao conflito rumos totalmente inesperados. O combate fatídico aconteceu a 22 de outubro de 1912, embora os relatos registrem que o monge tudo fez para evitá-lo, iniciando-se aí a guerra até então esboçada. José Maria, o monge guerreiro, seria na verdade Miguel Lucena de Boaventura, desertor da Força Pública do Paraná, e que residia no distrito de Espinilho, no município de Campos Novos, onde se notabilizara como “remedieiro” de múltiplos recursos. Era um homem baixote e corpulento, retaco, de pernas e braços curtos, mas infundia respeito e admiração, sendo seguido sem pestanejar pelos fanáticos.

As partes seguintes dizem respeito a Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria. Entre esses redutos e outros menores decorriam as incessantes hostilidades, cobrindo enorme extensão territorial. Os jagunços, conhecedores do terreno, praticavam uma guerra móvel, espécie de guerrilha, em que a surpresa das tocaias desnor-teava o inimigo. Atiravam de cima das árvores, nos desfiladeiros estreitos; nos carreiros fundos, escondidos pelo mato e as baixas eram numerosas. Estimulados pela crença no retorno de José Maria, continuador do monge João Maria, os fanáticos lutavam como feras. Em suas almas toscas se misturavam o misticismo, as crenças e as superstições, o ódio aos paranaenses invasores, aos “americanos” (aí entendidos os funcionários da Lumber e das empresas colonizadoras) e aos “peludos” em geral e crepitava a esperança de um mundo melhor em que pudessem viver em paz nas suas terras sem que fossem incomodados pela Companhia Lumber e pela estrada de ferro. Mas a Guerra Santa, como todas as demais guerras, acabou em imensa tragédia.

Corre então a notícia da rendição dos revoltosos. “Confirmada a notícia – escreveu o romancista, - a rendição aceita, começam a chegar as primeiras levadas de jagunços. Gente aleijada, semimortos de fome, disenteria, tifo e varíola; a maioria velhos, mulheres e crianças. Pelo acampamento desfilou aquele ror de trôpegos, macilentos e esfomeados – o saldo de quatro anos de guerra” (p. 152). Mortos ou aprisionados os líderes, o movimento se extinguiu mas os acontecimentos marcaram para sempre a alma do sofrido povo da região. E Guido Wilmar Sassi, neste romance seminal, registrou como ninguém os percalços do maior movimento de insurgência civil da história nacional.

---

R. Magalhães Júnior foi um profundo estudioso de nossa literatura e fino observador dos bastidores da vida literária. Suas obras, em particular as biografias, nunca se limitaram a reconstituir a vida do biografado e analisar sua produção. Elas descrevem o cenário onde o biografado se movimentava e os personagens que o habitavam.

Informa ele, por exemplo, que o poeta e médico catarinense Luís Delfino foi homem discreto e comedido ao extremo, sendo quase impossível arrancar dele alguma opinião sobre seus contemporâneos ou um julgamento de suas obras. Exercia nesse campo a mais refinada diplomacia. Revelava, porém, preocupação com o destino de seus poemas, espalhados nas páginas dos jornais e jamais reunidos em livro durante sua existência.

Relata também que o escritor catarinense Virgílio Várzea se inscreveu a uma vaga da Academia Brasileira de Letras, tendo como concorrentes João do Rio (Paulo Barreto) e o Barão de Jaceguai, herói naval da Guerra do Paraguai, e já septuagenário, em favor de quem havia intenso trabalho de bastidores. Reconhecendo a dificuldade do pleito, tanto João do Rio como Virgílio Várzea retiraram as candidaturas, deixando livre

o caminho para a eleição do Barão. João do Rio seria eleito, mais tarde, com menos de trinta anos de idade. Várzea, ao que parece, não voltou a se inscrever.

---

Através do advogado e veterano colunista do jornal “O Comércio”, recebi um exemplar da “Revista da Academia de Letras do Vale do Iguaçu”, instituição com sede nas cidades gêmeas de Porto União e União da Vitória. Constatei com satisfação que foram homenageados como patronos os professores Fr. Libório Lueg e Estevão Juk, ambos meus mestres nos dias de colégio, o Prof. Alvir Riesemberg, também médico, amigo de meu pai, com quem tive o prazer de trocar cartas e manter longas palestras, e o historiador Cyro Ehlke. Como acadêmicos, encontrei Fahena e Paulo Horbatiuk, professores, Joaquim Osório Ribas e Willy Carlos Jung, ambos contemporâneos de colégio, Odilon Muncinelli, Cordovan Frederico de Melo Júnior, Francisco Filipak, Fernando Tokarski e Nelson Antônio Sicuro, todos amigos de diferentes fases. A publicação contém ainda numerosas informações sobre a entidade desde sua fundação.



## GALERIA DE IMAGENS

Blumenau em Cadernos, a partir desta publicação, traz para os leitores a coluna que se intitula “Galeria de Imagens”. Pretende-se desta forma começar a divulgar o acervo fotográfico do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau.

Para conhecimento do pesquisador, esta unidade de pesquisa reúne em seu acervo mais de 75 mil fotografias que estão dispostas em “Coleções”, divididas em séries e sub-séries, facilitando a sua localização. Este elevado número de registros fotográficos é o resultado de doações feitas por famílias, instituições e fotógrafos profissionais, e hoje constituem fontes de estudos e informações para usuários, pesquisadores e historiadores.

Nesta edição, publicamos algumas imagens do interior do Restaurante Aquarium. As fotografias foram tiradas pelo fotógrafo Guinther Schroeder, conhecido na cidade pelo seu trabalho junto ao Foto Dietz. Nascido em Magdeburgo, Alemanha, sua vida profissional começou em 1953, quando trabalhou na Imprensa Paranaense, filial de Blumenau, na função de fotógrafo de reprodução na linha de produção gráfica. Dois anos depois foi transferido para a matriz, em Curitiba.

Ao retornar a Blumenau, em 1959, estabeleceu-se individualmente no ramo fotográfico, comprando o stúdio de Maria Dietz, cujo nome permanece até hoje.



Vista do Grande Hotel Blumenau. Porta de entrada do Restaurante Aquarium, 1968. -  
Fotógrafo Guinther Schroeder. Acervo A.H.J.F.S.



Vista do interior do Restaurante Aquarium, 1968. - Fotógrafo Guinther Schroeder.  
Acervo A.H.J.F.S.



Bar do Restaurante Aquarium, 1968. - Fotógrafo Guinther Schroeder. Acervo A.H.J.F.S.



Equipe do Restaurante Aquarium, 1968. - Fotógrafo Guinther Schroeder. Acervo A.H.J.F.S.

# REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

## **Política editorial**

Blumenau em Cadernos é uma Revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de materiais da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

O periódico, registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

É formada por um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

## **Artigos**

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias devem estar preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto; Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando preferencialmente resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

## **Autores Catarinenses**

Comentários e críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

## **Biografias**

Dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

## **Burocracia & Governo**

Publicação de documentos oficiais que sejam de interesse à História regional.

## **Crônicas do cotidiano**

Contempla autores que narram sob a forma de crônicas e aspectos das vivências regionais.

### **Documentos Originais**

Seção bilíngüe, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para português.

### **Entrevistas**

Trata-se de depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

### **Fragmentos da nossa história local**

Artigos de antigos jornais de Blumenau revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

### **Memórias**

Contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

### **Transcrição de documentos**

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br) digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas além de vir no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. O Conselho Editorial se reserva ao direito de publicar ou não os textos encaminhados a sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores;

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2009 (Tomo 50).

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_ reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: \_\_\_\_\_ Número do Cheque: \_\_\_\_\_

Dados do Assinante:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - Fone para contato: \_\_\_\_\_

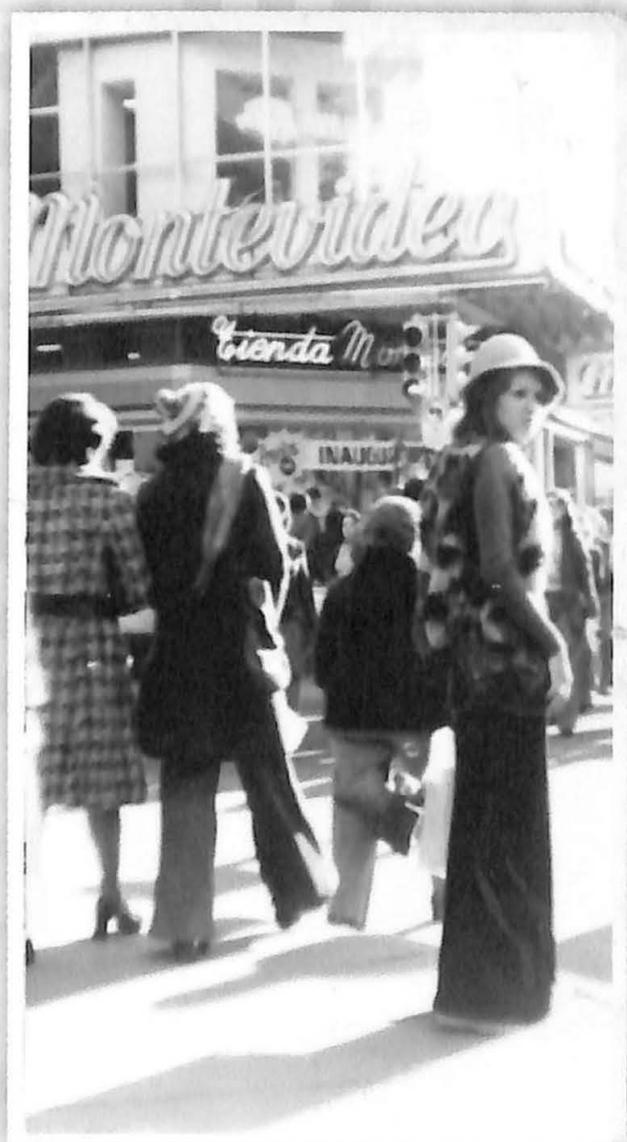
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)



**P**enso que todo ser humano nasce da Perfeição Divina e traz em si a ânsia de manifestar esta perfeição. Beleza, Perfeição são atributos do Criador e, no meu entender, uma é a base da outra.

Persequimos e contemplamos extasiados tudo que nos parece belo, cada um a seu modo. Não tenho como duvidar de que muito cedo em minha vida este anseio da alma humana por beleza e harmonia me foi sendo revelado e manifestado."



\* Extraído da entrevista com Sulimar Bernardes, Suli. Página 91